A.R.N.

ENSAIO
SOBRE ALGUNS SYNONYMOS
DA
LINGUA PORTUGUEZA.

ENSAIO

SOBRE ALGUNS SYNONYMOS

DA

LINGUA PORTUGUEZA.

ENSAIO

SOBRE ALGUNS SYNONYMOS

DA

LINGUA PORTUGUEZA.

POR

D. Fr. FRANCISCO DE S. LUIZ,

Socio effectivo da Academia Real das Sciencias, &c. &c.

Segunda Edição.

LISBOA

Na Typografia da Academia R. das Sciencias.

1824.

Com Licença de SUA MAGESTADE.

5539

Le premier pas vers la raison devoit être de savoir parler : cela est plus rare qu' on ne pense ; et en général, un des moyens les plus directs pour perfectionner l'intelligence d'un peuple, c'est d'épurer son langage.

De Weiss, *Princip. Philosoph.*

469.5
L953e
v.1 g.r.
3135

ARTIGO

EXTRAHIDO DAS ACTAS

DA

ACADEMIA REAL DAS SCIENCIAS

DA

SESSÃO DE 3 DE JUNHO DE 1822.

Determina a Academia Real das Sciencias, que o Ensaio dos Synonymos da Lingua Portugueza, *que lhe offereceo o seu Socio* D. Fr. Francisco de S. Luiz, *e que foi julgado digno da luz publica, se reimprima á custa da mesma Academia, e debaixo do seu Privilegio.*

José Maria Dantas Pereira,

Secretario da Academia.

§ 3

ARTIGO

EXTRAHIDO DAS ACTAS

DA

ACADEMIA REAL DAS SCIENCIAS

DA

SESSÃO DE 3 DE JUNHO DE 1822.

DEtermina a Academia Real das Sciencias, que o Ensaio dos Synonymos da Lingua Portugueza, que lhe offereceo o seu Socio D. Fr. Francisco de S. Luiz, e que foi julgado digno da luz publica, se reimprima á custa da mesma Academia, e debaixo do seu Privilegio.

José Maria Dantas Pereira,

Secretario da Academia.

PRIVILEGIO.

EU a RAINHA Faço saber aos que este Alvará virem: Que havendo-me representado a Academia das Sciencias estabelecida com Permissão Minha na Cidade de Lisboa, que comprehendendo entre os objectos, que formão o Plano da sua Instituição, o de trabalhar na composição de hum Diccionario da Lingoa Portugueza, o mais completo que se possa produzir; o de compilar em boa ordem, e com depurada escolha os Documentos, que podem illustrar a Historia Nacional, para os dar á luz; o de publicar em separadas Collecções as Obras de Litteratura, que ainda não forão publicadas; o de instaurar por meio de novas Edições as Obras de Auctores de merecimento, e cujos Exemplares forem muito antigos, ou se tiverem feito raros; o de trabalhar exacta e assiduamente sobre a Historia Litteraria destes Reinos; o de publicar as Memorias dos seus Socios, das quaes as que contivcrem novos descobrimentos, ou perfeições importantes ás Sciencias, e boas Artes serão publicadas com o titulo de *Memorias de Academia*, ficando as outras para servirem de materia a separadas e distinctas Collecções, nas quaes se dê ao publico em Extractos e Traducções periodicamente tudo o que nas Obras das outras Academias, e nas de Auctores particulares houver mais proprio, e digno da Instrucção Nacional; e final-

mente o de fazer compôr, e publicar hum Mappa Civil e Litterario, que contenha as noticias do nascimento, empregos, e habitações das pessoas principaes, de que se compoem os Estados destes Reinos, Tribunaes, ou Juntas de administração da justiça, arrecadação de Fazenda, e outras particulares noticias, na conformidade do que se pratica em outras Cortes da Europa: E porque havendo de ser summamente despendiosas, tantas, e tão numerosas as edições das sobreditas Obras, seria facil que a Academia se arriscasse a baldar a importante despeza, que determina fazer nella; se Eu não Me dignasse de privilegiar as suas edições, paraque se lhe não contrafizessem, nem se lhe reimprimissem contra sua vontade, ou mandassem vir de fóra impressas, em detrimento irreparavel da reputação da mesma Academia, e das consideraveis sommas que nellas deverá gastar: Ao que tudo Tendo consideração, e ao mais que Me foi presente em Consulta da Real Meza Censoria, á qual Commetti o exame desta louvavel empreza; Querendo animar a sobredita Academia, paraque reduza a effeito os referidos uteis objectos, que o estão sendo da sua applicação: Sou Servida Ordenar aos ditos respeitos o seguinte:

Hei por bem, e ordeno, que por tempo de dez annos contados desde a publicação das edições, sejão privilegiadas todas as Obras, que a sobredita Academia das Sciencias fizer imprimir e publicar; paraque nenhuma pessoa ou seja natural, ou existente, e moradora nestes Reinos as possa mandar reimprimir, nem introduzir nelles, sendo reimpressas em paizes estrangeiros: debaixo das penas de perdimento de todas as edições que se fizerem, ou introduzirem em contravenção deste Privilegio, as quaes serão apprehendidas a favor da Academia; e de duzentos mil reis de condemnação, que se imporá irremissivelmente ao transgressor, e que será applicada em partes iguaes para o denunciante, e para o Hospital Real de S. José.

Exceptuo porém da generalidade deste Privilegio

aquelles cásos, em que as materias, que fizerem o objecto das Obras que publicar a Academia, appareção tratadas com variação substancial, e importante; ou pelo melhor methodo, novos descobrimentos, e perfeições scientificas se achar, que differem das que imprimio a Academia: sendo o exame e confrontação de humas e outras Obras feito na Real Meza Censoria, ao tempo de se conceder a licença para a impressão das que fazem o objecto desta excepção: Encarregando muito á mesma Meza o referido exame, e confrontação; para consequentemente conceder, ou negar a licença nos casos occorrentes e circunstancias acima referidas. Nesta excepção Incluo as Obras particulares de cada hum dos Socios; porque estas só poderáõ ser privilegiadas, ou quando forem impressas á custa da Academia, ou quando os seus proprios auctores Me supplicarem o privilegio para ellas.

Hei outrosim por bem, e Ordeno, que sejão igualmente privilegiadas pelo referido tempo todas as edições, que a referida Academia fizer de manuscriptos, que haja adquirido: comtanto porém que dellas não resulte prejuizo ás pessoas, que primeiro os houverem adquirido, ou lhes pertenção pelos titulos de herança, ou de compra, e tenhão intenção de os imprimir por sua conta. E paraque a este respeito haja alguma regra, que attenda á utilidade publica, e á particular: Determino, que a Academia possa imprimir os referidos manuscriptos; ou logoque mostrar que seus donos não querem imprimi-los; ou que havendo elles declarado quererem da-los á luz, o não fizerem no prefixo termo de cinco annos, que neste caso lhes serão assignados para os imprimirem.

Hei outrosim por bem, e Ordeno, que na generalidade do Privilegio, que a referida Academia Me supplica, e lhe Concedo na sobredita conformidade para a reimpressão das Obras ou antigas, ou raras, ou de auctores existentes, fiquem salvas as Obras, que a Universidade de Coimbra mandar imprimir; ou porque

sejão concernentes aos estudos das faculdades, que se ensinão nella; ou porque sendo compostas por professores della, as mande imprimir a mesma Universidade, como hum testemunho publico dos progressos, e da reputação litteraria dos referidos professores: E fiquem igualmente salvas as outras Obras, que actualmente estão sendo ou impressas, ou vendidas por algumas corporações, e por familias particulares, e que nellas tem em certo modo constituido ha muitos annos huma boa parte da sua subsistencia, e patrimonio: e a cujo beneficio Podcrei privilegia-las, ou prorogar-lhes os Privilegios que tiverem.

Hei por bem finalmente, e Ordeno, que na concessão do Privilegio, que igualmente Concedo na sobredita conformidade, para a referida Academia publicar o Mappa civil e litterario na fórma acima declarada, fiquem salvos os Privilegios seguintes, a saber: o Privilegio concedido aos officiaes da Minha Secretaria de Estado dos negocios estrangeiros, e da guerra para a impressão da *Gazeta de Lisboa:* O Privilegio perpetuo da Congregação do oratorio para a impressão do Diario ecclesiastico, vulgarmente chamado *Folhinha:* e o Privilegio que Fui servida conceder a Felix Antonio Castrioto para o *Jornal encyclopedico:* Paraque em vista dos referidos Privilegios, e das edições, que fazem os objectos delles, se haja a Academia de regular por tal maneira na composição do referido Mappa civil e litterario, que de nenhum modo fiquem offendidos os mesmos Privilegios, que devem ficar illesos.

E este Alvará se cumprirá sem duvida, ou embargo algum, e tão inteiramente, como nelle se contém.

E peloque: Mando á Meza do Desembargo do Paço, Real Meza Censoria, Concelhos da Minha Real fazenda, e Ultramar, Meza da consciencia e ordens, Regedor da Casa da Supplicação, Governador da Relação e casa do Porto, Reformador Reitor da Univer-

sidade de Coimbra, Senado da Camara da cidade de Lisboa, e a todos os corregedores, provedores, ouvidores, juizes, magistrados, e mais justiças, ás quaes o conhecimento e cumprimento deste Alvará por qualquer modo pertença, ou haja de pertencer; que o cumprão, guardem, fação cumprir, e guardar inviolavelmente, sem lhes ser posto embargo, impedimento, duvida, ou opposição alguma, qualquer que ella seja: paraque a observancia delle seja inteira, e tão litteral, como nelle se contém. E Mando outrosim ao Doutor Antonio Freire de Andrade Enserrabodes, do Meu Conselho, Desembargador do Paço, e Chanceller mór destes Reinos, que o faça publicar na Chancellaria, e que por ella passe: ordenando, que nella fique registado, e que se registe em todos os lugares, em que deva ficar registado, e conveniente for á sobredita Academia, para a conservação e guarda dos Privilegios, que neste Alvará lhe Tenho concedido. Dado no Palacio de Nossa Senhora da Ajuda aos vinte e dois de Março de mil setecentos oitenta e hum.

RAINHA

Visconde de Villanova da Cerveira.

Alvará pelo qual Vossa Magestade, pelos motivos nelle mencionados, Ha por bem conceder á Academia das Sciencias, estabelecida com a Sua Real Permissão na Cidade de Lisboa, o Privilegio por tempo de dez annos, para poder imprimir privativamente todas as Obras, de que faz menção: com excepções e modificações, que vão nelle expressas; e com as penas contra os transgressores do referido Privilegio: tudo na fórma acima declarada.

Para Vossa Magestade ver.

Registado nesta Secretaria de Estado dos negocios do Reino em o Livr. VI. das Cartas, Alvarás, e Patentes a fl. 93 ℣. Nossa Senhora da Ajuda 7 de Maio de 1781.

Joaquim José Borralho.

Antonio Freire d'Andrade Enserrabodes. Gratis.

Foi publicado este Alvará na Chancellaria mor da Corte e Reino, pela qual passou. Lisboa de Maio de 1781.

D. Sebastião Maldonado.

Publique-se, e registe-se nos livros da Chancellaria mor do Reino. Lisboa 18 de Maio de 1781.

Antonio Freire d'Andrade Enserrabodes.

Registado na Chancellaria mor da Corte e Reino no livr. das Leis a fl. 34 ℣. Lisboa 19 de Maio de 1781.

Antonio José de Moura.

João Chrysostomo de Faria e Sousa de Vasconcellos de Sá o fez.

Registado na Chancellaria mor da Corte e Reino no livr. de Officios e Mercês a fl. 68. Lisboa 21 de Maio de 1781.

Mattheus Rodrigues Vianna.

PREFAÇÃO.

Muito tempo ha que se deseja hum *Tratado dos Synonymos da Lingua Portugueza*; e a Academia Real das Sciencias, que com tanto desvelo promove o adiantamento da litteratura nacional, e com igual discernimento escolhe para assumpto dos seus Programmas as materias que melhor podem illustrala, e levala á perfeição, já no anno de 1812 propôz este trabalho, como conducente a tão importante fim, e digno por isso mesmo das applicações dos eruditos.

Nós tomamos a empreza, não de desempenhar completamente hum assumpto tão vasto, e tão difficil; mas de appresentar á Academia hum Ensaio, sobre o qual formando ella o seu juizo, possa indicar-nos os erros e defeitos, que parecerem dignos de correcção, e dirigir-nos por este modo com as suas luzes na continuação de hum trabalho, que julgamos ser de reconhecida utilidade.

Dizemos de *reconhecida utilidade*; porque sendo incontestavel, que os progressos da razão humana em qualquer ramo das sciencias depende essencialmente da exacta precisão da linguagem, e que

hum Diccionario bem feito do idioma de qualquer nação, he o mais certo demonstrador do gráo de perfeição, a que tem chegado nessa nação os conhecimentos uteis; claro está, que nem aquella precisão se póde alcançar, sem serem bem determinadas as differenças, ás vezes quasi imperceptiveis, que ha entre os vocabulos reputados por synonymos; nem este Diccionario se poderá jámais dizer bem feito, semque nelle se notem essas differenças.

As mesmas razões porém, em que se funda a utilidade deste trabalho, são de algum modo as que entre nós o fazem de mui difficil desempenho.

Temos na verdade muitos e illustres classicos, que na idade aurea da nossa litteratura escreverão com pureza e elegancia, e até com sufficiente perspicuidade, e nos transmittirão em seus escriptos muitas riquezas da linguagem patria: mas não tivemos então, nem temos tido até o presente abundancia de sabios que escrevessem na lingua portugueza obras scientificas, e didacticas, em que lhes fosse necessario determinar e fixar com toda a precisão filosofica o valor e differenças dos vocabulos synonymos; e em que por esse modo nos deixassem os subsidios necessarios para o bom desempenho do nosso assumpto.

Em todos os tempos parece que a criação, ou restauração da litteratura e bellas-artes tem precedido á das sciencias severas, e exactas: e está lei

que se observa na Historia litteraria das nações sabias, abrangeo tambem ao nosso Portugal.

Melhorou-se nos reinados dos Senhores D. Manoel e D. João III. a nossa lingua: cultivou-se com grande esmero a poesia nacional, a eloquencia, a historia, e outros ramos de litteratura; mas as sciencias que costumamos chamar maiores, ficárão no misero estado, em que então se achavão geralmente em toda a Europa; e os progressos, que logo depois começárão a fazer em algumas nações cultas, não poderão superar os redobrados obstaculos, que em Portugal se poserão á sua introducção.

Assim, a lingua ganhou muito na abundancia de vocabulos, na regularidade das fórmas, na harmonia dos sons, e na flexibilidade a todos os estilos: mas mui pouco ou nada adquirio na exacção, e precisão filosofica: porque nem a verdadeira arte de pensar era ainda cultivada, ou pelo menos conhecida; nem a sua intima, e necessaria ligação com a arte de fallar, e escrever era demonstrada, como depois o foi pelos esforços e immortaes trabalhos de Lock e Condillac.

Os nossos classicos pois não conhecendo as incomparaveis vantagens da analyse no estudo das faculdades intellectuaes, e de quaesquer outros humanos conhecimentos, nem julgando de absoluta necessidade para a belleza de seus escriptos essa apurada precisão dos vocabulos, em que consiste o prin-

cipal instrumento da mesma analyse, empregárão as mais das vezes promiscuamente as palavras, que no uso vulgar se tinhão por synonymas, e quasi nos não deixárão soccorro algum para bem determinarmos as suas differenças. E esta foi a maior difficuldade que encontramos na execução do nosso projecto; e que por certo não achárão em igual gráo os que quizerão fazer tão util serviço á lingua franceza, ingleza, e latina.

Debalde para remediarmos esta penuria nos lembrariamos de recorrer aos nossos Diccionarios antigos, ou modernos. A mais ligeira reflexão, que sobre elles se faça, basta para mostrar-nos, quanto seus autores menosprezárão esta importantissima parte do trabalho, aliàs difficil e arduo, a que consagrárão seus estudos. O mesmo douto compilador de Bluteau, de quem poderia esperar-se mais alguma cousa, e cujo merecimento se não deve jámais desconhecer, foi tão descuidado neste ponto, que a cada passo encontramos nelle vocabulos definidos, ou explicados huns pelos outros, ommittindo totalmente as differenças, ás vezes bem sensiveis, que os caracterizão, e que distinguem as suas significações.

No meio pois desta quasi absoluta carencia de subsidios, que facilitassem o nosso trabalho, eis-aqui o methodo com que procedemos na composição dos artigos, de que consta este Ensaio.

Quando nos classicos de melhor nota achamos

expressamente definida a differença de duas ou mais palavras havidas por synonymas, essa autoridade nos bastou, quasi sem mais exame, para adoptarmos a indicada differença: mas rarissimas vezes tivemos a satisfação de encontrar tão boa e segura guia.

Nos outros casos fizemos extensas analyses dos lugares extrahidos dos nossos bons escriptores, aonde parecia empregarem-se differentes vocabulos com identica significação, ou se contrapunhão huns aos outros, ou se notavão dous ou mais synonymos dispostos em certa gradação, correspondente á differença das idéas, ou sentimentos, que se querião exprimir. E fazendo sobre estas analyses a mais séria reflexão, comparamos o seu resultado, quando nos foi possivel, com a raiz, e etymologia da palavra, que queriamos definir: examinamos as particulas componentes, ou terminativas, e a sua particular força e energia: conferimos os vocabulos semelhantes das linguas analogas, especialmente da latina, hespanhola, franceza, e italiana: observamos o uso vulgar até das pessoas indoutas, em cuja linguagem se conservão muitas vezes as significações mais primitivas (se assim podemos dizer) e mais originaes: e consultamos finalmente alguns tratados de synonymos latinos e francezes, que tinhamos á mão: formando sobre todos estes fundamentos o nosso juizo, ainda assim não poucas vezes receoso e perplexo.

Quando entendemos que a significação das palavras, de que tratavamos, correspondia exactamente á significação de outras semelhantes da lingua franceza, não duvidamos fazer o extracto do proprio artigo, e ás vezes até copialo formalmente das excellentes obras de Mrs. Girard, e Roubaud, ou de outros escriptores d'aquella Nação, que no mesmo assumpto trabalhárão: e como não julgamos conveniente á brevidade, nem necessario notar isso em cada artigo, assim o declaramos aqui, paraque ninguem nos accuse de plagiario, ou de pouco agradecido a quem com a sua riqueza auxiliou o nosso zelo: pois ingenuamente confessamos, que mui poucas cousas deste Ensaio são propriamente nossas, salvo o trabalho de as arranjarmos, e applicarmos opportunamente a bem da linguagem patria, á qual por suas excellentes qualidades temos a mais estremada affeição.

He bem de crer, que com quanta diligencia empregamos em aperfeiçoar os poucos artigos deste Ensaio, não tenhamos a fortuna de merecer em todos elles a approvação dos eruditos: mas quem sériamente reflectir na difficuldade da empreza, na extrema delicadeza e apurado gosto, que ella demanda, e no estado actual da nossa lingua, por certo nos julgará com indulgencia, e talvez achará ainda alguma cousa que nos agradecer. Isto será bastante para animar-nos a continuar o nosso trabalho cada

vez com mais desvelo, e com a assiduidade, que as nossas circunstancias nos permittirem.

Na disposição dos artigos não tivemos por necessario seguir a ordem alfabetica; por que não podendo ella verificar-se senão na primeira palavra de cada artigo, pouca ou nenhuma vantagem offerecia ao leitor. Com os dous indices, que vão no fim do Ensaio, supprimos sobejamente o que nisto se poderia considerar de defeituoso.

Finalmente em alguns artigos achará por ventura o leitor, que ommittimos hum ou outro vocabulo synonymo dos que ahi se explicão. Esta omissão, quando por nós advertida, nasceo de não sabermos atinar com a verdadeira differença especifica desse vocabulo ommittido. Mas se huma falta de tal natureza faz o artigo imperfeito, não faz comtudo menos verdadeiras, nem menos exactas as significações dos vocabulos explicados; e aliás poderá talvez corrigir-se nos seguintes Ensaios, nos quaes esperamos que se vá cada vez mais facilitando, e ao mesmo passo apurando o nosso trabalho.

vez com mais desvelo, e com a assiduidade, que as nossas circumstancias nos permittirem.

Na disposição dos artigos não tivemos por necessario seguir a ordem alfabetica; porque não podendo ella verificar-se senão na primeira palavra de cada artigo, pouca ou nenhuma vantagem offerecia ao leitor. Com os dous indices, que vão no fim do Ensaio, supprimos sobejamente o que nisto se poderia considerar de defectuoso.

Finalmente em alguns artigos achará por ventura o leitor, que ommittimos hum ou outro vocabulo synonymo dos que ahi se explicão. Esta omissão, quando por nós advertida, nasceo de não sabermos atinar com a verdadeira differença especifica desse vocabulo ommittido. Mas se huma falta de tal natureza faz o artigo imperfeito, não faz comtudo menos verdadeiras, nem menos exactas as significações dos vocabulos explicados; e aliás poderá talvez corrigir-se nos seguintes Ensaios, nos quaes esperamos que se vá cada vez mais facilitando, e ao mesmo passo apurando o nosso trabalho.

I. *Homem—Varão.*

Homem exprime propriamente o individuo masculino da especie humana; aindaque ás vezes se toma por toda a especie, sem attenção á differença dos sexos. (He o latim *homo*)

Varão he o *homem*, que tem valor e virtude; que tem *hombridade*. (lat. *vir*)

He proprio do *homem* ter paixões, e sentir os seus effeitos: mas o que he *varão* sabe dominalas, e regêlas.

Arraez 9. 2. Se os homens *tivessem hum pouco de coração, e fossem* varões, *não temerião á morte.*

Vieir. Pulavr. do Prégad. empenh. etc. §. 6. *Este mesmo nome* (de varão) *não só significava o sexo, senão tambem o juizo, o valor, a experiencia, . . . e todas as outras qualidades, de que se compõe hum heróe perfeito.*

Non sentire mala sua, non est hominis: *non ferre, non est* viri. (*Senec.*)

II. *Convicção—Persuasão.*

A *convicção* dirige-se directamente ao entendimento. A *persuasão* á vontade.

Convencer he reduzir alguem por provas evidentes a reconhecer huma verdade; a não poder negala.

Persuadir he determinar alguem a querer, ou a praticar alguma cousa.

Pela *convicção* ficamos conhecendo claramente a verdade, ou o bem, que se nos propõe. Pela *persuasão* ficamos movidos e determinados a amar, ou a praticar o que se nos insinûa.

A *convicção* he filha só da razão: a *persuasão* depende mais da sensibilidade.

Para produzir a *convicção* basta conhecer bem as relações de huma idêa, de hum facto, ou de huma acção com a verdade, isto he, com os princîpios; e expôr essas relações com precisão, e clareza. Para produzir a *persuasão* basta conhecer as relações, que tem o objecto, de que se trata, com as propensões, interesses, e paixões da pessoa, a quem se falla; e expôr essas relações com força, vivacidade, e calor.

A primeira requer o completo conhecimento da materia, e hum juizo solido e profundo. A segunda

demanda hum cabal conhecimento do coração humano, e a arte de excitar a sua sensibilidade.

Da união destes dous modos de considerar os objectos he que resulta a divina Eloquencia.

Se falta o primeiro, o discurso não terá solidez, e *persuadirá* sem *convencer*. Se falta o segundo, o discurso será desanimado e frio, e *convencerá* sem *persuadir*.

III. *Velho—Antigo.*

Velho refere-se á idade individual da pessoa, ou cousa de que fallamos, e diz-se de tudo aquillo, que tem muitos annos de existencia; que, no seu genero, está em idade adiantada, e talvez não longe do termo da sua duração. Assim he *velho* o homem que conta setenta ou oitenta annos de idade: he *velho* o vestido, que está gastado do uso: he *velho* o edificio, que tem largos annos, e talvez ameaça ruina, etc.

Antigo refere-se a hum tempo passado, indefinidamente remoto da nossa idade, e diz-se de tudo aquillo, que he, ou parece ser dos seculos passados, do tempo de nossos avós, sem respeito á idade individual do sujeito. Assim chamamos *antigo* o homem, qualquer que seja a sua idade, quando elle vive, procede, e traja á maneira de nossos avós, e professa a simplicidade e singelleza dos tempos paf-

sados. Chamamos Portuguezes *antigos* os que nos precederão hum ou mais seculos: *antigos* Monarchas os das primeiras idades da Monarchia: *antigos* homens os das primeiras idades do mundo, ou de quaesquer outros tempos remotos da nossa idade, etc.

A *velho* oppõe-se *novo*: a *antigo* oppõe-se *moderno*.

Cicero era mais *velho* que Virgilio, porque vivendo no mesmo tempo, tinha mais idade que elle. Aristoteles he mais *antigo*, que Cicero e Virgilio, porque viveo em hum seculo mais remoto da nossa idade, que elles ambos.

IV. *Velho — Ancião.*

Velho exprime simplesmente o homem, que tem chegado á idade da velhice.

Ancião ajunta á idêa de *velho* a de auctoridade: he o velho respeitavel, e digno de veneração pela sua sabedoria, e probidade.

V. *Quietação — Repouzo — Descanço — Tranquillidade — Socego — Paz — Serenidade.*

Quietação exprime a carencia de movimento.

Repouzo he a cessação de movimento.

Descanço he a cessação de movimento, ou trabalho, que causou fadiga, ou molestia.

Tranquillidade exprime hum estado izento de toda a perturbação, ou agitação.

Socego exprime a *tranquillidade* subsequente ao estado de perturbação, ou agitação.

Paz he o estado de *tranquillidade* a respeito de inimigos, que podem perturbar-nos, ou inquietar-nos.

Serenidade he a tranquillidade, que reluz no exterior; que se mostra nas apparencias.

Fallando do homem, *quietação*, *repouzo*, e *descanço* dizem respeito mais immediato ao corpo: *tranquillidade*, *socego*, e *paz* referem-se mais propriamente ao espirito: e *serenidade* exprime o estado do espirito manifestado no semblante, e nas mais apparencias.

Assim, hum homem está em *quietação*, quando se não move: está, ou fica em *repouzo*, quando cessou de fazer movimento: e está ou fica em *descanço*, quando cessou de fazer algum movimento, ou trabalho, que lhe causou fadiga, e cançaço.

Hum homem está *tranquillo*, quando nada perturba ou agita o seu espirito: está ou fica em *socego*, quando depois de perturbado e agitado recobra a sua *tranquillidade*: está em *paz*, quando nenhum inimigo o inquieta: está em *serenidade*, quando o seu semblante, e toda a sua continencia mostra a *tranquillidade* do seu espirito, e a *paz* do seu coração: quasi da mesma sorte que dizemos es-

tar o ceo *sereno*, quando nas suas apparencias indica não haver perturbação, ou agitação dos elementos.

Póde finalmente o homem estar em *quietação*, *repouzo*, ou *descanço*, sem gozar *tranquillidade*; e póde viver *tranquillo* no meio dos trabalhos e fadigas.

Mas todos estes vocabulos se applicão tambem ás cousas, e não só ao homem. Assim dizemos que hum corpo está em *quietação*, *repouzo*, ou *descanço*: e dizemos que o mar está *tranquillo*, que o vento *socegou*, que a republica está em *paz*, que o ceo está *sereno*, etc.

VI. *Outro — Outrem.*

Outro diz-se indifferentemente das pessoas, e das cousas. *Outrem* sempre se diz das pessoas.

Outro tem as fórmas adjectivas, e deve por isso mesmo ter claro, ou subentendido hum nome substantivo, a quem se refira a sua significação: v. gr. vi *outro homem*: plantei *outra arvore*: liguei hum metal com *outro*: etc. etc.

Outrem não precisa de nome algum, que o determine, porque elle mesmo leva subentendido o substantivo *homem*, e até parece ser huma contracção de *outro homem*. Assim dizemos, por ex. qual de nós tem razão, *outrem* o julgará: quando eu

cheguei, já *outrem* tinha tomado o lugar: vós dizeis isso, e *outrem* dirá o contrario, isto he, *outro homem*, ou *outra pessoa*.

Outro usa-se em ambos os numeros: *outrem* só no singular.

A mesma differença respectiva ha entre *algum*, e *alguem* — *nenhum*, e *ninguem*, como entre os vocabulos latinos *nemo*, e *nullus*.

VII. *Documento—Monumento.*

O *documento* ensina. O *monumento* avisa.

O primeiro instrue, descreve, conta circunstanciadamente, e talvez prova. O segundo dá noticia, traz á lembrança, excita a idêa, aponta o facto.

Para o *documento* he necessaria a escritura, e essa com alguma extensão. Para o *monumento* basta hum sinal, e se he acompanhado de escritura, esta deve ser concisa.

Os fastos, chronicas, diplomas, cartas etc. são *documentos*. As pyramides, as columnas, os obeliscos, os mausoléos, os templos, as medalhas, as lapidas etc. são *monumentos*.

VIII. *Palavra—Vocabulo—Termo—Expressão.*

Palavra he em geral a expressão do estado da alma por meio de sons articulados. O homem he o unico

entre os animaes, que tem o dom da *palavra*, isto he, a faculdade natural de exprimir os differentes estados da alma por meio de sons articulados. E neste sentido he que os antigos chamavão *animaes mudos* a todos os irracionaes, e reputavão a faculdade de *fallar*, como caracter essencial, e distinctivo do homem.

Vocabulo he o som simples ou articulado, com que o homem exprime os differentes estados da sua alma, segundo a *lingua*, em que falla. A *palavra* he natural e commum a todos os homens: o *vocabulo* he particular de cada lingua, nação, ou povo.

Termo he o vocabulo proprio da sciencia, arte, ou disciplina, de que se trata: he o vocabulo que convêm a essa sciencia, arte etc. Assim v. gr. *salso argento* são *termos* poeticos, que dizem o mesmo que o vocabulo commum *mar*. O Ethna, por que vomita fogo, diz-se poeticamente *ignivomo*: *polygono* he *termo* geometrico: *baluarte* he *termo* de fortificação: *arabesco* he *termo* da arte de pintura, etc. etc.

Expressão refere-se mais particularmente ao *modo*, com que declaramos os differentes estados da alma por meio dos vocabulos; he huma qualidade dos mesmos vocabulos, e póde ser energica, viva, brilhante, picante, nobre, etc. Hum objecto sério e grave pede *expressões* decentes, e nobres: hum objecto ridiculo pede *expressões* comicas e burlescas:

na conversação ordinaria servimo-nos de *expressões* familiares, e singellas etc.

Em summa: o dom da *palavra* he commum a toda a especie humana; mas cada nação ou povo tem huma collecção de *vocabulos*, que constituem a sua lingua particular; e em cada lingua ha *termos* que são proprios das sciencias, artes, officios etc. Porêm qualquer que seja a lingua, materia, ou estilo, em que fallamos, convêm que as *expressões* sejão claras, precisas, justas, energicas etc.

A pureza da linguagem demanda *vocabulos* auctorizados pelo uso. A precisão, e justeza requer que se empreguem os *termos* proprios da materia de que se trata. A belleza e elegancia depende da graça, energia, nobreza, e vivacidade das *expressões*.

IX. *Precisão—Abstracção.*

Estes dous vocabulos, no sentido em que se podem considerar como synonymos, convêm na noção generica indicada pela sua propria etymologia, e exprimem huma separação feita pelo espirito, quando considera os objectos das suas idêas. Mas *precisão* exprime particularmente a separação intellectual de tudo o que he estranho ao objecto, para o considerar só por só, na sua justa totalidade, sem confusão, e sem mistura com outro algum: e *abstracção* exprime a separação intellectual de cousas, que na

realidade são inseparaveis, attendendo o espirito sómente a huma parte do objecto, que quer considerar, como se delle estivesse separada.

A *precisão* he ordinariamente hum dom da natureza: o seu effeito he a exacção, e clareza das idêas.

A *abstracção* he fructo da applicação, e do estudo: hum dos seus principaes effeitos he generalizar as idêas, e classificar os objectos da sciencia humana, por meio de huma nomenclatura simples e regular.

A *precisão* considera o objecto tal como elle he, separando tudo o que he estranho, ou inutil ao seu conhecimento: leva-nos directamente á verdade; e he por isso mesmo huma qualidade do espirito tão util no estudo das sciencias, como no trato da vida.

A *abstracção*, attendendo a huma só parte, qualidade, ou modificação do objecto, fórma hum mundo ideal, a que não corresponde a realidade das cousas: e aindaque por este modo faz mais ampla a extensão do espirito, e descobre algumas vezes verdades uteis; tambem outras vezes dá occasião a erros de grande consequencia, e póde ser nociva tanto para o conhecimento da verdade, como para a direcção dos negocios da vida social.

X. *Branco—Alvo—Candido.*

Branco significa generica e precisamente o que tem côr branca, sem determinar especie alguma, ou gradação de *brancura*. Assim dizemos papel *branco*, cal *branca*, *branco* rosto, *branca* neve, *branco* leite etc.

Alvo parece que exprime o *branco* mais vivo, formoso, e talvez brilhante: e por isso dizemos *alva* neve, rosto *alvo*, roupas *alvas* como neve, o *albor* do dia, i. e., a primeira claridade da aurora, nitida *alvura* etc.

Candido parece mais proprio para significar o branco puro, doce, agradavel; o branco que não fere os olhos. Assim dizemos *candida asucena*, *candido jasmim*; e no sentido fig. alma *candida*, i. e., singella, innocente, simples, sem nódoa; coração *candido*, i. e., puro, sincero; *candideza* de pomba, i. e., innocencia, singelleza, simplicidade etc.

Branco e *alvo* sómente se usão no sentido fysico e proprio: *candido* emprega-se as mais das vezes no translato e moral.

XI. *Variação—Variedade.*

Variação exprime mudanças successivas no mesmo sujeito. (Lat. *variatio.*)

Variedade exprime multidão de sujeitos com differença, ou diversidade entre si. (Lat. *varietas.*)

Ha infinitas *variedades* de caracteres nos homens; mas algumas vezes até no mesmo homem se nota huma frequente *variação* de caracter.

A legislação de hum povo he sempre sujeita a frequentes *variações.* — Nas differentes especies da natureza observão-se muitas *variedades.*

Todas as linguas se compõe de huma grande *variedade* de vocabulos; mas estes não são sempre os mesmos; porque o progresso das sciencias, a invenção ou aperfeiçoamento das artes, o augmento das relações de todo o genero, e mil outras causas estão a cada passo produzindo huma continua *variação* no numero, na composição, e nas fórmas dos mesmos vocabulos.

XII. *Scepticismo — Pyrrhonismo.*

Scepticismo he hum systema de Filosofia (se este nome se lhe póde dar) que nada affirma.

Pyrrhonismo he hum systema de Filosofia, que tudo nega.

O *Scepticismo* suspende o juizo sobre todos os objectos. O *Pyrrhonismo* affirma positivamente a incerteza universal.

Hum e outro systema encerra em sua propria

natureza o principio da sua destruição; porque ambos são mais ou menos dogmaticos. A razão não póde atacar a razão, senão empregando o raciocinio, e todo o raciocinio suppõe principios, e suppõe a certeza das regras da Logica.

O *Sceptico*, se quizer ser consequente, deve ao menos reconhecer o facto primitivo da consciencia; porque o proprio acto da suspensão do juizo sobre todos os objectos he inintelligivel sem a distincção do *eu* que suspende o juizo, e dos objectos, a cujo respeito o suspende.

O *Pyrrhonico* ainda he mais contradictorio comsigo mesmo; porque pretende destruir a razão com raciocinios: affirma com certeza, que nada ha certo: esta duvida absoluta e universal envolve necessariamente o dogmatismo.

Se nos he permittido neste lugar indicar as differentes paixões, que tem dado origem a esta estranha Filosofia, diremos com o grande Filosofo, que nos subministrou este artigo, que o empenho de abalar as verdades da fé, exaggerando os foros da razão; ou de firmar o imperio das primeiras, calumniando a segunda — o egoismo sensual, que concentra o espirito na materia; ou o egoismo contemplativo, que se esvaece em sonhos mysticos — o orgulho do saber; ou a vaidade de affirmar paradoxos — e finalmente a reacção contra o despotismo da Filosofia dogmatica, tem sido quasi sempre as verdadei-

ras origens do *Scepticismo*, e do *Pyrrhonismo*, nas differentes épochas da sua existencia, ou renovação.

XIII. *Mulher—Dona—Dama—Matrona.*

Mulher refere-se ao sexo, e exprime o individuo feminino da especie humana, a femea do homem. Consequentemente se applica para significar as que já chegárão á puberdade, das quaes dizemos, que já são *mulheres*; e tambem, como por excellencia, ás cazadas.

Dona diz tanto como *mulher senhora*. He derivado da raiz *dom*, *dum*, ou *don*, que exprime toda a idêa de elevação, superioridade, dominação etc., e donde vem, em todos os idiomas, longas familias de vocabulos. Pelo que se extendeo a significação de *dona* a todas as mulheres, que são caracterizadas por algum titulo de superioridade, respeito etc., como ás cazadas, viuvas, religiosas, idosas etc. Vej. Hist. de S. Dom. P. I. L. 5. C. 22. e Monarch. Lusit. P. 5. L. 16. C. 55.

Leitão, *Miscellan.* Dial. I. pag. 29: *porque o tributo era de donzellas, e não de* donas, *que nunca se disserão moças donzellas, senão mulheres* cazadas, *ou* viuvas, *ou* religiosas, *e não mininas.*

Camões, Lusiad. C. 7. Est. 49.

Estão pelos telhados e janellas
Velhos e moços, donas *e donzellas*;

aonde parece, que *donas* e *donzellas* do segundo hemistichio tem a mesma significação respectiva que *velhos* e *moços* do primeiro. E d'aqui entendemos que a significação, que depois se deo ao vocabulo *dona*, tomando-o por mulher *que já conheceo varão*, foi huma significação secundaria, ou accessoria, empregada, sem duvida, por eufemismo.

Dama tem a mesma origem que *dona*, e fallando propriamente, dá-se-lhe a mesma significação de *mulher senhora*, ou *mulher nobre*. Neste sentido dizemos ainda hoje *damas do Paço*, *damas da Rainha* etc., e no mesmo sentido o tomou *D. Franc. Manoel* nos *Apol.* pag. 277, dizendo: *aquellas quatro carroças são de* damas *e* senhoras, *que antigamente se chamavão* donas. Mas assimcomo *dona* se applicou depois para significar *mulher não virgem*; assim tambem *dama* tomou huma significação accessoria, com a qual se exprimia a *mulher nobre*, *decentemente galanteada e servida pelo seu namorado*, quando os costumes Portuguezes toleravão esta pratica derivada das leis, e usos da Cavallaria. Depois se usou para significar, ainda mais em geral, *mulher*, *com quem se tratão amores*. Nesta accepção parece que usou deste vocabulo o mesmo *D. Franc. Man.* na *Cart. de Guia* pag. 25. ℣, aonde diz: *quem soube desmentir os ciumes de sua* dama, *quando a teve, por esse mesmo modo desminta os de sua mulher, quando a tenha*. E em outro lu-

gar pag. 9. v.: *aquelle amor cego fique para as damas, e para as mulheres o amor com vista.*

Matrona diz-se, com toda a propriedade, da mulher mãi de familias, que he juntamente honesta, como cumpre ao seu estado.

XIV. *Esposo—Marido.*

Esposo he propriamente o que está promettido para cazar: o que empenhou a sua fé para cazar com huma mulher. *Marido* he o que já está cazado.

Esposo exprime tamsómente a fé, ou fidelidade promettida, o ajuste social, e o vinculo, união, e obrigação, que d'ahi resulta. E por isso he este vocabulo o unico, que se emprega no sentido espiritual, quando v. g. se diz que Jesu-Christo he *esposo da Igreja*, ou *esposo das almas puras*.

Marido designa o estado, e refere-se á virilidade, isto he, aos direitos e superioridade que tem o homem cazado a respeito de sua mulher.

A *esposo* corresponde *esposa*, como hum conjuncto a outro. A *marido* corresponde *mulher*, como a femea ao macho.

XV. *Occasião—Opportunidade—Conjuncção—Azo.*

Occasião he a sorte ou caso, de que podemos lançar mão.

Opportunidade he occasião que vem a tempo, ou em lugar conveniente.

Conjuncção he a concurrencia simultanea de circunstancias, v. g. de tempo, lugar, e disposição de cousas, propria, ou impropria para algum fim.

Azo he occasião commoda, apta, geitosa.

A *occasião*, e *conjuncção* podem ser boas ou más, proprias ou improprias para o que se intenta. A *opportunidade*, e *azo* sempre são a proposito, a geito, a tempo, e em lugar commodo etc.

XVI. *Rei—Monarcha—Principe—Potentado—Imperador.*

Attendendo ás etymologias destes vocabulos, *Rei* he o que rege, dirige, e guia, mandando. *Monarcha* he o que governa só, sem ter outrem, que participe com elle do governo. *Principe* he o primeiro á frente, o cabeça, o chefe. *Potentado* he o que tem hum grande poder, isto he, autoridade accompanhada de força, sobre huma grande extensão de terri-

torio. *Imperador* he o que manda, e se faz obedecer.

Rei designa propriamente o officio, que he dirigir, reger, e conduzir os povos, que lhe são sujeitos. *Os* Reis (diz *Arraez* 5. 1.) *para* reger *e fazer bem a todos subirão ao regno, e de* reger *tomárão o appellido . . . o que com justiça* rege, *e se* rege *esse he o verdadeiro* Rei.

Monarcha exprime a especie de governo. O *Rei* não he *Monarcha*, quando os poderes politicos se achão repartidos. Em Lacedemonia havia dous *Reis*, e nenhum delles era *Monarcha*, nem o governo daquella Republica era *monarchico*. ElRei de Inglaterra não he *Monarcha*, porque não governa só.

Principe refere-se ao lugar e graduação, e exprime propriamente aquelle que he primeiro, que tem o primeiro lugar, etc. O *Rei* ou *Monarcha* tem o primeiro lugar a respeito de toda a nação, e por isso se chama tambem *Principe*. O herdeiro da coroa tem o primeiro lugar entre os filhos do Rei, e entre todos os vassallos, e por isso se lhe dá a mesma denominação. Os chefes perpetuos de hum pequeno povo tambem se chamão *Principes*. E finalmente chamamos *Principes* dos poetas, dos oradores, dos filosofos aquelles, que pela opinião geral são tidos como primeiros em merecimento entre os da sua classe.

Potentado he o que tem grande poder, e este

poder resulta da autoridade suprema unida com as forças de hum grande estado. Não basta ser *Monarcha* para se poder chamar *Potentado*: he necessario ser *Monarcha* muito poderoso, relativamente aos outros da mesma denominação.

Finalmente *Imperador*, que entre os Romanos significava simplesmente hum chefe militar, designa hoje, ou hum *Principe* grande pela vastidão de seus dominios, ou hum *Principe* grande pela sua vasta supremazia. No primeiro sentido he *Imperador* v. g. o da Russia, ou o da Turquia; no segundo o de Allemanha. Os primeiros são *Potentados* que dominão sobre vastos estados. O segundo he hum grande *Principe*, que he juntamente chefe de huma grande confederação de *Principes* e *Reis*.

XVII. *Inveja—Ciume.*

Inveja he hum sentimento penoso, causado pelo bem, que outrem possue.

Ciume he hum sentimento penoso causado pela pretenção que outrem tem, ou receamos que tenha, de possuir hum bem, que julgamos nosso, ou que aspiramos a gozar exclusivamente.

A *inveja* he mais geral, que o *ciume*. Affligese do bem alheio, ainda que não possa pretendelo, nem aspirar a elle, nem d'ali lhe venha mal algum.

O *ciume* he mais limitado na sua extensão, e

sómente domina aquelles, que pretendem, ou podem pretender a posse do mesmo objecto.

A *inveja* he hum sentimento baixo, e abjecto; he o tormento das almas vis: tudo o que póde servir de alguma utilidade, ou vantagem aos outros a irrita, como se o bem alheio fosse mal seu!

O *ciume* tem huma origem mais nobre: nasce do orgulho, isto he, da idêa vantajosa, que cada hum tem da superioridade do seu merecimento; e olha como inimigo o competidor, que lhe disputa essa superioridade.

A *inveja* róe e consome em segredo o coração que a nutre: envergonha-se da sua propria baixeza, e não ousa apparecer em publico a cara descoberta.

O *ciume*, como he menos vil, não teme manifestar-se de hum modo sensivel e publico: rompe muitas vezes com impeto, e os seus effeitos são mais estrondosos, e talvez mais funestos.

XVIII. *Segurança—Seguridade.*

Segurança diz-se das pessoas e das cousas (Francez *sûreté*).

Seguridade sómente se diz das pessoas, e refere-se ao estado do espirito. (Franc. *sécurité*).

Segurança exprime a effectiva carencia de pe-

rigo, quando não existem, ou estão removidas as causas delle.

Seguridade exprime a tranquillidade de espirito, nascida da confiança que se tem, ou da opinião em que se está, de que não ha perigo.

Póde o homem estar em *seguridade*, quando a sua *segurança* está ameaçada, e ao contrario. E póde huma cidade estar em grande perigo, e consequentemente sem *segurança*, quando os seus habitantes estão em plena *seguridade*.

XIX. *Ronda—Patrulha.*

Ronda he de gente de pé. *Patrulha* he de gente de cavallo.

D. Franc. Man. Epanaph. Bellic. 4. pag. 472. *A cavallaria do partido de Bargantinhos, pouca e mal armada, como lhe era possivel, fazia a* patrulha *da campanha: com tal nome, que funda em alguma origem estrangeira, quizerão os militares notar a differença da ronda de cavallaria á dos infantes.*

Tambem se chama *ronda*, e não *patrulha*, a das justiças (gente de pé) que andão pela cidade, villa, ou lugar, para evitar disturbios, e manter a segurança dos habitantes.

XX. *Paralogismo—Sofisma.*

Paralogismo he hum raciocinio falso, ou huma argumentação viciosa, que se faz por erro do entendimento.

Sofisma he huma argumentação falsa, que se faz de proposito, maliciosamente, e com artificio, para enganar. He propriamente huma argumentação capciosa e insidiosa.

O *paralogismo* emprega talvez principios falsos como verdadeiros, ou proposições incertas como demonstradas; e talvez erra no modo de deduzir as consequencias: mas quem faz *paralogismos* engana-se a si, antes de enganar os outros: cuida, por erro, que discorre bem, e que tem achado a verdade.

O *sofisma* arranja com tal artificio os principios, os termos das proposições, e a ordem do discurso, que vem a tirar consequencias falsas. Mas quem usa do *sofisma* quer de proposito enganar os outros.

O *paralogismo* nasce dos nossos erros: he hum effeito da fraqueza do entendimento humano.

O *sofisma* nasce da malicia, e má intenção: he hum effeito do interesse que temos de enganar e illudir aquelles a quem fallamos.

XXI. *Aguardar—Esperar.*

Aguardar he estar á espera. (Lat. *exspectare*: Franc. *attendre*: Ital. *aspettare.*)

Esperar he ter esperança. (Lat. *sperare*: Franc. *esperer*: Ital. *sperare*).

Aguardar he estar olhando, estar em expectação, se vem, ou não, alguem, ou alguma cousa, que ha de vir, ou deve vir, ou que se presume que virá: estar disposto e preparado para receber essa pessoa, ou cousa.

Esperar he aguardar algum bem que desejamos, e que julgamos que alcançaremos.

Aguardamos os successos da vida, e *esperamos* que a Providencia os encaminhe á nossa felicidade. *Aguardamos* o momento em que havemos de começar alguma empreza, e *esperamos* que o seu exito seja feliz. *Aguardamos* huma pessoa auzente que deve vir, e *esperamos* que nos traga boas novas.

Hum accusado *aguarda* a sua sentença, e *espera* que ella seja favoravel.

O filosofo *aguarda* a morte, sem a desejar nem a temer. O filosofo christão *espera* huma morte santa, qual a deseja etc.

Duart. Nun. de Leão, Orig. da Ling. Port. C. 7. « Usamos (diz) da palavra *sperar* por *expe-*

» *ctare*, havendo de huma a outra muita differença; » porque *sperar* denota aquella paixão, ou affecto » do animo, que he *spes*, que segundo Marco Tul- » lio he *aguardar por algum bem*, e o outro he » *aguardar olhando* por alguma cousa, se vem, » ou não, e diz-se de *ex*, e *specto*, *as*, porque » quando *aguardamos* por alguma pessoa, costu- » mamos olhar se vem. »

XXII. *Cara — Rosto — Semblaute — Face — Vulto.*

Cara significa a parte dianteira da cabeça do homem, e de alguns animaes brutos, a qual se compõe de fronte, olhos, nariz, faces, boca etc.

Rosto tem huma significação mais ampla, e parece exprimir a parte dianteira, que he juntamente a mais saliente, ou a que mais apparece, ou primeiro se adverte, tanto no homem, como em outros objectos. Assim dizemos o *rosto* do homem, i. e. a *cara*; o *rosto* do cabo, o *rosto* da ilha, i. e. a parte do cabo, da ilha, mais saliente ao mar, e que primeiro apparece, e se nota; o *rosto* da cidade i. e. a frente da cidade que primeiro se offerece ao espectador etc.

Semblante, he a *cara*, ou *rosto* do homem, quando nelle apparece o estado da alma, a expressão dos affectos e paixões. Neste sentido o tomou

João Franc. Barret. na *Eneid. Portug.* quando disse:

Nisto o semblante *se lhe trocou do* rostro *peregrino*:

e *Franc. de Mor.* no Palm. P. 1. C. 18.

a barba grande e crescida, á pessoa grave; e no semblante do rostro *reprezentava tristeza e vida descontente*:

e no C. 35.

huma donzella . . . vestida de negro, e o semblante do rostro *triste*, etc. etc.

Poronde não diriamos com propriedade: *mantêm-se o homem com o suor do seu* semblante; mas sim *do seu rosto* — *Faz afronta á pessoa honrada e de bom entendimento, quem a louva em seu* semblante, mas sim *em sua cara*, i. e. em sua presença, etc.

Tambem analogamente se diz *semblante*, quando fallamos de animaes brutos, em cujo *rosto* se pinta a *braveza*, a *ferocidade* etc., e deste modo se expressou *Camões* nos *Lusiad.* C. 6. E. 61; quando disse:

Mastigão os tavallos estumando
Os aureos freios com feroz semblante. etc.

Face significa propriamente aquella porção da superficie dos objectos, que está voltada para nós, que está defronte de nós, ou á vista dos nossos olhos, e neste sentido geral dizemos a *face* do espelho, a

face da lua, a *face* do ceo, a *face* do dado, etc. E d'aqui vem tomar-se, fallando do homem, pelo *rosto*, ou mais em particular pela porção do *rosto*, que desce dos olhos até á barba, ou ainda mais determinadamente pela maçã do *rosto*. Mas assim como *semblante* he o termo que se emprega com mais propriedade, quando nos referimos á expressão das paixões; assim *face* tem seu particular uso, quando queremos fallar das côres, e de outras propriedades, que se percebem pela superficie, ou na superficie dos corpos, e por isso dizemos *face* bella, *faces* córadas, rosadas, *face* pallida, desmaiada, etc.

Vulto parece exprimir o relevo do corpo humano; o seu volume figurado, ou determinado pelos contornos, que lhe são proprios. Neste sentido dizemos: vi hum *vulto* — afigurou-se-me *vulto* de homem — imagem de *vulto*, etc. Toma-se comtudo algumas vezes, na sua significação latina, por *semblante*; mas *semblante* he mais expressivo, e muito mais proprio.

XXIII. *Firmeza — Constancia.*

Firmeza exprime a qualidade do homem, que segue com coragem os seus designios, e resoluções, quando fundadas em huma razão justa.

Constancia exprime a qualidade do homem, que tem permanencia nos seus gostos, e nos sentimentos do seu coração.

O homem *firme* despreza, ou vence os obstaculos, e difficuldades que se lhe oppõem: resiste ao temor e á esperança: não se deixa dobrar, nem abalar de forças estranhas, nem da violencia, e seducção das proprias paixões. A sua coragem o anima, e sustenta, e o conduz ao fim, que huma vez julgou razoavel.

O homem *constante* não he demovido dos seus gostos por objectos novos: segue sempre, e até ás vezes de seu mau grado, as mesmas inclinações do seu coração: não muda de affectos.

A *firmeza* suppõe huma razão vigorosa, e hum caracter energico. A *constancia* não exclue hum espirito limitado, e huma alma pusillanime.

O homem *firme* nunca póde desapprovar o seu proceder. O homem *constante* póde ter motivos de condemnar a sua propria constancia, e de reprehender-se della.

A' *firmeza* oppõe-se a falta de vigor, a fraqueza de caracter. A' *constancia* oppõe-se a volubilidade dos affectos, a facilidade de mudar de gostos.

A *firmeza* he hum dos dois principaes elementos, de que se compõe o caracter do homem verdadeiramente honrado. O outro he a superioridade, ou elevação da alma, isto he, o imperio das idêas sobre as proprias necessidades, e interesses.

XXIV. *Supposição — Hypothese.*

Estes dous vocabulos, trazidos hum do latim, e outro do grego, tem identica significação litteral, e exprimem proposições que se põem como base, para sobre ellas se formarem raciocinios. Mas o uso tem estabelecido entre elles algumas differenças, que o escriptor exacto não deve desprezar.

Primeiramente, *supposição* he do estilo commum: *hypothese* he mais proprio da linguagem filosofica, e usa-se quando tratamos de materias scientificas.

Em segundo lugar, *supposição* parece exprimir huma só proposição: *hypothese* exprime muitas vezes hum ajuntamento de proposições, ou *supposições* ligadas, que formão hum systema. Os systemas de Copernico, de Descartes, de Leibnitz são *hypotheses*, e não lhe chamamos *supposições*.

Em terceiro lugar, a *supposição* não exclue a verdade da proposição, antes muitas vezes a suppõe reconhecida, e confessada: a *hypothese* he ideal e gratuita. — Na *supposição* que a nossa alma he livre, deve tambem ser immortal. Na *hypothese* que a terra gyra em roda do sol, explicão-se muito bem os fenomenos do systema planetario. — No primeiro caso a *supposição* he huma verdade incontestavel, da qual deduzimos huma consequencia, negada talvez

por quem admitte o principio. No segundo caso a *hypothese* he huma *supposição* ideal e gratuita, a qual, se explica na verdade os fenomenos, concluimos que póde ser verdadeira: se os não explica, fica no seu estado puramente ideal e gratuito: e se della se seguem cousas impossiveis, concluimos que he absurda.

Ultimamente *hypothese* sómente tem hum sentido filosofico, ou scientifico, relativo á indagação, ou explicação da natureza. *Supposição* toma algumas vezes huma accepção moral, e em má parte, e exprime huma allegação falsa, huma producção de falsos titulos, etc.

XXV. *Fastos — Annaes — Chronica.*

Fastos significava originariamente as taboas, ou livros do calendario dos antigos Romanos, aonde se indicavão os dias destinados para as solemnidades religiosas, para as assembléas publicas, para os jogos publicos, para os trabalhos da agricultura, etc. Ajuntou-se depois a cada dia a nota dos acontecimentos mais importantes, que nelle tinhão succedido, as batalhas, os triunfos, os prodigios, o nascimento e morte dos Imperadores, etc. E d'aqui he que o nome de *Fastos* começou a ter relação com a *Historia*, e a significar o *Registro publico e authentico*, aonde com os nomes dos dias, das festas,

etc. se notavão tambem summariamente os feitos memoraveis da nação.

Annaes exprime huma narração simples e concisa de factos dispostos anno por anno, sem ornamento, e sem ligação. Alguns dos antigos povos tinhão seus *Annaes publicos*, que assimcomo os *Fastos* subministrárão depois materia para a *Historia*, quando esta começou a tomar fórmas mais polidas e elegantes.

Chronica he propriamente huma especie de *Historia*, em que determinada a ordem dos tempos, se arranjão debaixo das differentes idades ou épochas os factos que lhe dizem respeito, ou lhe são subordinados. As nossas *Chronicas* descrevem a Historia de certo Reinado, ou pessoa; mas tambem arranjão os factos, segundo a ordem das suas datas.

O estilo das *Chronicas* he menos conciso que o dos *Annaes*, e mais simples e familiar que o da *Historia* propriamente dita, a qual requer nobreza e elevação, liga os acontecimentos pelas suas causas, effeitos, relações, etc., e não segue precisamente a ordem dos tempos.

XXVI. *Historia universal — Historia geral.*

Historia universal he a *Historia* de todos os povos e nações conhecidas, considerada em todas as suas idades, apresentada n'hum só quadro, como a

de *Bossuet*, ou em tantos, quantas são as nações e povos, como a *Historia universal* composta por huma sociedade de litteratos na lingua Ingleza.

Historia geral he a de hum só povo ou nação, mas incluindo todas as suas idades, e todos os ramos da sua administração, e por isso comprehende a Historia politica, religiosa, litteraria, militar, etc. como v. g. a *Historia geral* de Portugal por *Mr. De la Cled.*

XXVII. *Mutuo — Reciproco.*

Mutuo he precisamente o que se faz de huma parte e de outra.

Reciproco he o que se faz de huma parte e de outra, em recompensa.

Mutuo exprime a simples idêa de dar, e de receber de ambas as partes: esta tróca de acções he voluntaria e livre.

Reciproco exprime a acção de dar ou fazer de huma parte conforme se tem dado ou feito da outra: esta reacção he devida, e exigida.

Se duas pessoas, que se avistão a primeira vez, sentem inclinação huma para a outra, esta amizade, ou amor, ou sympathia he *mutua*.

Se huma pessoa faz a outra algum obsequio, favor, ou serviço, e a outra lhe torna em recompen-

sa outro serviço, favor, ou obsequio, a relação, que d'aqui resulta entre os dous, he reciproca.

Os amigos fazem huns aos outros obsequios voluntarios, desinteressados, *mutuos*.

Os amos e os criados satisfazem huns a respeito dos outros obrigações devidas, exigidas, *reciprocas*.

XXVIII. *Inclinação — Propensão.*

Inclinação he o pendor, ou tendencia do animo para alguma cousa, v. g. para as letras, para a vida militar, para huma arte, ou officio, etc.

Propensão parece que diz alguma cousa mais que *inclinação*: he hum pendor mais fórte, huma inclinação maior, e mais decisiva.

A *inclinação* leva-nos para o objecto: a *propensão* talvez nos faz força, e nos arrasta.

Parece que a *inclinação* póde nascer da educação, da leitura, dos exemplos, de alguma circunstancia casual; mas que a *propensão* tem a sua principal origem na organisação, no temperamento, no natural.

A *inclinação* póde talvez mudar-se, ou corrigir-se com facilidade: mas custa muito a suspender os effeitos da *propensão*, e ainda mais a destruila de todo.

XXIX. *Chorar — Prantear — Lamentar — Carpir-se.*

Chorar exprime tamsómente lagrimas.

Prantear exprime vozes queixozas, talvez acompanhadas de lagrimas.

Lamentar exprime *pranto* forte, continuado, ás vezes immoderado, talvez acompanhado de lagrimas e gemidos: ou tambem canto lugubre, em que se *prantêa* alguma grande calamidade.

Carpir-se exprime acções demonstrativas de dôr e lucto, como v. g. arrancar os cabellos, ferir as faces e o peito, etc.

Vieir. Palavr. de Deos empenhad. Serm. das Exeq. da Rainh. §. 2. pag. 9. « Note-se muito (diz) » a differença das palavras, e a distinção dos affe- » ctos. O *plangeret* he *prantear*, e significa *vozes*: » o *fleret* he *chorar*, e significa *lagrimas*. »

Moraes, Palmeir. P. 1. C. 6 « ouvia *prantos* » de pessoas, que com *palavras* cheas de muita » lastima representavão sua dôr e sentimento. »

E no C. 21 « começando dentro hum *pranto* » de *vozes tristes* » etc.

São bem conhecidas as *Lamentações* dos Profetas Jeremias, Ezechiel, etc.: e *Arraez* 10. 70 fallando da compaixão da Virgem Santissima á vista dos tormentos de seu Filho, diz: *Ouvi a Baptista*

Mantuano em nome da Senhora lamentando *nesta sua transfixão . . . . O' fronte serena e divina! O' mãos sem peccado e boca sem crime! A tanto pode chegar o mal da inveja e o da avareza? Esta he a honra, que se faz á virtude, e os premios, que se dão á innocencia? Eclipsa-te Sol, e recolhe teus rayos . . . .* etc.

Finalmente não são menos conhecidas entre nós e na Historia de nossas antiguidades as *carpideiras*, de que ainda restão vestigios em algumas povoações de Portugal.

XXX. *Affectos — Paixões.*

O bem, ou o mal, isto he, o prazer, ou a dôr, sentido, ou apprehendido nos objectos pela nossa alma, excita nella commoções, ou movimentos de *attracção* para aquelles, que se lhe representão como bons, ou de *aversão* para aquelles, que se lhe representão como maus: e estas commoções communicão-se ao corpo, e produzem nelle effeitos proporcionados, que se manifestão nos olhos, na côr do rosto, no movimento do sangue, e ás vezes em toda a pessoa do homem.

Quando estas commoções, consideradas em si e nos seus effeitos, são brandas, doces, temperadas, chamão-se simplesmente *affectos*. Quando fortes,

violentas, impetuosas, chamão-se mais propriamente *paixões*.

Os *affectos* inclinão a alma suavemente, ou a procurar o objecto como bom, ou a fugir delle como mau. As *paixões* arrastão (por assim dizer) a alma, perturbão-na em suas operações, dominão e tyrannizão a razão, e quasi a fórção a resoluções muitas vezes arriscadas, e perigosas.

A amizade, a compaixão, o amor filial, o reconhecimento, etc. são *affectos*. O amor sensual, a ambição, a colera, a vingança, etc. são *paixões*.

Comtudo, como os *affectos*, passando a ser immoderados e violentos, se transformão em *paixões*, e nos he impossivel fixar o grau, ou momento, em que se verifica esta transformação; e como por outra parte os *affectos* e *paixões* se excitão, e acalmão pelos mesmos meios, confundem-se muitas vezes estes dous vocabulos, e usão-se indifferentemente na linguagem dos filosofos e dos moralistas.

XXXI. *Liberalidade — Generosidade.*

Liberalidade he facilidade no dar, dando a proposito. Refere-se particularmente á boa distribuição que cada hum faz do seu dinheiro, ou das cousas que tem hum valor pecuniario, áquelles, a quem isso se não deve de justiça.

Generosidade he propriamente hum sentimen-

to nobre e desinteressado, que preside a esta distribuição.

O homem, que depois de ter cumprido os seus deveres para com a sua familia; depois de haver feito as despezas, a que a necessidade, ou as circunstancias do seu estado o obrigão, reparte do seu dinheiro, ou dos seus bens, com os outros, a quem não deve, he *liberal.*

O homem que dá sem esperança de reconhecimento; sem receio de ingratidão; que dá ao proprio inimigo necessitado; que dá sem ostentação, e sem vaidade, he *generoso.*

A *generosidade*, que muitas vezes se toma como synonymo de *liberalidade*, tem huma significação, e applicação muito mais ampla. He, fallando em rigor, huma qualidade do homem bem nascido, e bem educado, que dá nobreza e lustre a todos os seus sentimentos, e acções.

O homem, que não toma vingança do seu inimigo, podendo tomala sem risco, he *generoso.* O homem, que no meio da dependencia se não dobra a baixezas, tem huma alma *generosa.* O homem, que combatido da adversidade sustenta o seu caracter, procede *generosamente.* O homem, que no meio da geral corrupção de costumes, he exacto observador da lei, e defensor intrepido da virtude, mostra sentimentos *generosos*, e huma alma elevada.

Em summa: o homem *generoso* he estranho ás paixões baixas, e a todas as considerações meramente pessoaes. A belleza propria das acções he a que só o move, e arrebata: a benevolencia geral he a sua principal, e mais amada virtude.

Amar a quem nos aborrece he acto de generosidade, diz *Vieir. Serm.* P. 4. pag. 80; e logo adiante: *Quem ha de trocar a nobreza e fidalguia de huma* generosidade *pela vileza e baixeza de huma ingratidão?*

XXXII. *Pedir desculpa — Pedir perdão.*

Pede desculpa, quem se mostra sem culpa, justificando-se de huma falta apparente.

Pede perdão quem reconhece que commetteo falta, e quer evitar o ser punido.

Pede-se desculpa por attenção, e civilidade. *Pede-se perdão* por arrependimento.

O bom entendimento *desculpa* facilmente. O bom coração *perdôa* promptamente.

XXXIII. *Observação — Observancia.*

Observação he a acção de olhar attentamente, de considerar e notar com applicação os fenomenos naturaes, as acções dos homens, os lugares de hum autor, etc. O que assim faz chama-se *observador*.

Observancia he o acto de cumprir e praticar as leis, mandamentos, regras, e ordens dos superiores: corresponde-lhe o adjectivo *observante.*

Deve o sabio ser curioso na *observação* da natureza, e ao mesmo tempo ser exacto e pontual na *observancia* das leis.

XXXIV. *Convêm — Importa — Reléva — Cumpre.*

Convêm á decencia e decôro: *convêm* ao estado, qualidade, e condição da pessoa: *convêm* ás circunstancias, ao tempo, ao lugar, etc.

Importa á utilidade e proveito. *Reléva* o que muito *importa.*

Cumpre á obrigação e dever.

Convêm ao homem publico mostrar sizudeza e gravidade em todas as suas acções; trajar com simplicidade e modestia; não entrar nos jogos e divertimentos da mocidade, postoque licitos sejão e honestos, etc.

Importa ao homem de negocio ter em bom arranjo as suas contas; ao mercador e traficante não gastar mais doque permittem os seus lucros. *Reléva* ao pai de familias trazer bem administrados os seus bens, bem governada a sua casa, etc.

Cumpre a todo o homem ser justo, honesto, humano, virtuoso: *cumpre* ao prelado, ao pastor,

ao mestre dar bom exemplo ás pessoas, que lhe estão sujeitas: *cumpre* ao cidadão respeitar e observar as leis, etc.

XXXV. *Atéaqui — Atéagora.*

Atéaqui refere-se ao lugar, e he o latim *hactenus*. *Atéagora* refere-se ao tempo, e he o latim *adhuc*.

Atéaqui chegou a enchente do rio no anno de tantos, e des de então *atéagora* ainda não tornou a subir á mesma altura.

XXXVI. *Paternal — Paterno.*

Paternal exprime o que he proprio *de pai*, o que pertence á qualidade de pai.

Paterno exprime o que hé proprio *do pai*, o que pertence ao pai determinado, e individual da pessoa, de quem se falla.

Assim dizemos v. g. que Deos nos ama com amor *paternal*, i. e. com amor *de pai*. E dizemos que o filho herdou os bens *paternos*, i. e. os bens *do pai*, ou de *seu pai*.

Esta differença, com quanto parece subtil, e muitas vezes se desattende na locução vulgar, nem por isso he menos verdadeira, ou menos digna de reflexão em muitos casos.

Quando por ex. dizemos, que tal ou tal pessoa

tem as feições *paternas* — que descende de tal casa pela parte *paterna*, ou *materna* — que escreve com pureza e elegancia na lingua *materna*, etc. não podemos substituir *paternal*, ou *maternal* a *paterno* ou *materno*, sem erro e impropriedade.

Ao contrario, quando dizemos, por ex., que ElRei ama os Portuguezes com sentimentos *paternaes* — que hum irmão tem praticado a respeito de outro irmão todos os deveres, ou todos os officios *paternaes*, etc. não podemos usar de *paternos* em lugar de *paternaes*, etc.

XXXVII. *Castidade — Pudicicia — Continencia — Virgindade — Pureza.*

Castidade he huma virtude, que regúla, e sujeita á autoridade sagrada da lei os appetites e prazeres carnaes, ainda quando permittidos. Todo o homem deve ser *casto*.

Pudicicia he a *castidade* acompanhada de *pudôr*, ou de honesta vergonha. Ella teme, de algum modo, o proprio prazer honesto, e quando cede ao dever, sabe coarctalo dentro dos mais estreitos limites, e córa de os ver ainda levemente transgredidos. Esta virtude he mais ordinaria no sexo feminino.

Continencia exprime a abstinencia actual dos prazeres da carne. O celibato christão demanda *con-*

tinencia perpetua. A viuvez, que não passa a segundas nupcias, deve ser *continente.*

Virgindade exprime huma continencia universal, absoluta, e perfeita, tanto do corpo, como do espirito, que se extende a todos os tempos e momentos da vida. He huma flôr delicadissima, que qualquer sopro impuro a embaça, e murcha: hum só instante de fraqueza, hum só pensamento voluntario faz perder o merecimento desta angelica virtude.

Pureza não he propriamente huma virtude particular: he a excellencia, a perseverança, a honra, e o lustre da *virgindade.* Ella suppõe huma alma innocente, candida, intacta, que nem experimentou, nem sentio, e nem ainda conhece o que póde alterar a perfeita integridade da alma e do corpo.

A *castidade* he huma virtude, que todos devemos possuir em qualque estado, e situação da vida. Faltamos a ella, quando não domamos o nosso corpo e o nosso espirito debaixo do jugo saudavel da lei.

A *pudicicia* he hum dos mais bellos ornamentos das mulheres. Ella se perde por qualquer immodestia, com que se gozem os prazeres honestos e permittidos.

A *continencia* he hum dever de todos aquelles, que ou por motivos religiosos, ou por outros quaes-

quer se tem consagrado ao celibato. Qualquer acção voluntaria e illegitima a offende.

A *virgindade* finalmente he só propria de algumas almas privilegiadas, que se conservão no meio do mundo, como os meninos hebreos na fornalha de Babylonia. A innocencia he sua inseparavel companheira. A *pureza* mais absoluta e mais perfeita constitue o seu essencial caracter, e o seu mais nobre ornamento. O mais ligeiro toque deslustra a sua belleza.

XXXVIII. *Distincção — Differença — Diversidade.*

A *distincção* exclue a perfeita identidade, ou a unidade.

A *differença* exclue a perfeita semelhança.

A *diversidade* exclue a conformidade, e suppõe a quasi total, ou total dissemelhança.

Dous objectos *distinguem-se* pela simples razão de serem dous, aindaque alias sejão perfeitamente semelhantes. O numero basta para excluir a perfeita identidade.

Dous objectos alias semelhantes, e comparaveis, *differenção-se* por hum só caracter, nota, propriedade, ou accidente, que não seja commum a ambos. Este caracter particular basta para excluir a perfeita semelhança.

Dous objectos *diversificão* hum do outro, quando ou em nada conformão, ou ha entre elles huma grande, e quasi total dissemelhança.

A natureza offerece ás indagações do filosofo huma infinita variedade de objectos, todos *distinctos* huns dos outros. Conhecer a *differença* dos que parecem mais semelhantes, e a semelhança ou conformidade dos que parecem mais *diversos*, são os dous extremos da sciencia, e o mais nobre emprego do espirito filosofico.

XXXIX. *Ultimo — Derradeiro.*

Ultimo suppõe distancia: refere-se ao espectador, ou a hum ponto, que se toma para termo de comparação: he o que está *mais álem* desse ponto, ou do espectador.

Derradeiro suppõe numero: refere-se á série: he o que vem atrás de todos, ou depois de todos os seres que a compõem.

Ultimo he o *ultimus* dos Latinos, superlativo de *ultra*: o seu opposto he *citimus*, o que está *mais áquem*.

Derradeiro he o *postremus* dos Latinos: o seu opposto he *primus*, o *primeiro*.

Como porém o que he *derradeiro* na série se póde considerar como *mais álem* do primeiro; e o que he *ultimo* na distancia se póde considerar como

o *derradeiro* de todos os pontos, ou porções de espaço, que compõem essa distancia, d'aqui vem que se usa quasi indifferentemente de hum e outro vocabulo, ainda que em rigor exprimão differentes relações.

XL. *Extraordinario — Singular.*

Extraordinario oppõe-se a ordinario, e exprime o que he fóra da ordem commum, fóra da medida ordinaria; notavelmente maior ou menor, que as cousas do mesmo genero.

Singular oppõe-se a plural, e exprime o que he só, unico, diverso de todos os mais; o que não tem concorrente, nem semelhante.

Tudo o que excede as medidas, que o nosso espirito tem dos objectos, he *extraordinario*. Tudo o que não quadra com os typos ou modelos ideaes, que nós temos dos objectos, he *singular*.

Quando o objecto confórma em substancia com as nossas idêas, mas varía notavelmente nos gráos e dimensões, chamamos-lhe *extraordinario*. Quando não confórma, nem tem analogia com as nossas idêas, chamamos-lhe *singular*.

A estatura de hum gigante, ou de hum pigmeu he *extraordinaria* para nós, assimcomo a nossa o sería para hum povo de gigantes, ou de pigmeus; porque em ambos os casos he fóra da medida commum. A escritura será hum prodigio *singular* para

hum selvagem, que não tenha idêa alguma desta divina arte.

Todas as acções generosas são *extraordinarias* para huma alma apoucada e baixa. Todos os objectos novos são *singulares* para hum homem ignorante.

XLI. *Morte — Passamento — Transito — Fallecimento.*

Morte diz só e precisamente cessação de vida.

Passamento, e *transito* exprimem o acto de passar de hum lugar a outro, ou de hum estado a outro.

Fallecimento exprime o acto de fazer falta, acabando.

Morte he o termo proprio para significar o fim commum de todos os seres animados: e por isso se applica ao homem, aos brutos, ás plantas, e a todos os outros seres, em que consideramos vida.

Passamento, *transito*, *e fallecimento* tem significação differente, e applicavel a differentes objectos; mas usão-se por euphemismo em lugar de *morte*, com o fim de desviar da imaginação o que ella tem de repugnante á natureza, e de disfarçar a idêa triste e melancholica, que o seu proprio nome ordinariamente excita.

Para se obter este effeito são especialmente pro-

prios os dous vocabulos *passamento*, *e transito*, os quaes álem de não offerecerem a nosso espirito idêa alguma desagradavel, até parece que adóção o que a morte tem de terrivel, designando-a como simples *passagem* de huma para outra vida, e avivando deste modo a crença da immortalidade.

XLII. *Sécco — A'rido.*

Sécco he o que não tem humidade, ou não tem a que lhe he precisa, segundo a sua natureza, e applicação.

A'rido he o que não tem humidade, nem frescura, nem verdura, nem amenidade, antes he ardente, queimado do sol, e talvez esteril, e agreste.

O terreno, que não tem humidade bastante para a boa producção, he hum terreno *sécco*. Aquelle porém, que não produz verdura alguma, nem tem amenidade, nem he refrigerado por virações frescas e agradaveis, he *árido*. Os vastos e ardentes desertos de Africa são *áridos*. Muitas terras em Portugal são *séccas*, e por isso menos proprias para certos generos de cultura etc.

Ambos estes vocabulos se empregão no sentido figurado, exprimindo os differentes gráos da sua significação. Assim v. g. chamamos *sécco*, ou *árido* o estilo de hum autor, conforme o maior ou menor gráo, em que o consideramos falto de ornato, de

agrado, de amenidade. E chamamos *sêcca*, ou *árida*, em estilo devoto, a alma que sente mais ou menos desgosto a respeito das cousas espirituaes, que está em hum estado de maior ou menor insensibilidade, e que apenas produz, ou de todo não produz algum bom desejo, etc.

Correspondem-lhe em latim *siccus*, e *aridus*, com a mesma differença.

XLIII. *Continuação — Continuidade.*

Continuação refere-se á duração. *Continuidade* á extensão.

Continuação exprime a successão não interrompida da duração, ou a successão não interrompida de actos da mesma natureza.

Continuidade exprime a união, ou ligação não interrompida das partes do corpo, ou do espaço.

O primeiro he o latim *continuatio*: o segundo he o latim *continuitas*.

Dizemos *continuação* dos annos, *continuação* do trabalho, da guerra, da paz, etc. E dizemos *continuidade* da planicie, dos montes, do corpo, do espaço, etc.

XLIV. *Continuado — Continuo.*

Estes dous vocabulos, considerados na sua rigorosa

significação, devem ter a mesma differença respectiva, que acabamos de notar entre *continuação*, e *continuidade*.

Continuado quer dizer não interrompido na sua duração. Assim, trabalho *continuado* he aquelle que não he interrompido em algum momento da sua duração — trabalho *continuado* de duas horas — estudo *continuado* de muitas horas a fio — lagrimas *continuadas*, i. e. não interrompidas por algum instante de cessação, etc.

Continuo quer dizer não interrompido na sua extensão: v. g. ilhas, que existirão, e que hoje estão *continuas* com a terra firme; entre as quaes e a terra firme não ha interrupção alguma, nem cessação de *continuidade* — valle *continuo*, i. e. não interrompido pela elevação de algum outeiro, ou collina, não cortado por algum monte, etc.

Porêm, como a idêa e as relações da duração se não podem de todo separar da idêa e relações do espaço; por isso tambem ordinariamente se confundem, e usão promiscuamente estes dous vocabulos, tomando-se *continuado* pela não interrupção do espaço ou da extensão, v. g. montes *continuados*, serras *continuadas*, etc. e tomando-se *continuo* com respeito á *duração*, v. g. trabalho *continuo*, estudo *continuo*, etc.

XLV. *Sofrer — Aturar — Soportar — Tolerar.*

Sofrer significa absoluta, e genericamente levar, ou ir levando o mal que nos acontece, ou nos fazem.

Aturar he sofrer com repugnancia, e de má vontade; sofrer, porque mais não podemos.

Soportar he sofrer com paciencia, e boa sombra; sofrer de bom grado.

Tolerar he sofrer, não impedindo o mal, quem tem poder para isso — he deixar fazer, dissimulando — sofrer, fazendo semblante de que se não vê, ou se não entende, ou se não sofre.

Sofrer não exprime qualificação alguma do sofrimento, e diz-se de qualquer genero de mal. *Sofremos* os trabalhos da vida, as enfermidades, a pobreza, as injurias, etc.

Aturar exprime o sofrimento forçado. *Aturamos* até se encher a medida da paciencia; até nos enfadarmos de todo; até chegar o momento de sacudirmos o jugo; até podermos vingar-nos, etc.

Soportar diz sofrimento com conformidade, ou porque o mal he inevitavel, ou porque não consideramos vontade deliberada de fazer mal em quem o pratica. *Soportamos* os defeitos dos nossos amigos; as fraquezas dos nossos semelhantes; o genio das pessoas, com quem vivemos; as imperfeições inevitaveis da natureza humana — *Soportamos* os

golpes da adversidade, a saudade dos amigos, a morte dos parentes, etc.

Tolerar exprime sofrimento com dissimulação. *Toleramos* hum mal para evitar outro maior.

XLVI. *Preoccupação — Prevenção.*

Preoccupação significa juizo antecipado, que occupa o nosso espirito, e o embaraça de examinar depois as cousas, e de as julgar livremente e com imparcialidade.

Prevenção significa huma disposição do animo, antecipada, e avêssa, que nos não deixa examinar, e conhecer a verdade, para obrarmos e procedermos segundo os seus dictames.

Ambas estas disposições nos impedem o conhecimento da verdade, e o recto procedimento da vida: mas a *preoccupação* reside particularmente no entendimento, e o faz cégo: a *prevenção* reside particularmente na vontade, e a faz injusta.

A *preoccupação* mantêm-nos no erro, e conduz-nos a outros erros. A *prevenção* suppõe huma inclinação avêssa da vontade, e muitas vezes nos leva a excessos reprehensiveis, e até a crimes.

XLVII. *Riqueza — Opulencia.*

Riqueza he superabundancia de bens da fortuna — de cousas que tem hum valor pecuniario.

Opulencia he grande riqueza com ostentação, e talvez com poder, credito, influencia, etc.

XLVIII. *Frota — Armada.*

Frota he numero de navios, que navegão em conserva. Se estes navios são de guerra, e armados, chama-se a collecção delles *frota armada*, ou simplesmente *armada.*

XLIX. *Altura — Alteza.*

Altura diz-se mais frequentemente da elevação fisica. *Alteza* exprime sempre a elevação moral.

Dizemos *altura* das montanhas, das arvores, do edificio etc., e *alteza* dos pensamentos, *alteza* do mysterio, *alteza* do estado, *alteza* das palavras, etc.

L. *Infidelidade — Perfidia — Deslealdade — Traição — Aleivosia.*

Infidelidade exprime simplesmente huma falta de fé; huma violação da fé promettida, ou devida.

A *perfidia* ajunta á *infidelidade* o verniz doloso de huma fidelidade constante: he *infidelidade* negra e profunda: *infidelidade* com dolo, fraude, e simulação: talvez *infidelidade* á promessa feita com juramento.

A *infidelidade* póde ser huma fraqueza: a *perfidia* he sempre hum crime commetido com reflexão.

Deslealdade he propriamente a *infidelidade* do vassallo: *infidelidade* commetida contra hum soberano ou senhor, a quem se rendeo homenagem, ou contra a pessoa que se considera como tal.

Traição he *infidelidade*, ou *deslealdade*, lançando-se nos braços do inimigo, e talvez entregando-lhe a pessoa, a quem se deve fidelidade, ou lealdade, ou entregando-lhe os interesses dessa pessoa, revelando-lhe os seus segredos, etc.

Aleivosia he *traição* sob capa de amizade.

LI. *Muito — Sobejamente.*

Muito quer dizer em grande abundancia, em grande numero, em grande quantidade, grandemente,

etc. v. g. colheita *muito* abundante; concurso *muito* numeroso; homem *muito* douto, etc. *muitos* fructos, *muitos* homens, *muito* extenso, *muito* frio etc. etc. (He o *beaucoup* dos Francezes)

Sobejamente quer dizer com excesso, com demasia, com nimiedade. (He o *trop* dos Francezes.)

LII. *Acabar* (*neutro*) — *Fenecer* — *Perecer* — *Morrer* — *Finar-se* — *Fallecer*.

Acabar he chegar ao cabo, fazer fim. He expressão mui generica, que não determina nem a natureza da cousa que *acaba*, nem o modo do *acabamento*. *Acaba* o dinheiro, o tempo, o trabalho, a lição: *acaba* a vida, a existencia, a extensão, etc.

Fenecer he chegar á extremidade do tempo, ou da extensão, que he propria da cousa que *fenece*. *Fenece* a serra no mar — *fenece* o anno em Dezembro — aqui *fenece* o edificio — *fenece* a vida do homem, etc.

Perecer he chegar ao fim da existencia: *acabar* de todo.

Morrer he chegar ao fim da vida: *acabar* de viver.

Finar-se exprime propriamente o *acabamento* progressivo do ser vivente: he hir-se deteriorando a vida pouco a pouco, hir-se o homem, ou o vivente secando, estilando, atenuando, até de todo *acabar*.

Fallecer he fazer falta acabando. *Fallece* o dinheiro para as despezas; *fallecem* os recursos; *fallece* o tempo para concluir o negocio; *fallece* o homem, morrendo, etc.

Acaba, ou *fenece* a montanha, ou a serra junto á cidade, e não *perece*, nem *morre*, nem se *fina*, nem *fallece*.

Perece hum edificio, huma cidade, hum movel, *perecem* todos os bens da terra, e não *morrem*, nem se *finão*.

Morre o homem, e não *perece*, etc. etc.

LIII. *Symbolo — Emblema — Diviza — Empreza — Tenção.*

Symbolo he em geral qualquer imagem sensivel, que representa, ou com que representamos hum objecto espiritual.

O *Symbolo* deve ter alguma ligação com o objecto representado, ou esta seja natural, ou convencional. A pomba he *symbolo* natural da simplicidade; o tigre da ferocidade; a serpente da prudencia, etc. O caducêo he *symbolo* convencional da eloquencia; a oliveira, da paz; o louro, da victoria, etc.

Emblema he propriamente hum quadro composto de huma, ou mais figuras, que representão hum pensamento moral, ou politico.

O *emblema* he rigorosamente huma metafora,

ou allegoria, que falla aos olhos; e requer que as figuras tenhão analogia, ou semelhança natural com o objecto representado. A imagem da pomba fazendo o seu ninho dentro de hum capacete militar he o *emblema* da paz. Huma mulher esvelta e leviana, com hum pé no ar, e tocando apenas com a ponta do outro huma roda, ou globo, levando nas mãos hum vêo infunado pelo vento, he o *emblema* da fortuna, etc. Hum *emblema*, cujo sentido se não alcança facilmente, degenéra em *enigma*.

Diviza he hum symbolo adoptado para discernir e distinguir huma pessoa, ou corporação, designando o seu caracter, o seu sentimento dominante, ou tambem alguma acção notavel e caracteristica, ou finalmente o principal emprego, a que essa pessoa, ou pessoas se destinão. Ordinariamente he a *diviza* acompanhada de huma letra, ou móte, e algumas vezes só a letra ou móte constitue a *diviza*.

O pelicano tirando o sangue do proprio peito para alimentar os seus filhinhos, com a letra «*pela lei, e pela grei*» era a diviza de elRei D. João II. A esféra acompanhada do móte «*talent de bien faire*» era a aptissima *diviza* do illustre Infante D. Henrique. O Principe Eugenio tomou para *diviza* huma aguia, com esta letra «*natus ad sublimia*» etc.

Empreza he a representação emblematica das

façanhas, ou virtudes heroicas dos varões illustres. Huma serie de *emprezas*, allusivas ás acções grandes de hum homem illustre, compõe a sua historia.

Tenção he huma *diviza* allusiva ao pensamento, ou desenho, que alguma pessoa tem, de emprehender feitos altos e gloriosos.

LIV. *Gosto — Sabor.*

Gosto he hum dos cinco sentidos do homem: o seu orgão principal he a lingua; e por elle percebemos os *sabores* de differentes corpos da natureza.

Sabor he a propriedade, que tem alguns corpos da natureza, de tocar agradavel, ou desagradavelmente o orgão do *gosto*.

LV. *Verão — Estío.*

Humas vezes consideramos o anno como dividido em duas ametades, a huma das quaes damos o nome de *verão*, e á outra de *inverno*. Neste caso *verão* comprehende todo o tempo que decórre do equinoccio de Março ao de Setembro, e envolve na sua significação a *primavera*, e o *estio*.

Outras vezes consideramos o anno dividido em quatro partes, ou estações, a que damos os nomes de *primavera*, *estio*, *outono*, e *inverno*: e neste caso, subdividindo a estação da primavera em duas

partes, conservamos á primeira esse proprio nome, e damos á segunda o nome de *verão*, quasi exprimindo por este vocabulo o que os Romanos chamavão *ver adultum*.

Deste modo nos parece que empregou *Vieira* o vocabulo *verão*, quando disse na *Segund. Part. dos Serm.* n. 498 " de sorte que entre os sinaes do dia " do Juizo, e o mesmo dia, ha-de dar Christo de " espaço, quanto vay da primavera ao *verão*, ou " do *verão* ao *estio*, e dos fructos verdes aos ma- " duros " distinguindo assim *verão* de *primavera*, e de *estio*, como estação de tempo média entre ambas as duas.

LVI. *Complacencia — Deferencia — Condescendencia.*

Complacencia he huma disposição habitual, que nos inclina a nos conformarmos com as vontades, desejos, e gostos das pessoas, com quem convivemos, para lhes agradar. Do latim *complacere*, agradar-se alguem *juntamente com* os outros do que lhes agrada a elles.

Deferencia he huma disposição habitual, que nos inclina a acquiescer aos gostos, e sentimentos alheios, preferindo-os aos nossos, quando tratamos com pessoas, a quem julgamos dever attenção, e

respeito. Do latim *deferre*, em hum dos seus sentidos, *primas deferre*, *deferre honorem*, etc.

Condescendencia he huma disposição habitual, que nos inclina a conceder aos gostos e vontades alhêas, descendo do nosso lugar, dignidade, autoridade, opinião, etc. Do latim *con*, e *descendere*, palavra por palavra, *descer a par de* outrem, *descer juntamente com* outrem, etc.

Os deveres communs da sociedade obrigão-nos a termos huma justa e racionavel *complacencia* para com todos os nossos concidadãos.

A idade, a qualidade, a dignidade, o mérito das pessoas nos impõem o dever da *deferencia*.

As fraquezas, as necessidades, e até os defeitos dos outros demandão a nossa *condescendencia*.

Pela *complacencia* agradamos aos outros, e fazemo-nos amaveis. Pela *deferencia* rendemos homenagem, e damos honra ao merecimento, á virtude, á superioridade. Pela *condescendencia* mostramo-nos indulgentes, flexiveis, benignos.

O homem razoavel, e verdadeiramente social gósta de *deferir* aos superiores; de *condescender* com os inferiores; de *comprazer* a todos: mas todas estas qualidades tem seus limites fixados pela boa razão, que nos prohibe conformarmo-nos com gostos illegitimos, viciosos, perversos: e por isso a sobeja *complacencia* degenera muitas vezes em baixeza; a

deferencia em adulação; a *condescendencia* em fraqueza, e indignidade.

LVII. *Amarellecer — Empallidecer.*

Deve differençar-se a significação destes dous vocabulos, do mesmo modo que se differença a côr *amarella* da côr *pallida*, ou do *amarello esbranquiçado.*

LVIII. *Preferir — Escolher.*

Preferir he antepôr huma cousa a outra, ou a outras; pôla em primeiro lugar, ou acima dellas; ter essa cousa em maior valor.

Escolher he tomar alguem para si huma cousa entre muitas, postas de parte as outras.

Preferir refere-se propriamente ao entendimento, ou discernimento. *Escolher*, á vontade, ou liberdade.

Preferimos o mais digno: *escolhemos* o mais agradavel.

Preferir parece que diz respeito mais directamente á estimação, e avaliação da cousa, e que indica o juizo especulativo, que della fazemos. *Escolher* parece que envolve sempre huma relação ao uso que queremos fazer da cousa; e que indica a intenção prática de a empregarmos para o nosso fim.

Preferimos o que o nosso juizo nos mostra co-

mo melhor, e mais apreciavel, ou estimavel entre as pessoas, ou cousas concorrentes. Se alguma vez *preferimos* o peior, he porque a paixão, ou outra semelhante causa tem preoccupado o nosso juizo, e prevenido o seu exame.

Escolhemos humas vezes ao acaso; outras por sentimento; outras por capricho; outras por *preferencia*, e outras até contra a *preferencia*, isto he, contra o proprio juizo que fazemos do verdadeiro valor, e merecimento das cousas.

Quando *preferimos* o peior por erro ou corrupção do juizo, a nossa *preferencia* he injusta. Quando *escolhemos* com acerto, guiados pela justa *preferencia*, que o objecto merece, a nossa *escolha* he boa.

Muitas vezes *preferimos* o que não está na nossa mão *escolher*, e então não *escolhemos* para nosso uso o que *preferimos* na especulação.

Todo o homem que tiver bom juizo *preferirá* a tranquillidade da vida particular aos cuidados, agitações, e perigos da vida publica: mas nem todos podem *escolher* o modo de vida a seu arbitrio.

LIX. *Apressado — Apressurado.*

Apressado exprime simplesmente que alguem obra, ou que alguma cousa se faz com celeridade, com expedição, e não de vagar, nem pauzadamente.

Apressurado exprime *apressado* com estreiteza, aperto, e angustia de tempo, ou de espaço, talvez com afflicção. Parece derivado do latim *pressura*, cuja terminação frequentativa inculca a verdadeira energia deste vocabulo, principalmente em alguns casos, como no lugar de *Souz. Hist. de S. Dom.* Part. I. L. 5. C. 19. onde diz: *tirava muito do peito com o folego* apressurado, etc.

LX. *O por vir — O futuro.*

Parece que ha entre estes dous vocabulos alguma differença, hum pouco subtil na verdade, mas não indigna de reflexão.

O *por vir* he o que ainda não veio, nem aconteceo, nem he certo que haja de acontecer. O *futuro* he o que de certo ha de ser, ou acontecer, ainda que nós o ignoremos.

O *por vir* não só involve escuridade relativamente ao nosso conhecimento, mas tambem suppõe a real indeterminação do objecto. O *futuro* tem realidade objectiva (como se exprimem os metafisicos) ainda que nós a ignoremos.

O *por vir* he expressão negativa, e por isso mais generica, mais vaga, e mais indeterminada. O *futuro* he expressão positiva, e por isso mais determinada, e menos vaga e incerta.

Só Deos sabe o *por vir*; mas os homens podem predizer com certeza alguns *futuros*.

O receio do *por vir* deve fazer-nos precatados, a fim de evitarmos hum *futuro* desgraçado.

LXI. *Affirmar — Assegurar — Confirmar.*

Affirmar he simplesmente dizer alguma cousa com certeza; sem mostrar duvida.

Assegurar he affirmar com energia, isto he, com certas expressões, gestos, tom de voz, ou continencia tal, que inculque a nossa intima convicção, e dê a entender aos outros que o que affirmamos he superior a toda a duvida.

Confirmar he dar novas provas, ou recorrer a novos testemunhos, que reforcem ainda mais a certeza da nossa *affirmação*, ou da dos outros.

Affirmar refere-se particularmente á certeza de quem affirma, e julga dizer a verdade. Quem *affirma* está convencido doque diz, e dá provas, se necessario he.

Assegurar refere-se á intenção de obter a crença, ou approvação dos outros. Quem *assegura* toma o tom e os modos, que julga mais proprios para influir nas pessoas a quem falla: e não poucas vezes *asseguramos* as cousas, de que não estamos convencidos, ou ao menos, de que não podemos dar provas.

Confirmar exprime a idéa de ajuntar novas provas ás que já estão dadas, ou novos motivos, que corroborem a *affirmação*.

O verdadeiro sabio *affirma* poucas cousas, e só aquellas de que tem bons e solidos fundamentos.

O dogmatista tudo *assegura*, e parece ignorar os limites do nosso espirito, e as vantagens inapreciaveis de huma duvida, e desconfiança razoavel. O seu fim he dominar os juizos dos outros, e dobralos á sua opinião.

O incivil fallador mette-se muitas vezes a *confirmar* com a sua autoridade, testemunho, ou razões, o que em sua presença *affirmão* homens de verdade e de respeito.

Quem tudo *affirma* nem por isso merece grande credito; mas seria temeridade negar o nosso assenso ao homem de juizo e probidade, que nos *assegura* hum facto, aindaque pouco ordinario, com tanto que seja possivel; maiormente se elle o *confirma* com outros testemunhos de igual pezo.

LXII. *Antecipado — Prematuro.*

Antecipado exprime tamsómente o que he feito antes do tempo, em que seria necessario fazer-se.

Prematuro exprime o que he feito antes do tempo opportuno, conveniente, e apto.

O primeiro póde empregar-se em bom ou mau

sentido; o segundo sempre se toma em mau sentido.

Em qualquer negocio ou empreza as providencias *antecipadas* podem ser boas, e ás vezes até são necessarias: as *prematuras* podem ser nocivas, e pelo menos são inuteis.

LXIII. *Templo — Igreja — Basilica.*

Convêm estes vocabulos em exprimir a idêa generica de hum lugar destinado para o exercicio publico da Religião; mas com suas differenças.

Templo refere-se directamente á divindade: *igreja* aos fieis: *basilica* á magnificencia, ou realeza do edificio.

Templo he propriamente o lugar, em que a divindade habita e he adorada. *Igreja* he o lugar, em que se ajuntão os fieis para adorar a divindade e lhe dar culto.

Por esta só differença de relações, ou de modos de considerar o mesmo objecto, se vê que *templo* exprime huma idêa mais augusta; e *igreja*, huma idêa menos nobre: que *templo* he mais proprio do estilo elevado, e pomposo; *igreja*, do estilo ordinario e commum.

Pela mesma razão se diz, que o coração do homem justo he o *templo* de Deos: que os nossos corpos são *templos* do Espirito Santo etc., e em ne-

nhum destes casos se póde substituir a *templo* o vocabulo *igreja*.

Basilica, que significa propria e litteralmente *caza regia*, e que na antiguidade ecclesiastica se applicou ás *igrejas* por serem cazas de Deos, Rei supremo do universo; hoje se diz de algumas *igrejas* principaes, mórmente quando os seus edificios são vastos e magnificos, ou de fundação régia. Taes as *basilicas* de S. Pedro, e de S. João de Laterão em Roma; tal entre nós a *basilica* Patriarchal etc.

Quando fallamos das falsas religiões, damos ás suas cazas de oração, ou o nome geral de *templo*, ou os nomes particulares de *mesquita*, *mochamo*, *synagoga*, *pagode* etc., segundo a linguagem dos turcos e mouros, dos arabes, judeos, gentios, etc. *Igreja*, e *basilica* sómente se dizem dos *templos* dos christãos, e especialmente dos catholicos Romanos.

LXIV. *Momento — Instante.*

Momento exprime hum brevissimo espaço de tempo. *Instante* he hum espaço ainda mais breve, ou antes (se assim podemos dizer) hum ponto, hum primeiro elemento da duração.

« O *instante* (diz *Heit. Pint. Dial. da Just.* » C. 1.) se ha com o tempo da maneira que se ha » o ponto com a linha, porque tam idivisivel he

„ hum como o outro; e pois o ponto não hé linha, „ logo nem o *instante* he tempo. „

A'lem disso, *momento* parece que admitte huma significação mais ampla, tomando-se ás vezes pelo tempo em geral, ou pela conjuncção das cousas: como quando dizemos, que para o bom successo de hum negocio importa muito aproveitar o *momento* favoravel. *Instante* porêm sempre se toma na sua significação restricta, pela mais pequena e indivisivel duração do tempo.

Finalmente *momento* tambem se usa em sentido figurado pelo valor, pezo, e importancia de hum negocio. *Instante* sómente se emprega no sentido litteral.

LXV. *Diccionario — Vocabulario — Glossario.*

Diccionario he em geral a collecção dos vocabulos de qualquer lingua, ou dos termos de qualquer arte, sciencia, ou disciplina, dispostos por ordem alphabetica, com as suas significações, e talvez com explicações.

Vocabulario diz-se mais particularmente da collecção dos vocabulos de huma lingua dispostos por ordem.

Glossario sómente se diz dos que tratão dos vocabulos barbaros, ou peregrinos, que se tem introduzido em huma lingua; dos que são de mais diffi-

cil, ou menos vulgar intelligencia; dos antigos, ou antiquados, etc. etc.

São bem conhecidos os *Diccionarios* de differentes linguas; o das sciencias e artes; o dos homens illustres; o das heresias, etc. — os *Vocabularios* de *Bento Pereira*, de *Bluteau*, etc. — o *Glossario de Du-Cange*, o das *palavras*, *termos*, e *frazes que antigamente se usárão em Portugal*, a que o seu autor deo o nome de *Elucidario* pelos motivos que dá na *Advertencia preliminar*, etc.

LXVI. *Largura — Largueza.*

Largura sómente se usa no sentido fisico, e exprime precisamente huma das tres dimensões dos corpos, isto he, a distancia que ha de hum lado a outro de qualquer superficie, sem respeito ao seu comprimento. Assim dizemos v. g. a *largura* de hum rio, de huma praça, de huma taboa, etc., quando sómente queremos designar a distancia que ha de huma margem á outra, ou de hum lado ao outro, etc. (lat. *latitudo*)

Largueza, no mesmo sentido fisico, tem significação menos restricta, e exprime em geral a extensão de huma superficie, ou a capacidade e amplidão de hum espaço. Assim dizemos v. g. a *largueza* dos campos vizinhos á cidade, i. e. a sua extensão; a *largueza* de huma praça, que tem capacidadede

receber muitos mil homens; a *largueza* de huma caza, que aloja muitas familias, etc.

Mas álem disso *largueza* tambem se usa no sentido moral (do lat. *largitas*) v. g. *largueza* de animo, quando queremos exprimir hum animo amplamente liberal, não acanhado — *largueza* de idêas, de opiniões (como hoje dizemos) i. e. opiniões ou idêas liberaes, largas, despejadas, não estreitas, etc. etc.

LXVII. *Para — Afim.*

Ambos estes vocabulos exprimem a relação das nossas acções com o fim a que as dirigimos, ou com o intento que levamos em as praticar. Mas *para* refere-se a hum fim mais proximo, a hum intuito mais immediato: *afim* refere-se a hum fim mais remoto, a hum intuito, que he secundario em ordem, ainda que o não seja na importancia.

O homem bem educado estuda *para* cultivar, ornar, e engrandecer a sua razão, *afim* de fazer-se digno da estimação geral, e alcançar gloria entre os seus contemporaneos.

O homem de probidade respeita os direitos dos outros *para* obter delles igual consideração, *afim* de concorrer, quanto está da sua parte, para a tranquillidade, e boa ordem da sociedade, etc.

LXVIII. *Geral — Universal.*

O que he *geral* póde admittir excepções: o que he *universal* não tem nenhuma.

O que he *geral* comprehende o maior numero dos particulares, ou a todos em grosso: o que he *universal* comprehende todos os particulares hum por hum.

He opinião *geral*, que as mulheres são pouco aptas para o estudo das sciencias profundas; mas esta opinião está muito longe de ser *universalmente* adoptada, e muitas mulheres illustres a tem desmentido.

Geralmente fallando, quem he infiel a Deos não he fiel aos homens — He maxima *universal* que o homem deve viver conforme as leis, etc.

LXIX. *Benevolencia — Beneficencia.*

Benevolencia he a inclinação habitual da nossa alma, que nos faz desejar constantemente o bem e a felicidade dos nossos semelhantes.

Beneficencia he a disposição habitual da nossa alma, que nos inclina a fazer todo o bem que podemos aos nossos semelhantes: he a *benevolencia* posta em pratica: he a vontade, e o feliz poder de fazer bem.

O homem *benevolo* he tambem *benefico*, quando póde; e o homem *benefico* he o que tem a fortuna de poder exercitar, quando quer, a sua *benevolencia*.

Estas duas virtudes parece comprehenderem todas as boas qualidades, que se exprimem pelo vocabulo *humanidade*. A estreitissima relação que ha entre ellas, faz que muitas vezes se tomem hum pelo outro os vocabulos que as significão.

LXX. *Benevolencia — Bemquerença.*

Se attendermos á formação destes dous vocabulos, acharemos que a significação de ambos he perfeitamente synonyma, não havendo entre elles outra differença, que a de ser o primeiro derivado das duas palavras latinas *bene-velle*, e o segundo das duas portuguezas de identica significação *bem-querer*. Com tudo parece que *benevolencia* se empregará melhor, quando quizermos fallar da virtude desse nome, isto he, do sentimento ou disposição habitual, que nos inclina a querermos e desejarmos o bem dos nossos semelhantes: e que *bemquerença* será mais accommodado para exprimir essa disposição do animo, quando tem por objecto alguma pessoa particular, e determinada.

LXXI. *Imprevisto — Inesperado — Inopinado.*

Imprevisto he aquillo que acontece, semque nós o tenhamos previsto.

Inesperado he o que succede, semque nós o tenhamos aguardado, ou esperado.

Inopinado he o que succede, semque nós o tenhamos pensado, e semque nos haja vindo á imaginação.

Quando pois nos succede alguma cousa repentina, ou extraordinaria, na ordem dos acontecimentos, que são objecto da nossa previsão, dizemos que essa cousa he *imprevista*. Quando na ordem dos acontecimentos, que são objecto de nossas esperanças, dizemos que a cousa he *inesperada*. Quando finalmente na ordem dos acontecimentos, que são, em geral, objecto de nossos pensamentos, ou fantasias, dizemos que he *inopinada*.

Todo o homem de juizo deve usar de previdencia no que diz respeito aos negocios importantes da vida, á saude, ao bem da sua caza e familia, aos seus procedimentos moraes, etc. O que nesse genero de cousas lhe succede repentinamente he *imprevisto*.

Todo o homem aguarda os acontecimentos ordinarios, que são resultado da ordem do mundo e das cousas, e para os quaes costumamos estar mais ou menos preparados. E todo o homem espera certa

ordem de acontecimentos agradaveis, que são objecto de seus razoaveis, e moderados desejos. O que neste genero de cousas lhe succede repentinamente he *inesperado.*

Todo o homem finalmente tem hum certo numero de idêas, e de fantasias. Tudo o que acontece extraordinario, ou contrario a estas idêas, tudo o que nunca veio ao pensamento desse homem, e parece exceder a sua concepção, he *inopinado.*

A morte he hum acontecimento quasi sempre *imprevisto* para todos nós; porque raras vezes a mettemos em conta nos calculos que fazemos para o arranjo dos nossos negocios, e da nossa vida. He *inesperada* para aquelles, que se persuadem gozar de boa saude; porque neste estado não he natural aguardala. E só poderia ser *inopinada* para o insensato, que se julgasse izento desta lei fatal, imposta a todo o vivente; porque só este acharia extraordinario, e incomprehensivel hum acontecimento tão natural, como certo e inevitavel.

Para o homem que só quer gozar do presente, que nunca pensa no futuro, que lhe não importa o dia de amanhã, tudo he *imprevisto.*

Para o homem que nada deseja, nada espera, em nada confia, tudo he *inesperado.*

Para o homem, que nada sabe, e em nada pensa, tudo he *inopinado.*

O soccorro, que nos vem de huma mão desco-

nhecida e generosa, quando estamos na miseria e desgraça, he *imprevisto.*

O favor, que longo tempo sollicitamos em vão, e que se nos faz, quando mais remoto o julgavamos, he *inesperado.*

A aleivosia, que nos faz hum homem, que sempre reputamos nosso amigo, e honrado, e com quem não tivemos quebra alguma, he hum acontecimento *inopinado.*

LXXII. *Sempre — Continuamente.*

Sempre quer dizer, em qualquer lugar, tempo, e occasião, que se offereça, e seja opportuna.

Continuamente, quer dizer, sem interrupção.

Devemos preferir *sempre* o nosso dever ao nosso gosto — O homem não póde trabalhar *continuamente.*

Para agradarmos aos outros, convêm fallar *sempre* bem; mas quem falla *continuamente* não póde deixar de enfastiar a quem o ouve.

He maxima inculcada no Evangelho, que o verdadeiro christão deve orar *sempre*; mas não he possivel, nem póde ser de obrigação orar *continuamente.*

LXXIII. *Incerteza — Indecisão — Irresolução — Perplexidade.*

Incerteza exprime o estado da alma, quando lhe falta a luz necessaria para fazer com segurança os seus juizos.

Indecisão he o estado da alma, quando não vê nos objectos motivos sufficientes que a determinem a formar hum juizo seguro, e a fixar a sua escolha. He a *incerteza* nos casos praticos, em que he necessario *decidir* para obrar.

Irresolução he o estado da alma, quando não tem energia bastante para seguir a *decisão* do seu entendimento; para vencer a indifferença da sua vontade; para superar os obstaculos, que se oppõe ao seu proceder.

Perplexidade he indecisão, ou irresolução inquieta.

A *incerteza* diz sómente respeito ao estado intellectual. Os outros vocabulos referem-se á pratica das acções moraes.

Da *incerteza* nasce a *indecisão*, que nos não permitte julgar *decisivamente* o que convêm, ou cumpre obrar.

A *irresolução* he propria da vontade. Muitas vezes estamos *decididos* sobre o que devemos pra-

ticar, mas *irresolutos* por indolencia, pusillanimidade, insensibilidade, timidez, etc.

Perplexidade suppõe *indecisão* do entendimento, ou *irresolução* da vontade, com inquietação e agitação, nascida da necessidade em que nos vemos de *decidir*, ou *resolver*, e do receio de tomarmos hum partido errado, cujas consequencias nos venhão a ser nocivas.

Remove-se a *incerteza*, e *indecisão*, instruindo, illustrando, convencendo o homem *incerto*, ou *indeciso*.

Remove-se a *irresolução*, excitando, estimulando, persuadindo, forçando, arrastando o homem *irresoluto*.

Remove-se a *perplexidade* por hum e outro modo, mostrando ao mesmo tempo, que quem procede, depois de justo exame e deliberação, com recta intenção, e segundo a prudencia, não deve inquietar-se a respeito do bom ou mau successo das suas acções.

A *indecisão*, bem como a *incerteza*, suppõe poucas luzes, ou desconfiança dellas.

A *irresolução* suppõe fraqueza, ou pouca energia de animo, falta de coragem.

A *perplexidade* suppõe de mais o receio do futuro.

LXXIV. *Desterrar — Exterminar — Degradar.*

Desterrar he litteralmente *lançar da terra. Exterminar* he *lançar fóra do termo*, ou limites. *Degradar* he *decretar.* (do lat. *decerno — decretum*, donde o portuguez *degredo.*)

Desterrar pois he lançar alguem da propria terra, ou seja do lugar que lhe deo nascimento, ou do lugar do domicilio, ou do reino a que pertence.

Exterminar he lançar fóra de certo termo, ou limites.

Degradar suppõe que se *decreta* lugar certo e determinado para residencia do *degradado.*

Desterrar diz immediato respeito ao lugar, donde alguem he lançado fóra. *Desterrado* da patria, *desterrado* do reino, etc.

Exterminado refere-se aos limites, dentro dos quaes lhe não he permittido entrar, ou habitar. *Exterminado* da comarca, da provincia, da côrte, etc.

Degradado exprime determinação do lugar, aonde deve residir. *Degradado* para Castro-marim, para Africa, para Angóla, para Moçambique, etc.

« O sabio (diz *Arraes* 1. 3.) póde ser peregri-
» no, mas não *desterrado*; podem-no mudar de

» hum lugar para outro, mas não *degradar*, por-
» que toda a terra he sua patria. »

« O *desterro* (diz *Cicer.* no 2. *Paradox.* tra-
» ducção de *Duart. de Resend.*) terribel he áquel-
» les, que tem seu lugar dentro de algum limite,
» ou termo, e não aos que cuydam que toda a re-
» dondeza da terra he huma soo cidade. »

LXXV. *Negligente — Priguiçoso — Indolente — Inerte.*

Todos estes adjectivos qualificão o homem de *pouco expedito* em qualquer negocio, ou trabalho, e convêm entre si nestá idêa generica: mas o *negligente* he pouco expedito por falta de cuidado: o *priguiçoso* por falta de acção: o *indolente* por falta de sensibilidade: o *inerte* por falta de arte, esperteza, desembaraço.

O *negligente* não tem cuidado, nem vigilancia; não dá valor ás cousas; nada lhe merece huma attenção séria, perca-se o que se perder.

O *priguiçoso* não tem actividade, nem energia, não quer mover-se: a quietação, o repouso he o seu elemento.

O *indolente* nada o estimula: parece que não tem desejos, nem gostos, nem apetites vivos, nem paixões: a apathia he o seu caracter.

O *inerte* não tem arte, nem esperteza para co-

nhecer e discernir os modos, e os meios: não sabe o que ha de fazer: fica indeciso, e suspenso por ignorancia, ou por falta de uso dos negocios.

O *negligente*, he necessario corrigir-lhe a ligeireza do espirito, fazelo bem conhecer a importancia das cousas, mostrar-lhe as consequencias das suas omnissões.

O *priguiçoso*, he necessario fazer-lhe perder o amor demasiado da quietação, e convencêlo de que ha hum movimento, actividade, e agitação util, que mantêm em nós o vigor do corpo e do espirito, e nos izenta dos vicios molles e effeminados, que corrompem o nosso coração, e gastão a nossa vida.

O *indolente*, he necessario excitar-lhe a sensibilidade; mostrar-lhe que essa apathia, ou perfeita indifferença filosofica he huma quimera, e que a felicidade do homem não consiste em não sentir affectos e paixões, mas em saber domalas, e regêlas.

O *inerte* finalmente, he necessario mostrar-lhe o caminho, ensinar-lhe os meios, exercitalo na prática dos negocios, etc.

LXXVI. *Prenhe — Grávida — Pejada.*

Prenhe exprime precisamente o estado da femea, que traz a criança no ventre.

Grávida refere-se ao pezo, que a femea sente, quando anda prenhe.

Pejada exprime o embaraço, incommodo, ou estorvo, que ella experimenta em seus movimentos, no estado de prenhêz.

Arraes 10. 52. « D'aqui he quadrar mais á sa-
» grada Virgem o nome de *prenhe*, que o de *grá-*
» *vida*, e *pejada*, pois não sentio algum gravame,
» ou pezadume em seu ventre. »

Sem embargo desta judiciosa reflexão, parece que os nossos modernos oradores sagrados recusão hoje o vocabulo *prenhe*, usando em seu lugar de *grávida*; que he menos popular, e tem hum certo ar scientifico. Na linguagem commum das pessoas cultas diz-se quasi sempre *pejada*, fallando das mulheres.

Com tudo no sentido figurado prefere-se de ordinario o vocabulo *prenhe* a *grávida*, ou *pejada*; quando dizemos, por ex., nuvem *prenhe* de raios, palavras *prenhes*, terras *prenhes* de metaes, etc., e a razão desta preferencia he, porque em taes casos não intentamos indicar o gravame, ou pezadume da nuvem, das palavras etc., mas sim que a nuvem traz dentro de si o raio; que as palavras envólvem dentro de si, e dão a entender mais doque mostra o seu sentido obvio, etc. etc.

LXXVII. *Desnaturado — Desnaturalizado.*

Desnaturado exprime, palavra por palavra, o que

decahio da sua natureza, o que degenerou della, o que se despojou, ou foi despojado da natureza que lhe he propria. (de *des*, e *natura*.)

Desnaturalizado he o que se privou, ou foi privado da sua naturalidade. (de *des*, e *natural*.)

O primeiro diz-se do homem de costumes estragados, que erra aos sentimentos da natureza, que obra contra o que elles inspirão, que parece haver degenerado do ser de homem. Tal he, por exemplo, o que não tem compaixão dos seus semelhantes; o que não tem amor nem respeito a seus pais; o que os não soccorre em suas necessidades, etc.

O segundo diz-se do cidadão, que a si mesmo se despojou, ou por crimes foi privado dos direitos civis, e nacionaes, lançado da sociedade dos seus concidadãos, etc.

LXXVIII. *Victoria — Triunfo.*

Victoria he a vantagem que se alcança sobre o inimigo na guerra; sobre o competidor na pretenção; sobre o adversario na disputa; sobre o litigante na demanda, etc.

Triunfo significa propriamente a ostentação, que se faz da *victoria*; a demonstração publica em honra do vencedor.

LXXIX. *Contiguo — Proximo — Vizinho — Confine.*

Contiguo he o que se toca, ou está em contacto com outra cousa (lat. *contiguus*, de *con*, e *tango*.)

Proximo he o que está muito perto; que está logo depois; que se segue. (lat. *proximus*, superlativo de *prope*.)

Vizinho he propriamente o habitante do mesmo lugar, aldêa, villa, ou cidade. (lat. *vicinus*, de *vicus*, e este do vocabulo Celtico *vic*.)

Confine he o que tem limite commum com outra cousa. (lat. *con-finis*.)

Contiguo sómente se diz dos corpos que estão em contacto. Hum homem póde estar *contiguo* a outro; huma caza a outra; hum campo a outro, etc.

Proximo tem significação mais ampla, e diz-se 1.° dos *corpos*: v. g. hum livro, huma banca, hum quarto, etc. *proximo* a outro, ou a outra cousa. 2.° do *tempo*: o anno *proximo*; o dia *proximo* seguinte, etc. 3.° da *ordem do discurso*: o paragrafo *proximo*; a razão *proximamente* dada; o *proximo* argumento, etc. 4.° da *semelhança da natureza*, fallando do homem: todos somos *proximos*; mas entre os nossos *proximos* são mais *proximos* os parentes, etc.

Vizinho diz-se mais particularmente da proxi-

midade de habitação. Os que morão em caza *contigua*, ou na mesma rua, ou no mesmo bairro, ou na mesma villa, etc. são *vizinhos*. Duas cazas podem ser *vizinhas*, sem serem *contiguas*, nem *confines*, nem *proximas*.

Confine diz-se d'aquellas cousas que tem hum limite, ou limites communs. Campos *confines*; commarcas, territorios *confines*; reinos *confines*; etc. etc.

LXXX. *Afortunado — Ditozo — Feliz.*

Afortunado he o que he favorecido da fortuna: e nós chamamos favorecido da fortuna aquelle, que quasi por sorte, ou caso, com mediana diligencia sua, ou sem nenhuma, alcança bens não ordinarios, e ás vezes nem esperados, nem pretendidos.

Ditozo he, segundo a força etymologica do vocabulo, aquelle que goza de muitos bens e riquezas.

Feliz he o que goza de felicidade, e nós dizemos que goza de felicidade o homem, que vive tranquillo e satisfeito na pacifica fruição dos bens, que bastão aos seus desejos.

Assim, tomando estes vocabulos em todo o rigor, e propriedade das suas significações, póde o homem ser *afortunado* e *ditozo*, sem ser *feliz*; e póde ser *feliz* no meio da *desdita*, e do *infortunio*.

O ambicioso, por exemplo, que chega a conseguir o objecto de seus vastos pensamentos e desejos,

que pôde supplantar os seus competidores na carreira das honras; que subindo, por favor da fortuna, até ao cume da humana grandeza avassalla, e sobjuga reinos, e imperios, e vê ante si ajoelhados os outros homens; este ambicioso, digo, he sem duvida *afortunado*; mas póde não ser *feliz*, e por certo que a *felicidade* raras vezes se encontra accompanhada de tanto apparato.

Pelo contrario o homem modesto, que ama a verdade e a virtude; que sabe dominar as suas paixões, e reger os seus desejos; que vive contente com a sua mediocridade, e que reune a tranquillidade do espirito e a paz do coração com a saude e vigor do corpo, póde certamente dizer-se *feliz*, e com tudo não he *afortunado*, nem *ditozo*.

O homem *afortunado* e *ditozo* logo tem parentes, amigos, lisongeiros, adoradores; mas se a *fortuna* o desampara, tudo isto desapparece. Elle está sempre dependente dos objectos externos.

O homem verdadeiramente *feliz* vive as mais das vezes desconhecido, e apenas estimado de poucos; mas elle não depende nem dos louvores do vil adulador, nem dos forçados obsequios do pretendente. A sua *felicidade* está dentro do seu proprio coração.

O homem mau e malvado he muitas vezes *afortunado* no meio dos seus crimes; mas nunca póde ser *feliz*. Pelo contrario o homem virtuoso e verda-

deiramente sabio póde ser *feliz* até no meio das perseguições, e dos supplicios.

O rei mais poderoso, e o homem mais *afortunado* de toda a Asia admirou-se de saber pela voz do oraculo, que o mais pobre dos A'rcades era o homem mais *feliz* de toda a terra.

LXXXI. *Clarão — Claridade — Esplendor.*

Parece que estes tres vocabulos exprimem differentes gradações da luz, sendo o *clarão* hum como principio da *claridade*, e o *esplendor* a sua maior perfeição. Mas *clarão* tambem se diz algumas vezes de huma luz forte, e rápida: *claridade* e *esplendor* suppõe mais duração, e permanencia.

O *clarão* faz perceber os objectos: a *claridade* mostra-os distinctamente: o *esplendor* appresenta-os em todo o seu luzimento.

O *clarão* he humas vezes o primeiro assômo da luz nascente (o *clarão* da aurora — o *clarão* do crepusculo): outras vezes he huma luz fraca, que se empréga com pouca actividade sobre os objectos, por estarem a grande distancia do corpo luminoso (o *clarão* da lua — o *clarão* do archote, que passa ao longe): outras vezes he huma luz fugitiva e de pouca duração, ainda que forte, e talvez deslumbrante (o *clarão* do relampago.)

A *claridade* he huma luz mais ou menos pura,

mas duravel, e sufficiente para bem se verem, e distinguirem os objectos.

O *esplendor* he huma claridade viva, brilhante, forte, e talvez deslumbrante; mas tambem duravel: he a plenitude da luz.

O *clarão* penetra como a través das trévas: a *claridade* dissipa as trévas: o *esplendor* he todo luz.

LXXXII. *Claridade — Clareza.*

Claridade emprega-se mais ordinariamente no sentido fisico e proprio: *clareza* no sentido figurado e moral.

Assim dizemos v. g. a *claridade* do sol, da luz, do dia etc., e a *clareza* do entendimento, do discurso, das expressões; a *clareza* do sangue, da familia, etc.

LXXXIII. *Clareza — Perspicuidade.*

Ambos estes vocabulos exprimem huma qualidade essencial do bom discurso, ou seja escrito, ou pronunciado: mas *clareza* parece que se refere particularmente ás idêas, e *perspicuidade* ás expressões.

A *clareza* requer precisão, exacta deducção, e boa ordem nas idêas. A *perspicuidade* requer termos proprios, e de significação bem determinada, construcção regular, ligação conveniente.

Tem *clareza* o discurso, quando mostra a verdade em toda a sua luz. Tem *perspicuidade* o estilo, quando a través (digamos assim) dos vocabulos, se vê perfeitamente o pensamento de quem falla, ou escreve.

LXXXIV. *Movel — Movediço.*

Movel he simplesmente o que póde mover-se: *movediço* he o que se move com facilidade.

A differença bem sensivel destes dous vocabulos basta para nos advertir, que na nossa lingua a terminação em *iço*, nos adjectivos, exprime as mais das vezes a *facilidade* de se produzir a acção, ou de se adquirir o estado, ou propriedade significada pelo adjectivo simples. Assim v. g. dizemos.

De alagado	*alagadiço*, i. e. *facil de alagar-se.*
— espantado	*espantadiço* — *facil de espantar-se.*
— agastado	*agastadiço* — etc.
— dobrado	*dobradiço* —
— abafado	*abafadiço* —
— encontrado	*encontradiço* —
— descontente	*descontentadiço* —
etc. etc.	

LXXXV. *Conjuração — Conspiração.*

Conjuração he união de pessoas para algum fim, firmada com juramento.

Conspiração he união de pessoas ou cousas para algum fim.

A *conjuração* suppõe proposito. A *conspiração* póde ser casual.

Conjuração toma-se as mais das vezes em mau sentido; mas não sempre. A nossa feliz restauração de 1640 foi effeito de huma *conjuração*.

Conspiração parece ser de huma significação mais indifferente, ainda que tambem se emprega muitas vezes em mau sentido.

A *conjuração* parece dirigir-se sempre a algum effeito externo: a *conspiração* póde ser sómente em opiniões e sentimentos.

LXXXVI. *Novo — Recente.*

Novo he o que d'antes não tinha acontecido, ou não tinha sido inventado, ou de que não havia noticia, e tambem o que não tem tido uso, ou tem sido mui pouco usado.

Recente exprime precisamente o que succedeo ha pouco tempo, o que ainda está fresco, ou succedeo de fresco.

Huma lei he *nova* quando se promulga pela primeira vez: hum invento he *novo*, quando d'antes não era conhecido, ou não havia noticia delle: hum vestido he *novo* quando ainda não teve uso, ou só mui pouco.

A lei he *recente* quando foi promulgada ha pouco tempo. O *invento* he recente, quando ha pouco tempo começou a ter voga, ou a ser conhecido do publico. O vestido he *recente*, quando está feito de fresco.

Novo parece que se refere á substancia (por assim dizer) da cousa, do facto, ou do sujeito; e *recente* á sua data.

A revolução Franceza offerece-nos muitos exemplos *recentes* dos terriveis effeitos das paixões humanas, quando são violentamente agitadas pelas commoções publicas: mas nenhum destes exemplos he *novo* na Historia das nações.

A doutrina do magnetismo animal he *recente* na Europa; mas muitos dos fenomenos, em que ella se funda, nada tem de *novos*, etc.

LXXXVII. *Preciso — Succinto — Conciso.*

Todos estes vocabulos caracterizão hum discurso, em que sómente entra o necessario; mas esta idêa generica he determinada em cada hum delles por differenças particulares.

Preciso, e *succinto* referem-se ás idêas: *conciso* refere-se á expressão e estilo.

He *preciso* o discurso, quando não entrão nelle idêas algumas estranhas ao objecto de que se trata. (vej. o art. IX.)

He *succinto* o discurso, quando não entrão nelle senão as idêas mais essenciaes e importantes, e essas talvez tocadas pelo maior, e sem desenvolvimento.

He *conciso* o estilo e a expressão, quando no discurso se empregão sómente os termos mais proprios, e significativos, e se excluem todas as palavras, e circumlocuções desnecessarias.

O discurso *preciso* requer analyse rigorosa, e deducção exacta e severa; e separa cuidadosamente toda a idêa vaga, inutil, superflua, ou de qualquer modo estranha ao seu assumpto, isto he, toda a idêa, que não nasce delle, ou não tende a illustralo.

O discurso *succinto* contenta-se com as idêas fundamentaes, e com os principios genericos, comtantoque sejão solidos, e fecundos. Suppõe que o leitor he capaz de desenvolvêlos, e de fazer as suas particulares applicações.

O discurso *conciso* escolhe com grande cuidado os vocabulos mais expressivos, e empréga sómente os que bastão para pôr em boa luz o pensamento.

LXXXVIII. *Olfato — Cheiro.*

Olfato he hum dos sentidos do homem, cujo orgão principal he o nariz, e pelo qual elle percebe o *cheiro* dos objectos.

Cheiro he a propriedade, ou disposição que tem

alguns corpos da natureza, pela qual fazem impressão agradavel ou desagradavel no orgão do *olfato*.

LXXXIX. *Gabar — Louvar.*

Gabão-se as forças e a valentia do homem. *Louva-se*, e tambem se *gaba* o seu procedimento, o seu saber.

Gaba-se a formosura, a gentileza, a graça, a vivacidade de huma mulher. *Louva-se* a sua honestidade, o seu pudor, a sua virtude.

Gaba-se hum bom traste, hum bom cavallo, huma maquina bem construida, hum edificio formoso e bem arranjado, etc. e nada disto *se louva*.

Pelo que, *gabar* refere-se ás pessoas e ás cousas. *Louvar* refere-se particularmente ás pessoas.

Gaba-se tudo o que he bom no seu genero: *louva-se* tudo aquillo, por que o homem se faz benemerito, e digno da estimação dos outros homens.

Quem se *gaba* he vaidoso. Quem se *louva* he orgulhoso: por isso nos rimos ordinariamente do homem que se *gaba*, e aborrecemos o homem que se *louva* a si mesmo.

XC. *Respeito — Deferencia — Reverencia — Veneração — Acatamento.*

Respeito he a attenção, ou consideração, que se tem, ou se dá a alguem, ou a alguma cousa.

Deferencia he o *respeito* que se tem aos sentimentos, desejos, e gostos de qualquer pessoa, preferindo-os aos nossos, por alguma superioridade que julgamos haver nessa pessoa. (vej. o art. LVI.)

Reverencia he *respeito* com temor filial.

Veneração he *respeito* profundo, e submisso: *respeito* religioso: especie de culto, que se dá ás cousas santas, ou ás que reputamos como taes, ou aos objectos que julgamos mais dignos de *respeito* e honra.

Acatamento he todo o acto externo, com que mostramos o nosso *respeito*, *reverencia*, ou *veneração*.

Respeitamos os outros homens, os seus direitos, as suas infelicidades: respeitamo-nos a nós mesmos, os nossos deveres, os nossos justos interesses, etc.

Deferimos á idade, ao mérito, á virtude, ao saber, quando concedemos aos gostos, opiniões, sentimentos, ou desejos das pessoas, em quem suppômos, ou reconhecemos essas qualidades.

Reverenciamos os mestres, os pais, os pasto-

res, os magistrados, o soberano: *reverenciamos* tudo aquillo, em cuja presença estamos como o filho costuma estar diante de seu pai, isto he, com huma especie de temor respeitoso.

Veneramos a Deos, os santos, as cousas religiosas e sagradas, e tudo aquillo, a que tributamos algum genero de culto, como aos pais, á patria, aos homens de eminente vírtude, etc.

Acatamos finalmente, mais ou menos, todas as pessoas e cousas, a quem devemos *veneração*, *reverencia*, *deferencia*, ou *respeito*.

XCI. *Folga* — *Folguedo*.

Folga he simplesmente a larga que se dá ao espirito, e ao corpo, interrompendo o trabalho, para tomar alguma honesta recreação.

Folguedo he muita *folga*, grande *folga*; *folga* continuada, ou que dura muito tempo, etc.

Por occasião deste artigo não será inutil advertir, que a terminação em *edo* exprime muitas vezes a mesma differença respectiva entre varios outros vocabulos, significando multidão, duração, continuação, ou repetição da mesma cousa significada pelo substantivo simples. Assim v. g. derivamos

De *brinco* - - - *brinquedo*, i. e. grande brinco, ou muito brincar, ou brincar continuado.

De *arvore* - - - *arvoredo* i. e. multidão, continuação de arvores.
— *fraga* - - - - *fraguedo* — fragas continuadas.
— *silva* - - - - *silvedo* — etc.
— *vinha* - - - - *vinhedo* — etc. etc.

XCII. *Onda* — *Vaga.*

Onda exprime no seu sentido primario abundancia de agoas, e d'aqui se deriva a accepção secundaria, em que muitas vezes o tomamos, significando a fluctuação, ou o movimento ondulatorio das mesmas agoas, originado da sua abundancia, e fluidez.

Vaga exprime originariamente o grão ruido das agoas violentamente agitadas, e desta significação se deriva a outra, em que o tomamos por *onda* grande, formada pela violenta agitação das agoas.

Ambos estes vocabulos se usão fallando do mar, e dos rios; mas se os considerarmos em sua rigorosa significação, e desacompanhados de epitheto; o primeiro exprime huma ondulação mais branda, e, se assim podemos dizer, mais pacifica, nascida da propria fluidez das agoas, ou de causas accidentaes, mas ordinarias: e o segundo huma ondulação mais agitada, mais forte, e mais violenta, nascida do movimento não ordinario, e talvez perturbado, e tumultuoso das agoas.

Os ventos fortes fazem empolar as *ondas*, e levantão *vagas*.

O navio corta as *ondas*, e navega por ellas; mas he fortemente embatido, e ás vezes soçobrado pelas *vagas*.

XCIII. *Attracção — Gravidade — Gravitação — Affinidade.*

Ha huma força universal na natureza, que sollicita todas as moléculas da materia, e todos os aggregados dellas a approximarem-se huns dos outros debaixo de certas leis. Esta força chama-se *attracção*.

Quando consideramos a *attracção* sollicitando os corpos terrestres, e cada huma das suas particulas, a approximarem-se do centro da terra, chamamos-lhe mais ordinariamente *gravidade*: e o mesmo nome damos a essa força considerada nos corpos, de que se compõe cada astro, a respeito desse astro.

A mesma *attracção* considerada nos grandes corpos, ou astros, de que se compõe o systema do mundo, e sollicitando-os huns para os outros, e todos para hum centro commum, toma o nome de *gravitação*.

Finalmente a mesma força obrando nas mais pequenas moléculas da materia, e em pequenissimas distancias, chama-se *affinidade*.

Considerão ainda os fysicos outras especies de *attracção*, que só se observão em certos corpos, ou em corpos modificados de certo modo; mas estas especies não tem nome particular, e designão-se pelo vocabulo generico de *attracção* respectivamente qualificado, v. g. *attracção* electrica, *attracção* magnetica, etc.

XCIV. *Gravidade — Pezo.*

Gravidade he a força attractiva, que sollicíta os corpos terrestres, e cada huma das suas particulas a se approximarem do centro da terra. (art. XCIII.).

Pezo he a somma dás acções, que essa força exercita sobre cada huma das particulas, de que se compõe hum corpo.

A *gravidade* he igual em todos os corpos, e nas suas mais pequenas particulas. Hum pedaço de ouro, e huma pluma, hum globo de ferro, e outro igual de cortiça, deixados a si a igual altura da superficie de terra, cahirião sobre ella ao mesmo tempo, se o ar lhes não opposesse mui desiguaes resistencias.

O *pezo* he desigual nos differentes corpos, segundo he maior ou menor o numero de particulas materiaes, que nelles se contêm debaixo de igual volume. A cortiça, por exemplo, tem menos pezo que o chumbo, ou o ferro, porque debaixo de hum volu-

me igual contêm muito menos particulas de materia *grave*.

XCV. *Obrigação — Dever.*

A lei liga o homem, impõe-lhe huma *obrigação* (*ob-ligatio*). A *obrigação* constitue o homem n'huma *divida*, géra hum *dever*.

A lei prende a liberdade do homem, e não a deixa seguir senão hum caminho: esta he a *obrigação*. A liberdade coarctada pela *obrigação*, deve seguir o unico caminho que a lei lhe indica: este he o *dever*.

Dever he huma acção, que o homem faz, conforme á *obrigação* legal.

Como a *obrigação* nasce da autoridade da *lei*, não póde extender-se álem dos limites dessa autoridade: e como o *dever* he huma divida do homem, não póde extender-se álem da esfera das suas faculdades, isto he, da sua possibilidade. Assim cessa a *obrigação*, quando a cousa não póde ser mandada, ou quando quem a manda não tem autoridade para isso: e cessa o *dever*, quando a cousa não póde, ou não deve ser executada.

XCVI. *Realizar — Verificar.*

Realizar he fazer *real*, dar *realidade* ao que d'antes a não tinha, ou parecia não a ter. *Verificar* he fa-

zer, ou mostrar *verdadeiro* o que se duvidava, ou podia duvidar.

Realiza-se huma promessa: *verifica-se* huma narração.

Realiza-se hum plano, hum projecto: *verifica-se* huma allegação, hum facto historico.

Realiza-se huma esperança, hum desejo: *verifica-se* a exactidão de huma experiencia, a justeza de huma demonstração.

Realiza-se, e *verifica-se* huma profecia. *Realiza-se*, porque o acontecimento profetizado não tem realidade, quando se profetiza: e *verifica-se*, porque o profeta o vê de algum modo como presente, e o annuncia como tendo realidade, aindaque futura.

XCVII. *Mundo — Universo.*

Mundo significa especialmente a collecção de todos os grandes corpos, que tem o sol por centro dos seus movimentos, e comprehende o mesmo sol, os planetas, os seus satellites, e os cometas. Na linguagem vulgar toma-se muitas vezes pelo só globo terrestre, e tambem pelo *universo*.

Universo comprehende não só o nosso systema planetario, mas tambem todos os outros, que parecem semelhantes; ou essa grande multidão de estrellas, que se nos representão como centros de outros

tantos *mundos* disseminados na vasta extensão do espaço celeste.

XCVIII. *Lizongear — Adular.*

Lizongear he fazer ou dizer a outrem cousas agradaveis, principalmente em seu obsequio, e louvor, talvez com justiça e verdade, e talvez com affectada complacencia.

Adular he *lizongear* vil e baixamente; lizongear mentindo; lizongear de huma maneira servil, grosseira, impudente.

Lizongear toma-se em bom ou mau sentido: *adular* sempre se toma em mau sentido.

O *lizongeiro* póde estar em erro, ou ser exaggerado nos seus louvores; mas sempre obra de boa fé: o *adulador* he exaggerado de proposito, falla contra o que entende, lizongêa de má fé, e ás vezes até diviniza as paixões e os crimes.

A *lizonja* póde ser agradavel até ao homem modesto: a *adulação* aborrece, e causa fastio até ao orgulhoso.

A *adulação* he para a *lizonja* como a mentira he para o erro.

XCIX. *Moça — Donzella — Rapariga.*

Moça refere-se propriamente á idade, e significa em geral mulher de pouca idade.

Donzella he diminutivo de *dona*, e significa originariamente *moça nobre*. Neste sentido o tomou *Camões*, quando disse, fallando da desditosa Ignez de Castro, *Lusiad.* C. 3. Est. 134.

Tal está morta a pallida donzella,
Seccas do rosto as rosas . . . .

entendendo por *donzella*, *moça nobre*, linda, e mimosa, ainda que já mãi de filhos, bem como os antigos entendião por *donzel* moço nobre, e em particular aquelles, que des de pequenos se criavão com os Reis e Infantes. (Monarch. Lusit. L. 16. C. 15.)

Rapariga parece significar mais propriamente *moça* não nobre, *moça* de baixa origem, talvez de serviço, etc.

C. *Desnecessario — Inutil — Escusado — Superfluo.*

He *desnecessario* o que não he necessario, ou deixa de o ser. He *inutil* o que não presta para o fim que se intenta. He *escusado* o que se póde ommittir sem

risco, ou sem má consequencia. He *superfluo* o que sobeja alem do necessario.

Todos estes vocabulos exprimem, ou antes suppõe huma comparação, que o nosso espirito faz entre os meios, e o fim, que se intenta.

Chamamos *necessarios* aquelles meios, sem os quaes se não póde obter o fim: mas cessando este, os meios vem a ser *desnecessarios*.

Chamamos *util* tudo o que serve, o que presta, o que aproveita para o fim, aindaque não seja *necessario*. O que não aproveita, nem presta, nem serve para o fim, que se intenta, n'uma palavra, o que não tem relação com esse fim, he *inutil*.

Muitas cousas, que não são *necessarias*, podem ser *uteis*, e convenientes para mais facilmente conseguirmos o fim: mas se essas cousas demandão muito trabalho, ou muita despeza, ou trazem comsigo grandes difficuldades, he *escusado* empregalas, porque não são indispensaveis, e podem ommittir-se sem risco do negocio.

Finalmente muitas vezes temos á mão differentes meios todos *uteis* para o fim que intentamos. Se hum delles basta, e he efficaz para o conseguirmos, os outros sobejão, são *superfluos*.

He *desnecessario* vigiar a praça, quando não ha receio de inimigos. He *inutil* reprehender o homem, que não tem pejo. He *escusado* fazer leis, aonde reinão os bons costumes. He *superfluo* amon-

toar provas de huma verdade, quando temos dado alguma, que seja demonstrativa, e irrecusavel.

CI. *Concorde — Conforme.*

Concorde refere-se propriamente ao acordo do animo, da vontade, do coração, e diz-se de duas ou mais pessoas, que tem as mesmas opiniões, os mesmos gostos, os mesmos sentimentos.

Conforme refere-se mais particularmente á identidade, ou analogia das fórmas; e diz-se de duas ou mais cousas, que tem entre si fórmas identicas, ou semelhantes.

5539

Todos os homens razoaveis são *concordes* em adoptar certas maximas de moral. Todos os animaes da mesma especie são *conformes* na sua figura, e organização.

Duas pessoas podem *conformar-se* nas mesmas praticas, sem *concordarem* nos mesmos principios.

Aindaque todos os homens são *conformes* na sua organização, he raro achar dous, que sejão perfeitamente *concordes* em sentimentos, etc.

CII. *Juventude — Mocidade.*

Juventude significa propriamente hum tempo determinado da vida humana, distincto do tempo da infancia, da puericia, da adolescencia, da idade varo-

nil, e da velhice. He o tempo da vida do homem, que medêa entre a adolescencia, e a idade varonil.

Mocidade toma-se muitas vezes indeterminadamente pelas tres idades da puericia, adolescencia, e *juventude*, como se as comprehendesse todas.

Assim v. g. nestas frases: *a mocidade portugueza he apta para o estudo das sciencias*, *a mocidade he dada aos prazeres*, etc. não usaremos com propriedade do vocabulo *juventude*, em lugar de *mocidade*.

CIII. *Acção — Acto.*

Aindaque estes vocabulos se confundem no uso vulgar, por não ser necessario empregalos sempre em todo o rigor da exactidão metafysica; nem por isso deixão de ter entre si huma differença bem notavel, que ás vezes será conveniente attender, e que he applicavel a muitos outros vocabulos respectivamente analogos.

Acção he hum vocabulo abstracto, e *acto* he hum vocabulo concreto: isto basta para nos conduzir na indagação da sua differença.

O vocabulo abstracto exprime huma consideração do nosso espirito, que observando os modos, as qualidades, ou as relações semelhantes, que ha em differentes sujeitos, faz dellas huma separação intellectual, e lhes dá huma denominação generica. O

vocabulo concreto suppõe sempre hum sujeito, em que reside, ou se emprega essa modificação, qualidade, etc.

Acção exprime a modificação, ou o estado da potencia em exercicio. *Acto* he o effeito da *acção*. *Acção* he a *operação* da potencia: *acto* he a *obra* que resulta dessa operação.

A potencia, quando está em *acção*, emprega a sua energia, e faz, ou produz alguma cousa: o seu producto he o *acto*.

Os mesmos vocabulos de *operação*, e *obra*; de *producção* e *producto* confirmão a nossa explicação, e a illustrão.

O nosso entendimento he huma potencia, cuja *acção* se desenvolve por differentes modos, e produz differentes *actos*. O raciocinio he hum *acto* do entendimento, e não lhe chamamos propriamente *acção*, nem damos esse nome a outros *actos* da mesma faculdade.

Em moral chamamos *actos humanos* os productos da vontade livre do homem. A consideração intellectual da energia, que a vontade desenvolve para os produzir, e que liga cada hum desses *actos* com a sua causa, he o que chamamos *acção*.

Por este modo nos parece que se deve, no rigor metafysico, fazer differença entre *moção*, e *movimento*; *reformação*, e *reforma*; *indemnização*, e *indemnidade*; *oblação*, e *offerenda*, etc. etc., ainda-

que na linguagem vulgar poucas vezes se dê attenção a essa differença.

CIV. *Abrogar — Derogar — Antiquar.*

Em linguagem de Jurisprudencia, *abrogar* he anullar a lei: *derogar* he anullar parte da lei: *antiquar* he pôr a lei em desuso.

Dizemos que a lei foi ou está *abrogada*, quando todas as suas disposições forão abolidas por outra lei: dizemos que foi, ou está *derogada*, quando alguma parte della foi abolida por outra lei: e dizemos, que está *antiquada*, quando está posta no numero das que não estão em uso.

Abrogar, e *derogar* a lei pende de hum acto positivo do legislador, *antiquar* he hum effeito do não uso, ou do costume legitimamente introduzido em contrario.

Abrogar, e *antiquar* sómente se diz das leis, constituições, ceremonias, e outras cousas semelhantes: *derogar* tambem se diz analogamente por *diminuir*, *tirar alguma cousa de*, etc. v. g. *derogar* a autoridade, a nobreza, a dignidade, i. e. diminuir, tirar alguma cousa da autoridade, da nobreza, etc.

CV. *Costumar — Soêr — Estar affeito.*

Costumar exprime propriamente a repetição dos mesmos actos.

Soêr significa tambem a continuação da mesma cousa, ou do mesmo modo de ser ou estar, e isto desde muito tempo. *A palavra* sôem estar (diz a *Monarch. Lusit.* P. 5. L. 16. C. 72.) *denota continuação de tempo antigo.*

Hum homem *costuma* lêr todos os dias, *costuma* fazer actos de beneficencia, *costuma* seguir os seus caprichos, isto he, repete muitas vezes estes actos, tem habito, ou *costume* de os fazer.

As pessoas de certas familias *sôem* ser doutas. A residencia dos nossos Soberanos *sohia* ser em Lisboa. Portugal já não he o que d'antes ser *sohia*. As escolas geraes do reino *sôem* ser em Coimbra, isto he, continuão a ser desde tempo antigo, etc.

E poraqui se vê quanto semrazão se despreza hoje este vocabulo, e quasi se vai tirando do uso commum, como antiquado; quando elle tem huma significação bem differente do seu synonymo *costumar*; tem boa e legitima derivação do latim *solere*; e tem a seu favor o uso dos melhores classicos, e ainda de alguns escriptores modernos, posto que rarissimos.

Estar affeito exprime propriamente huma con-

sequencia do *costume*: he ter adquirido facilidade, geito, e talvez gosto e propensão de fazer alguma cousa, que se *costuma* fazer, ou a que se está *acostumado*.

Quando temos *costume* de fazer qualquer cousa, por difficil que seja, *affazemo-nos* finalmente a ella, e então não só cessa a difficuldade; mas até muitas vezes fazemos com gosto, o que ao principio nos causava pena, ou molestia. Isto he o que se chama *estar affeito*.

CVI. *Deshonesto — Obsceno.*

Deshonesto he tudo o que se oppõe á castidade, á pudicicia, á pureza, etc.

Obsceno exprime muito mais que *deshonesto* na mesma ordem de cousas; porque a sua particular energia he significar o que he sujo, immundo, sordido, torpe, etc. (do latim *coenum*, lama, lodo.)

O *deshonesto* offende a castidade, a pudicicia, a pureza. O *obsceno* viola abertamente estas virtudes, ajunta á deshonestidade a torpeza, a immunda grosseria, e talvez a impudencia.

Deshonesto diz-se de tudo quanto offende a castidade: pensamentos, lembranças, vistas, acções, etc. *Obsceno* he mais proprio das cousas externas, e que se offerecem á vista; e por isso se diz com particularidade das palavras, livros, paineis, gestos, postu-

ras, etc. e se alguma vez dizemos tambem *pensamentos obscenos*, he porque nos referimos á fantazia, quando ella nos representa imagens, que merecem essa qualificação.

CVII. *Ordir — Tramar — Tecer — Maquinar.*

Os tres vocabulos *ordir*, *tramar*, e *tecer* considerados nas suas significações proprias, e primarias, tem differenças bem sensiveis, e bem sabidas, as quaes parece que deverião passar com igual gráo de energia para o sentido metaforico, ou translato.

Ordir he lançar os primeiros fios para a têa: *tramar* he passar outros fios por entre, e a través da ordidura: *tecer* abrange o *ordir*, e o *tramar*; he fazer o que resulta de ambos; he fazer a têa.

Logo, no sentido figurado parece que *ordir*, *tramar*, e *tecer* v. g. hum enredo, huma traição, etc. deverião ter a mesma differença, e neste caso o vocabulo *ordir* exprimiria menos que *tramar*, e *tecer*; e o vocabulo *tecer* exprimiria mais que *ordir*, e *tramar*.

Ordir hum enredo sería lançar as primeiras linhas para elle, dar as primeiras idêas, traçar o primeiro plano, ou desenho.

Tramar exprimiria o enlaçamento do enredo, a acção de o ligar, de combinar todas as suas partes, de lhe dar força, e consistencia.

Tecer exprimiria ambas as cousas, e diriamos que *teceo* hum enredo, quem inventou o primeiro plano, quem lhe deo consistencia e força, combinando, ligando, unindo todas as suas partes, e finalmente quem o arranjou completamente desde o principio até o fim.

Comtudo parece que o vocabulo *tramar*, ou por suas articulações asperas, ou por exprimir a parte mais difficil da têa, isto he, o *entrelaçado* dos fios, e lhe dar com isso mais consistencia, he o que no uso vulgar se emprega para significar com mais força e energia hum enredo implicado, e bem concertado para produzir o fim que se intenta.

Maquinar usa-se no mesmo sentido, mas parece que exprime hum modo mais embaraçado, mais profundo, mais artificioso, e talvez mais baixo e mais odioso de armar hum enredo, huma traição, huma empreza criminosa, etc.

CVIII. *Reconhecimento — Gratidão.*

Reconhecimento exprime o acto de tornar a conhecer, isto he, de conhecer bem o beneficio, de repassálo na memoria, de o confessar.

Gratidão exprime o sentimento habitual, que nos inclina a dar graças pelo beneficio.

Reconhecimento refere-se immediatamente ao

beneficio; *gratidão*, ao bemfeitor. *Reconhecemos* o beneficio, e somos *gratos* a quem no-lo fez.

O *reconhecimento* parece que depende principalmente do juizo, e da memoria: he hum dever de justiça: basta ser justo, para ser reconhecido.

A *gratidão* depende mais da sensibilidade: he hum dever de sentimento: faz-nos caro o bemfeitor, e inspira-nos o desejo de lho mostrarmos: he necessario ter o coração sensivel para amarmos a quem nos faz bem.

O *reconhecimento* lembra-se do beneficio; confessa-o; e está prompto a pagalo por outro.

A *gratidão* lembra-se do beneficio com prazer e sensibilidade: tem gosto em confessalo: está tambem prompta a retribuilo; mas nunca chamará a isto paga, nem jámais se julgará desobrigada da sua divida.

O *reconhecimento* em fim he o principio da *gratidão*: esta he o complemento do *reconhecimento*.

Aquelle, que *reconhecendo* o beneficio, cuida em pagálo por outro, para se livrar do pezo do *reconhecimento*, he hum *ingrato*. A *gratidão* préza, e ama o titulo de devedora, e quer sempre conservalo, aindaque muito faça em serviço do bemfeitor.

CIX. *Acabar — Cessar — Descontinuar.*

Acabar diz tanto como *pôr fim*, ou remate a alguma cousa; dar-lhe fim.

Cessar he abandonar o trabalho, ou empreza.

Descontinuar he interromper o trabalho para tornar depois a elle.

Acabar suppõe o trabalho concluido, por não haver mais nada que fazer.

Cessar póde dizer-se do trabalho ainda não *acabado*; mas cuja continuação se abandonou por algum motivo.

Descontinuar suppõe que o trabalho se interrompe, para se voltar a elle em tempo opportuno.

Aindaque o homem prudente não deva emprehender trabalho algum, semque se julgue com forças para o *acabar*; comtudo convêm algumas vezes *descontinualo* para dar recreação ao espirito, ou ao corpo fatigado; e outras vezes he forçoso *cessar* de o proseguir, porque circunstancias imprevistas obstão á sua conclusão.

CX. *Crescer — Augmentar-se.*

Crescer he a expressão propria, com que significamos aquella operação, pela qual os corpos organisados passão gradual e insensivelmente por todas as

differenças de grandeza, desdeque começão a ser visiveis, até chegarem á perfeição, que lhes he propria: he o desenvolvimento gradual, e insensivel de todas as partes dos corpos organisados: *Crescem* as plantas, os homens, os animaes, *cresce* o cabello, a lã, o pello, a pennugem, etc.

Por analogia parece que se applica este vocabulo com propriedade para exprimir o engrandecimento progressivo, e gradual de qualquer cousa, quando este se faz por huma especie de mechanismo interno, ou por causas e modos, que nos são invisiveis. Neste sentido dizemos, que *cresce* a massa em fermentação, *crescem* os dias e as noites, *crescem* os rios, *crescem* no homem os vicios com a idade, *cresce* a violencia das paixões, etc.

Augmentar-se exprime mais particularmente o engrandecimento, que se faz por huma addição de novas quantidades, ou por addição de cousas da mesma especie, e não suppõe que esse engrandecimento seja progressivo, nem gradual, nem insensivel. Assim *augmenta-se* o trigo no celleiro, o dinheiro no cofre, o numero dos homens em huma funcção publica, os bens de huma caza, etc. etc.

A mesma differença parece verificar-se quando empregamos estes vocabulos no sentido figurado. *Cresce* (por exemplo) o poder de huma nação, quando se desenvolvem os meios proprios, internos, e por assim dizer, organicos do seu engrandecimento,

quaes são o melhoramento das leis, o progresso das luzes, a influencia efficaz da religião sobre os costumes, a vigilancia activa do governo etc., e *augmenta-se* esse poder pela acquisição de algum novo territorio, pela addição de outros estados, por alliançãs habilmente combinadas, etc.

CXI. *Tomar — Receber — Aceitar.*

Tomar alguem alguma cousa, he havêla a si; havêla á mão; apprehendêla com a mão. Não involve, nem suppõe acção estranha, que nos mande, ou dê, ou offereça essa cousa; nem idêa de movimento que a traga a nós. *Tomamos* o vestido, o chapeo, a espada; *tomamos* o livro para ler, a penna para escrever, as armas para brigar; *tomamos* amor, odio, asco; *tomamos* occasião, tempo, etc. etc.

Receber he tomar o que se nos dá, ou se nos offerece, ou se nos manda, ou vem a nós. *Recebemos* hum presente, hum favor, huma injuria; *recebemos* hum hospede, huma visita, huma noticia, huma ferida na guerra, etc. *recebemos* o foro que se nos paga, o dinheiro que se nos deve, etc. etc.

Aceitar he receber com agrado e boa sombra, e tambem approvar, assentir, dar consentimento, autorizar o que se nos offerece, ou propõe. *Aceitamos* hum obsequio, huma graça, huma offerta: *acei-*

tamos as condições de hum contracto, a proposta que se nos faz, a obrigação que se nos impõe, etc.

Aceitamos a offerta que alguem nos faz do seu prestimo, e não a *recebemos*, nem *tomamos*.

Recebemos hum insulto, huma injuria, huma descortezia, e não a *tomamos*, nem *aceitamos*.

Finalmente *tomamos* as armas para ir á guerra, e não as *recebemos*, nem *aceitamos*, etc.

CXII. *Aventurar — Arriscar.*

Aventurar he pôr em sorte e ventura. *Arriscar* he pôr em risco.

Aventurar he pôr o negocio, ou cousa de que se trata, nas mãos da fortuna; sujeitala ás suas alternativas, e aos seus caprichos: indica huma perfeita incerteza do successo, e suppõe a igual probabilidade, ou antes possibilidade de ser bom, ou mau.

Arriscar exprime alguma probabilidade, ainda que remota, de mau successo: he pôr o negocio sobre o *risco* (se assim podemos dizer) em que se começa a declinar para o mau termo.

Quem joga com hum jogador igual, *aventura-se* a perder ou ganhar. Quem joga com hum jogador mais habil, *arrisca-se* a perder.

Quem entra em hum jogo, em que o caso, e sorte decide tudo, *aventura* o seu dinheiro. Quem se expõe a huma viagem maritima difficil, e exten-

sa, por causa de commercio, *arrisca* o seu dinheiro, e a sua vida.

CXIII. *Alvedrio — Liberdade.*

O primeiro destes vocabulos exprime a faculdade, que a nossa vontade tem de resolver, de decidir, e de se determinar depois da deliberação.

O segundo exprime huma propriedade do *alvedrio*, e consiste em que essa determinação da vontade se faz por energia sua propria, semque a isso seja forçada por genero algum de necessidade.

O *alvedrio* faz que a vontade resolva, e se determine com deliberação. A *liberdade* faz que essa acção seja só e toda sua: que a vontade seja senhora absoluta da sua determinação: que nenhuma cousa estranha tenha sobre ella influencia necessaria e inevitavel.

Vieira diz em alguma parte dos seus Sermões *a liberdade do alvedrio*, e *Heit. Pint.* no *Dial. da Vid. Sol.* Cap. 3. usa da mesma expressão.

CXIV. *Abundante — Abundoso.*

Abundante he o que actualmente abunda. *Abundoso* he o que tem a qualidade natural, a propriedade, a força de abundar, ou tambem a plenitude da abundancia.

A terminação em *ante* do participio do presente denóta a acção actual, ou o estado da cousa no momento de que se falla; o que acontece e se faz de presente; o facto, ou as suas circunstancias, etc. A terminação em *oso* denóta a qualidade, ou propriedade natural, a força, a inclinação, a paixão, o habito; em fim ás vezes a plenitude, perfeição, excesso, etc. de alguma qualidade, ou accidente.

Assim, por exemplo, *estudante* he o que actualmente estuda, ou cursa os estudos: *estudioso* he o que tem inclinação natural, paixão, habito de estudar; he o que tem como á propriedade natural de estudar, ou a plenitude desta inclinação.

Negociante he o que actualmente negocêa, que tem este estado, ou vida: *negocioso* he o que he naturalmente dado a negocios; que todo se emprega nisso; e o tem de seu genio e inclinação.

Radiante he o que actualmente lança raios de luz: *radioso* he o que tem em si, e como de sua natureza a qualidade, a propriedade, a força de os lançar. O sol he *radioso*, ainda quando não está *radiante*.

Amante he o que actualmente ama; o que actualmente está possuido deste sentimento ou paixão: *amoroso* he o que por natureza he inclinado a este sentimento; que facilmente se deixa levar do amor; que tem a propriedade e facilidade natural de amar, etc.

Ha pois a mesma differença entre *abundante* e *abundoso*. A colheita v. g. he *abundante*; o terreno he *abundoso*. Se alguma vez dizemos colheita *abundosa*, he para significarmos o excesso, a plenitude da abundancia. Os pastos são *abundantes*, quando queremos exprimir a actual producção de hum paiz, relativamente aos rebanhos, que alimenta: e são *abundosos*, quando queremos exprimir a fecundidade da terra, que os produz em grande abundancia, ou a plenitude da actual producção, etc.

CXV. *Incognito — Desconhecido.*

Incognito he precisamente o que não he conhecido. *Desconhecido* diz-se tambem d'aquillo que deixou de ser conhecido; d'aquillo que outróra se conheceo, e de que depois se perdeo o conhecimento.

Terras *incognitas* são aquellas, que nunca forão descobertas, nem conhecidas: mas huma terra, huma villa ou cidade póde haver sofrido taes alterações, e mudanças, que venha a dizer-se *desconhecida* d'aquelles mesmos, que em outro tempo a conhecêrão.

O Messias não era *incognito* aos Judeos; mas foi *desconhecido* delles, quando veio.

Desconhecemos hum amigo, que depois de larga ausencia e varios trabalhos, se nos appresenta demudado. *Desconhecemos* os nossos deveres, quando

obramos, como se os não conhecessemos, ou como se deixassemos de os conhecer. *Desconhece-se de homem, o que não sabe perdoar*, diz *Arraez* 5. 1.

A particula *in* na composição dos adjectivos exprime muitas vezes a simples negação da qualidade significada pelo adjectivo não composto. A particula *des* nos mesmos casos exprime a separação, a perda dessa qualidade, ou que ella foi tirada ao objecto, ou que o objecto decahio della, etc.

Assim, *ser inanimado* he o que não tem alma: e *ser desanimado* he aquelle que está como se perdera, ou lhe tirárão a alma.

Informe he o que não tem fórma: *disforme* he o que perdeo a fórma que tinha; que a tem alterada, ou afeiada.

Inhabitado he o lugar ermo, que não tem habitadores: *deshabitado* he o lugar que já foi habitado, e que agora está sem habitadores.

Inculpado he o homem que não tem culpa: *desculpado* he o que se justificou da culpa que lhe imputavão, que se mostrou izento della, etc. etc.

CXVI. *Pedir — Orar — Exorar — Rogar — Supplicar — Implorar — Obsecrar — Demandar — Requerer — Exigir.*

Pedir he de todos estes vocabulos o mais generico, isto he, que não especifica nem a cousa que se pe-

de, nem o modo com que se pede, nem a pessoa, a quem se pede. *Pedimos* huma graça: *pedimos* justiça: *pedimos* o que se nos deve: *pedimos* a Deos, aos homens, em juizo, ou fóra delle, etc. etc.

Orar he *pedir a Deos*, diz *Vieir. Serm. do Roz.* Tom. 2. p. 239.

Exorar he demover, conseguir com supplicas; pedir afincadamente de maneira que alcancemos o que pedimos.

Rogar he pedir por graça e mercê.

Supplicar he pedir humildosamente, pedir com submissão, pedir de joelhos.

Implorar he pedir com lagrimas, pedir com grande ardor.

Obsecrar he pedir por alguma cousa sagrada, ou mui respeitavel.

Demandar he pedir por, e com direito; pedir em juizo. *Pedir a quem me deve* (diz *Vieir. Serm. do Roz.* Tom. 1. p. 476.) *mais he* demandar, *que* pedir.

Requerer he pedir ao magistrado, ao superior, ao principe o que segundo a lei nos deve ser concedido.

Exigir he pedir com autoridade, pedir como divida, talvez pedir por força. Deos *exige* de nós obediencia e amor — a amisade *exige* correspondencia — o Principe *exige* tributos, etc.

CXVII. *Superioridade — Autoridade — Poder — Soberania — Senhorio.*

Superioridade, no sentido em que aqui o consideramos, exprime aquella relação, pela qual huma pessoa se considera em mais alto gráo que outra, ou seja nos talentos, ou nas forças, ou na excellencia, ou no poder, ou em qualquer outra cousa. Hum homem he *superior* a outro em litteratura, em virtudes, em gentileza, em nobreza, em valor, etc. etc.

Autoridade he a *superioridade* legal, isto he, a *superioridade* estabelecida pela lei da natureza, pela lei divina positiva, pela lei humana, ou pela lei da opinião. O pai tem *autoridade* sobre o filho pela lei da natureza: o bispo sobre os seus diocesanos pela lei divina: o magistrado sobre os seus subditos pela lei humana: o mais velho sobre o mais moço, ou o douto sobre o ignorante pela lei da opinião.

Poder he *autoridade* com força de se fazer respeitar, e obedecer.

Soberania he *autoridade* com *poder* independente sobre huma nação, ou povo inteiro.

Senhorio he *autoridade* com dominio.

CXVIII. *Infante — Minino — Criança.*

Infante he o macho ou femea da especie humana, de tão tenra idade, que ainda não falla, ou não pronuncia bem o que falla (do lat. *infantia*, carencia da palavra.) O tempo da *infancia* costuma contar-se des de o nascimento do homem até aos sete annos de sua idade.

Minino ou *minina* he o macho ou femea da especie humana na sua puericia, isto he, des de os sete annos, atéque apparecem os primeiros sinaes da puberdade.

Criança he o macho ou femea de qualquer especie de animal, em quanto se anda criando, e por isso se diz tambem do animalzinho ainda no ventre da mãi. Hoje quasi que sómente applicamos este vocabulo ao macho ou femea da especie humana; mas o seu uso, em sentido mais extenso, he fundado na derivação, e na autoridade dos classicos, e não merece ser antiquado.

CXIX. *Enganar — Embair — Seduzir — Illudir.*

Enganar he simplesmente induzir alguem em erro: exprime qualquer genero de *engano*, sem qualificação alguma. *Enganamos* a outrem innocentemente;

enganamos com malicia, e de proposito; *enganamos* com palavras, ou acções, etc. etc.

Embair he *enganar* com impostura, com embustes, com embelecos, com mentiras, etc. Os Judeos dizião de Jesu-Christo que era *embaidor*. *Arraez* Dial. 3. Cap. 34, e Dial. 7. C. 20.

Seduzir he *enganar*, trazendo para o mal com conselhos avêssos, com insinuações, com exemplos etc.

Illudir he *enganar* com falsas apparencias — *enganar* como por jogo e zombaria — *enganar* mostrando os objectos debaixo de côres enganosas, e alhêas da verdade, etc.

CXX. *Figura — Fórma.*

A *figura* dos corpos he determinada pelas suas superficies, e contornos, i. e. pelos limites externos da sua extensão. A *fórma*, pela construcção, e arranjamento das partes.

Dizemos *figura* de homem, de elefante, de leão, *figura* oitavada, quadrangular, oblonga etc., e dizemos *fórma* solida, macissa, delicada, simples, etc.

Muitas vezes dizemos tambem *fórma* por *figura*; porque em realidade a *figura* depende da *fórma* externa, ou nella mesma consiste; mas não podemos dizer *figura* por *fórma*.

No sentido figurado observa-se huma differença

analoga entre estes dous vocabulos. V. g. empregamos *figura* para significar o aspecto, ou apparencia externa do negocio, da empreza etc., quando dizemos que elle ou ella estão em boa ou má *figura*: e usamos de *fórma* para exprimir tudo aquillo que he susceptivel de algum arranjamento de partes, v. g. a *fórma* do governo, a *fórma* das eleições, a *fórma* da administração, etc. etc.

CXXI. *Breve — Curto.*

Breve diz-se mais propriamente, quando fallamos do tempo e da duração. *Curto*, quando fallamos da extensão da materia, ou do espaço.

He *breve* a vida do homem, *breve* a duração dos seus prazeres, *breve* huma conversação, etc. He *curto* o caminho, *curta* a distancia, *curto* o vestido, *curta* a régoa, etc.

Comtudo a duração convêm com a extensão e espaço na idêa de continuidade; e a extensão e espaço convêm com a duração na idêa de successão: porónde, quando consideramos o tempo com respeito á continuidade, ou o espaço, com respeito á successão, as duas noções coincidem perfeitamente, e então usámos bem, e a proposito, de qualquer dos vocabulos, Por isso dizemos que he *curta*, ou *breve* a vida do homem; *curta* ou *breve* a duração dos nos-

sos prazeres; *curta* ou *breve* a distancia, o caminho, etc.

Mas algumas vezes consideramos a extensão sem respeito algum á idêa de successão, e nesses casos já nos não he permittido trocar os vocabulos: e por isso dizemos v. g. que hum vestido he *curto*, que huma cadêa he *curta*, que huma régoa he *curta*, e em nenhuma destas frases podemos usar de *breve* em lugar de *curto*.

A *breve* oppõe-se *longo*. A *curto* oppõe-se *comprido*.

CXXII. *Semelhança — Analogia.*

Dizemos que ha *semelhança* entre dous objectos, quando não conhecemos, ou não sabemos determinar a sua differença. *Semelhança* pois he essa identidade, que nos parece observarmos entre duas cousas, n'aquillo, porque ellas se costumão differençar.

Analogia he huma especie de *semelhança*: he a *semelhança* de razão, que se funda na *semelhança* das cousas, e faz que das causas, effeitos, e relações de huma concluamos as causas, effeitos, e relações da outra.

Hum homem costuma differençar-se de outro homem pela figura, pelo talhe, pelas feições, pelos dotes do espirito, etc. Se dous homens pois tem, ou nos parece que tem a mesma figura, o mesmo talhe,

as mesmas feições, os mesmos dotes do espirito etc. dizemos que são *semelhantes*, que ha entre elles *semelhança*.

Os planetas parecem-nos *semelhantes* a este globo da terra, que habitamos; fazem *semelhantes* revoluções diarias á roda do seu eixo, e annuas á roda do sol, etc. D'aqui inferimos por *semelhança de razão*, que assimcomo na terra ha habitadores, tambem os haverá nos outros planetas. Isto se chama *analogia*, ou discurso por *analogia*.

A *analogia* deve ter por baze a semelhança real dos objectos. Quando esta he meramente de apparencia, a *analogia* he falsa, e nos conduz ao erro.

CXXIII. *Justificação — Apologia.*

A palavra *justificação* exprime litteralmente a acção de fazer justo, i. e. de mostrar justo aquillo, de cuja justiça se duvidava, ou podia duvidar.

A palavra *apologia* exprime litteralmente o discurso que se faz em defensão de alguem, ou de alguma cousa.

A *justificação* pois mostra a justiça: a *apologia* intenta mostrala.

A *justificação* he o fim da *apologia*, e he tambem o seu effeito, e resultado, quando a *apologia* he convincente e victoriosa. A *apologia* he o meio que se emprega para a *justificação*.

Demais, a *justificação* nem sempre suppõe accusação: basta que alguem recêe ser accusado, ou se lembre que o póde ser, para tratar de *justificar* o seu procedimento. A *apologia* he discurso em defensa, e consequentemente em rigor suppõe accusação.

O accusado faz a sua *apologia*, quando intenta mostrar-se innocente. O accusador póde alguma vez querer *justificar* a sua propria accusação.

Finalmente, a *justificação* póde fazer-se por factos, instrumentos, testemunhas, e por qualquer outro genero de argumentos, ou provas. A *apologia* he propriamente defensão por meio do discurso, ainda que no uso vulgar nem sempre se toma neste rigor.

CXXIV. *Erro — Illusão — Allucinação.*

Todos estes vocabulos exprimem hum juizo falso que fazemos sobre qualquer objecto: mas o *erro* nasce principalmente de não analysarmos bem as idêas: a *illusão* nasce de tomarmos as apparencias pela realidade: a *allucinação* nasce de não estar livre, tranquilla, e senhora de si a potencia que julga.

D'aqui vem, que attribuimos mais commummente o *erro* ao proprio entendimento, á sua fraqueza, imperfeição, ou inadvertencia: a *illusão*, aos sentidos, á imaginação, a tudo o que transfórma os objectos, e lhes dá falsas apparencias: a *allu-*

cinação, á preoccupação, ás paixões, a tudo o que perturba a nossa alma, faz hum certo desarranjo nas potencias intellectuaes, e as offusca, ou obscurece, ou lhes impede o seu livre exercicio.

As idéas obscuras, confusas, inexactas, superficiaes, em fim mal analysadas, induzem-nos em *erro*. Estas causas residem no proprio entendimento.

Os sentidos, a imaginação, as preoccupações, as paixões, os homens *illudem-nos*, ou nos *allucinão*; mas com esta differença, que, quando nos *illudem*, offerecem-nos apparencias mentirosas; abusão dos objectos: quando nos *allucinão*, perturbão a razão, offuscão as suas luzes, impedem-lhe o exame; abusão, por assim o dizer, da potencia.

CXXV. *Beiços — Labios.*

Beiços são os dous orgãos do rosto do homem, e de alguns animaes brutos, que cobrem os dentes, fórmão com a sua abertura a entrada da boca, e com seus variados movimentos fazem na fysionomia humana mudanças mui caracteristicas, e mui expressivas dos sentimentos e paixões do homem. (lat. *labium, labia.*)

Labios são as extremidades, ou bordas d'aquelles orgãos (lat. *labrum, labra.*). E d'aqui vem, que no sentido figurado dizemos mais ordinariamente os

labios do que os *beiços* v. g. da ferida, da chaga, de hum vaso, etc.

Beiços he mais usado na linguagem vulgar: *labios* na linguagem anatomica, e scientifica.

CXXVI. *O homem — Os homens.*

Os Filosofos (diz hum sabio) *ordinariamente conhecem muito melhor* o homem, *que* os homens.

Nesta e em outras semelhantes frases, *o homem* refere-se á essencia: *os homens*, ao estado. *O homem* entende-se por toda a comprehensão da idêa da natureza humana: *os homens*, por toda a extensão dessa idêa, isto he, pela collecção de todos os sujeitos, a quem ella compete. *O homem* entende-se tal qual elle he, attenta a sua natureza, e as suas relações essenciaes: *os homens*, entende-se quaes elles são em realidade, attenta a sua natureza facticia (se assim podemos explicar-nos) e a suas relações accidentaes, e artificiaes. *O homem* finalmente entende-se o typo original da natureza humana: *os homens* entende-se esse typo alterado por immensos accessorios, que ás vezes o tornão quasi desconhecido a si mesmo e aos outros.

Neste sentido dizia outro filosofo « *o homem* he bom: mas *os homens* são maus. »

A filosofia diz-nos o que he *o homem*; mas a historia he que nos dá a conhecer *os homens*, e tal-

vez melhor que ella, o trato e conversação com elles, accompanhado de séria e sizuda reflexão.

CXXVII. *Mau grado — A pezar — A despeito — Não obstante — Sem embargo.*

Todos estes vocabulos exprimem a relação de huma opposição, ou resistencia inefficaz, que se não attende, nem impede, que a cousa seja, ou se faça, como a proposição principal enuncia.

Mas a opposição ou resistencia póde vir das pessoas, ou das cousas, e em hum e outro caso póde ter seus gráos. Estas differenças são as que caracterizão a significação particular de cada hum dos ditos vocabulos.

Mau grado suppõe, propriamente fallando, opposição ou resistencia de alguma pessoa, que não leva a bem, que não leva em gosto isso de que se tracta; que terá isso em desagrado. *Mau grado* vosso farei o que tenho resolvido, quer dizer, *aindaque isso vos desagrade* etc., *aindaque o não leveis em gosto* etc. Logremos a vida, *mau grado* á fortuna, etc.

A pezar suppõe opposição mais forte de alguma pessoa, a quem se causará não só desagrado, mas *pezar*, e magoa com isso que se quer fazer. *A pezar* vosso fostes em fim vencido — Sahirei com a

minha, *apezar* de quem mo quer contrariar, i. e. *em que lhe pez*, etc.

A despeito suppõe huma grande opposição das pessoas, ou das cousas, e exprime de mais, que essa opposição não só he desattendida, mas desdenhada, e desprezada. O homem de coração corrompido pratica o mal *a despeito* do proprio dever, *a despeito* das leis, dos clamores da consciencia, da autoridade, etc. isto he, *em desprezo* do dever, das leis, etc. Tal nos parece ser a verdadeira energia de *despeito*, que julgamos derivado do latim *despectus*, bemcomo *conceito* de *conceptus*, *respeito* de *respectus*, etc. e tal nos parece ser a sua força de significar no bello periodo de *Vieira*, *Serm. das Exeq. de D. Maria de Ataide* « tem-se acreditado a morte com o vul-
» go de muito igual, pelo *despeito*, com que piza
» igualmente os palacios dos Reis, e as cabanas dos
» pastores. »

Não obstante exprime huma opposição de cousas, ou de circunstancias, que *obstão* directamente ao intento; que o impugnão de frente; em fim, que lhe põe hum *obstaculo*. O general venceo, *não obstante* a superioridade do inimigo: commettem-se crimes nos templos, *não obstante* a santidade do lugar, etc.

Sem embargo suppõe huma resistencia menor das cousas, ou das circunstancias, que difficultão a cousa; que lhe põe algum *embaraço*, ou impedi-

mento. Os poderosos levão sempre a sua avante; *sem embargo* das protestações dos fracos: o verdadeiro sabio prosegue firme em seu proposito, *sem embargo* das insensatas reflexões do vulgo, etc.

Embaraço diz menos que *obstaculo*, assimcomo *embargar* menos que *obstar*: e porisso *não obstante* se empregará para exprimir huma opposição mais forte; e *sem embargo*, para exprimir huma opposição menor, e mais facil de se vencer.

CXXVIII. *Fecundo — Fertil.*

Fecundo refere-se á potencia natural de produzir abundantemente.

Fertil refere-se á actualidade da producção abundante.

Dizemos que hum terreno he *fecundo*, i. e. capaz de dar grande producção: e dizemos que o anno foi *fertil*, i. e. que as terras produzirão bem; que houve abundancia de frutos.

A *fertilidade* ostenta as riquezas da *fecundidade*.

Confundem-se muitas vezes estes dous vocabulos no uso vulgar, já porque a *fecundidade*, e *fertilidade* tem entre si estreitissima, e necessaria relação, como causa e effeito; já porque o povo, considerando as terras, não como filosofo, mas sim como cultivador, sómente attende aos resultados da *fe-*

cundidade, que consistem na effectiva producção, e se manifestão pela *fertilidade*. Mas o filosofo, o fysico nunca jámais confundirá estes termos, porque sabe que hum terreno, hum animal, ou huma especie de animaes he *fecunda*, quando tem todos os principios necessarios para dar huma abundante producção, ou geração; e que o terreno ou o animal só he *fertil*, quando esses principios se desenvolvem, e produzem o seu effeito.

A mesma differença se observa no sentido figurado. O *genio* he *fecundo*, i. e. capaz de criar, de produzir. O escritor he *fertil* pela abundancia de suas producções. Huma grande verdade he *fecunda* em consequencias. O homem de estado, em tal situação de negocios, mostra-se *fertil* em recursos.

Quem diz que huma nação v. g. tem sido *fertil* em grandes acontecimentos, exprime simplesmente, que nessa nação tem havido muitos desses acontecimentos. Quem diz que ella tem sido *fecunda*, exprime, que a nação tem em si, e na sua organisação politica principios proprios para produzirem taes acontecimentos. No primeiro caso, podem estes ser effeito de algum feliz concurso de circunstancias casuaes: no segundo, são sempre resultados da influencia do governo, das leis, dos costumes, do espirito publico, etc.

CXXIX. *Adjectivo — Epitheto.*

Na lingua grega *epitheto* diz o mesmo, que na latina *adjectivo*, e significão vocabulo *apôsto*, ou *ajuntado* ao substantivo para modificar a sua significação. Neste sentido generico póde-se dizer que os dous vocabulos coincidem exactamente hum com o outro.

Considerando porêm o uso mais particular, que se dá a cada hum delles, *adjectivo* he termo da Grammatica e da Logica; *epitheto* he termo da Eloquencia, e da Poesia.

As primeiras duas artes considerão o *adjectivo* como exprimindo huma qualidade do substantivo, necessaria para modificar e determinar a sua idêa. As outras duas considerão o *epitheto*, como exprimindo huma qualidade do substantivo, conveniente para vestir, ornar, pintar, e pôr vivamente presente a sua idêa.

O *adjectivo* completa a idêa do nome, e o sentido da proposição: he necessario. O *epitheto* faz mais viva, mais pittoresca, mais animada a idêa; dá vivacidade e energia ao discurso: he util, e conveniente.

O *adjectivo* acaba a imagem do objecto: o *epitheto* dá-lhe o colorido. O espirito justo emprega o

adjectivo mais proprio: a imaginação brilhante emprega o *epitheto* mais expressivo.

Se tiramos o *adjectivo*, a proposição muda de termos: se tiramos o *epitheto*, a proposição fica sem ornato, sem graça, sem energia.

« O homem *justo* he digno da immortalidade » o adjectivo *justo* determina a idêa principal, e completa o sujeito da proposição. Tirado esse *adjectivo*, o sujeito muda, e a proposição he falsa.

« A *pallida* morte piza com igual despeito os palacios e as cabanas » o epitheto *pallida* dá huma côr á idêa principal, e quasi pinta aos nossos olhos esse horrido objecto. Tirado o *epitheto*, fica o mesmo sentido, mas a imagem descórada, e amortecida.

CXXX. *Postulado — Axioma.*

Significão estes dous vocabulos certas proposições, que se põem como indubitaveis no principio de alguma obra, ou discurso scientifico, para dellas nos servirmos a seu tempo em nossos raciocinios, ou demonstrações: mas ha entre elles huma differença mui attendivel.

Postulado he huma proposição, que pomos como certa, e pedimos se nos conceda como tal, porque o adversario a não deve negar.

Axioma he huma proposição, que pomos como

certa, por ser evidente em si mesma, e porque o adversario a não pode negar.

Postulado vem do latim *postulare*, que significa propriamente pedir com direito a que se nos conceda o que pedimos.

Axioma he vocabulo grego, que significa dignidade, autoridade: enunciado que tem em si mesmo autoridade; que he digno de fé; enunciado ou proposição por excellencia.

O *postulado* he huma proposição, que talvez se demonstrou em outro lugar, ou que de tal modo he recebida e reconhecida por todos, que ninguem a deve pôr em duvida.

O *axioma* he huma proposição, que não precisa de demonstração; porque entendidos os termos, não se pode duvidar da sua verdade.

Quem impugna a primeira, ou ha de duvidar de huma demonstração já feita, ou ha de contrariar o senso commum dos sabios.

Quem impugna a segunda, ou não entende os termos, ou não reconhece verdade alguma nos conhecimentos humanos.

CXXXI. *Ouvir — Escutar.*

Ouvir he sentir o som por meio das impressões feitas no orgão do ouvido.

Escutar he prestar ouvido attento: applicar cuidadosamente o ouvido: ouvir com attenção.

Ouvir he o lat. *audire*: *escutar* he o lat. *auscultare*.

CXXXII. *Velho — Envelhecido — Envelhentado.*

Velho he o que tem larga idade, relativamente á sua ordinaria duração.

Envelhecido he o que se tem feito *velho*: ou está como *velho*: ou tambem, analogamente, o que tem durado largo tempo em algum exercicio.

Envelhentado exprime o que está como *velho*, mas refere-se a huma acção estranha, que tem produzido esse effeito.

As modas, costuma dizer-se, que *envelhecem*, antes de serem *velhas*. Os homens *envelhecem* com as afflicções, desgostos etc., e essas afflicções, e desgostos, as perseguições, os trabalhos, etc. o *envelhentão*.

Envelhecido he, na frase dos grammaticos, participio do verbo *envelhecer*, neutro. *Envelhentado*, do verbo *envelhentar*, activo.

Souz. H. S. D. Part. 1. L. 5. C. 11. « o P. Fr. Pedro de Montemór, *velho* na idade, e *envelhecido* em virtudes . . . etc. »

Jorg. Ferr. Ulyssip. Act. 3. Sc. 1. « verdade

he que não sou tão *velha*, como trabalhos e desgostos me *envelhentárão*.

CXXXIII. *Enunciar* — *Exprimir*.

Enunciar he fazer conhecer, dar a saber a outrem o nosso conceito por meio de palavras.

Exprimir he fazer conhecer a outrem o nosso conceito por qualquer modo, e isso da maneira mais significativa, mais energica, e mais propria para imprimir-lhe no espirito a imagem do objecto, que queremos fazer conhecer.

Enunciar vem do lat. *enuncio*, dar a conhecer, produzindo fóra. *Exprimir* vem do lat. *exprimo*, produzir fóra *imprimindo*, gravando, pintando ao natural.

Para *enunciarmos* bem o nosso pensamento, basta expôr o seu objecto em termos claros, intelligiveis, precisos. Para o *exprimirmos* he necessario fazer sensivel o seu objecto, ou empregando termos cheios de força, energia, e calor; ou ajuntando aos termos qualquer outro meio, que suppra essas qualidades.

Enunciar pertence á arte de fallar. *Exprimir* pertence á arte de fallar eloquentemente, e tambem ás outras artes, em que he essencial a *expressão*.

A primeira contenta-se com desenhar exacta e

precisamente a idêa. As segundas dão-lhe côr, vida, e alma: pintão a idêa, e o sentimento.

O povo *exprime-se* muitas vezes melhor do que se *enuncia*, porque sabe pouco para se enunciar bem; e sente profundamente para pintar ao vivo o seu estado d'alma.

O estrangeiro, que não sabe a lingua para se *enunciar* bem, serve-se muitas vezes do gesto, ou de imagens sensiveis, e *exprime* por esse modo com mais energia o seu pensamento, etc.

CXXXIV. *Linguagem — Lingua — Idioma — Dialecto.*

Linguagem exprime em geral qualquer meio natural ou artificial, de que nos servimos para communicar aos outros os nossos pensamentos. O gesto, a palavra, a pintura, a escriptura, etc. são especies de *linguagem*.

Lingua he outra especie de *linguagem*: he o modo particular de communicar os nossos pensamentos por meio da palavra.

Todas as *linguas*, tendo por objecto pintar as idêas, devem seguir certas leis constantes e invariaveis, sem o que a pintura não será verdadeira, nem fiel. Estas leis constituem o que se chama *Grammatica universal*. Mas assimcomo na arte da

pintura os artistas, havendo de representar o mesmo objecto, se accommodão comtudo ás maneiras, fórmas, e estilo particular da sua escola; assim tambem na pintura do pensamento, os differentes povos, sem se desviarem das leis fundamentaes da natureza, seguem todavia suas particulares maneiras, fórmas, e estilo, cujas regras constituem a *Grammatica particular* de cada *lingua*. As *linguas*, consideradas debaixo deste segundo aspecto, tomão o nome de *idiomas*, derivado de hum vocabulo grego; que significa o que he *proprio*, e peculiar de alguem, ou de alguma cousa. Assim dizemos *a lingua portugueza*, ou *o idioma portuguez*, significando no primeiro caso, em geral, a applicação que os portuguezes, bemcomo os outros povos, fazem do dom da palavra, para communicarem os seus pensamentos: e significando no segundo caso, em particular, as fórmas, maneiras, e estilo nacional, e proprio, com que executão o quadro do pensamento, e modificão as leis da Grammatica universal pelas da sua propria Grammatica.

Dialecto he o *idioma* de hum povo, que falla huma *lingua* commum a outros povos; mas que tendo os mesmos vocabulos, a mesma construcção, e até as mesmas fórmas substanciaes, differe comtudo delles, ou na pronunciação, ou em algumas fórmas meramente accidentaes, ou em certos usos peculiares e subalternos. A *lingua* grega nos offe-

rece, nos seus differentes *dialectos*, hum exemplo bem sensivel do que aqui dizemos.

Linguagem he de todos estes vocabulos o mais generico. Tudo o que exprime os nossos pensamentos he huma especie de *linguagem*.

Os outros tres vocabulos convêm com *linguagem* na idêa commum de exprimir o pensamento; mas determinão álem disso o modo dessa expressão, que he por meio da palavra. Elles mesmos porêm differem entre si, segundo o particular respeito, com que os empregamos.

Lingua refere-se em geral ao modo, com que huma nação exprime pela palavra os seus pensamentos, seguindo as leis fundamentaes da Grammatica universal. Todas as *linguas* tem vocabulos que exprimem substancias, qualidades, relações, etc. Todas as *linguas* tem huma syntaxe, huma prosodia, etc. Os diccionarios mostrão os vocabulos de que se compõe huma *lingua*, etc. etc.

Idioma exprime hum modo particular de considerar as *linguas*, isto he, com relação aos usos particulares, que modificão a Grammatica universal. Nem todos os *idiomas* declinão os nomes por casos: nem todos tem o mesmo numero de preposições, adverbios etc.: nem todos tem o mesmo systema de tempos, etc. etc.

Finalmente quando huma nação se compõe de muitos povos, que tiverão a mesma origem, ordina-

riamente esses povos fallão huma *lingua* commum; isto he, composta dos mesmos vocabulos, das mesmas fórmas geraes, da mesma syntaxe: mas ás vezes cada povo adopta certas variedades accidentaes, que não constituindo differente *idioma*, fazem com tudo hum differente *dialecto* do mesmo *idioma*. Taes forão, como dissemos, os Gregos, e taes são ainda hoje alguns povos da Italia, da Allemanha, etc.

CXXXV. *Sociavel — Social.*

A terminação em *avel* nos adjectivos portuguezes exprime quasi sempre a idêa de potencia, virtude, força, capacidade, e propriedade natural da pessoa ou cousa. He a terminação latina *abilis*, que significa litteralmente « *o que possue a virtude de . . .* »

Assim dizemos *amavel*, *respeitavel*, *estimavel*, etc. o que possue a potencia, a virtude, a propriedade, a dignidade de se fazer amar, respeitar, estimar, etc.

A terminação em *al* exprime ordinariamente a idêa do que he dependencia, accessorio, pertença, effeito, ou circunstancia de alguma cousa. Assim dizemos *natural* o que pertence á natureza, ou lhe diz relação etc.; *moral*, o que diz respeito aos costumes, ou delles depende; *casual*, o que he, ou parece effeito do acaso; *substancial*, o que pertence

ou diz respeito á substancia, ou he accessorio della, etc. etc.

Segundo pois a differença destas terminações, *sociavel* quer dizer o que tem potencia, força, capacidade, ou virtude natural de viver em sociedade; o que tem disposições naturaes que o sollicitão para o estado de sociedade. *Social* quer dizer o que pertence, diz relação, ou respeito á sociedade; o que he dependencia, accessorio, effeito, ou circunstancia do estado de sociedade.

O homem he *sociavel*, e por isso em nenhuma parte da terra se tem descoberto homens, que não vivão no estado *social*, mais ou menos desenvolvido, mais ou menos aperfeiçoado.

Todas as suas disposições fysicas e moraes mostrão que a natureza o sollicita para o estado de sociedade, de tal maneira que elle não poderia viver, nem conservar-se, nem desenvolver as suas mais nobres faculdades fóra desse estado. O homem pois he essencialmente *sociavel*. O pretenso *estado natural*, que alguns autores parece terem querido pintar-nos como estado primitivo do homem, he huma quimera.

O homem porêm não pode conceber-se no estado de sociedade sem certas relações com os seus semelhantes, sem certos deveres para com elles. Essas relações e deveres são *sociaes*. Nesse mesmo estado, e á proporção que elle se vai aperfeiçoando,

desenvolvem-se no coração humano certos sentimentos, o homem adquire certas virtudes, governa-se por leis, usos, práticas, e opiniões, etc. Estas opiniões, usos, leis, virtudes, etc. são *sociaes*. A amizade, a generosidade, o amor da gloria, etc. são sentimentos *sociaes*.

CXXXVI. *Oppugnar — Expugnar.*

Oppugnar he atacar para render, v. g. huma praça, huma fortaleza, huma cidade.

Expugnar he render e tomar: render vencendo, e tomando á força de armas.

Do lat. *oppugnare*, e *expugnare* com a mesma differença de significação.

CXXXVII. *Impugnar — Propugnar.*

Impugnar he pugnar contra. *Propugnar* he pugnar a favor, pugnar defendendo, contra os que *impugnão*.

Usão-se sómente no sentido figurado. *Impugnamos* huma opinião, hum ponto de doutrina, hum parecer, etc. quando disputamos contra elle. E *propugnamos* a favor dessa opinião, parecer, ou doutrina, quando a defendemos contra os que a *impugnão*.

CXXXVIII. *E'mulo — Competidor — Rival.*

E'mulo significa precisamente aquelle, que reputando-se inferior a outrem em qualquer genero de merecimento, faz esforço por o igualar: ou talvez, que julgando-se igual, trabalha pelo exceder.

Competidor he o que achando-se, ou reputando-se em igualdade de circunstancias a respeito de outrem, aspira á mesma cousa, e esforça-se a conseguila. (Do lat. *com-petere*, pedir, ou pretender ao mesmo tempo, em concurrencia.)

Rival he aquelle, que não só entra em competencia com outrem sobre o mesmo objecto, mas combate, se necessario he, e emprega todos os meios para supplantar o seu contrario, e ficar senhor do objecto da sua rivalidade. (Do lat. *rivalis*, donde *rivalitas*, que se toma sempre em mau sentido.)

O *émulo* nem deprime o seu adversario, nem lhe diminue o merecimento, antes muitas vezes o exalça para conseguir maior gloria igualando-o, ou superando-o.

O *competidor* pretende o mesmo lugar, o mesmo emprego, a mesma distincção, o mesmo objecto, porque se julga igual ao seu competidor; mas como esse objecto se não pode dividir, soporta com bom animo a decisão da sorte, se lhe he adversa, e espera nova occasião de entrar na liça.

O *rival* não se satisfaz senão vencendo: quer ser feliz a despeito do seu rival, e em detrimento delle: disputa a prêa com todo o esforço, e por todos os meios, até abater e humilhar o seu contrario.

A *emulação* he mui propria dos corações generosos. O mancebo nas escolas, o militar nos exercitos, o sabio nas academias pode ser animado deste sentimento, sem offensa da honra e da virtude. Hum bom governo deve excitalo entre os cidadãos para os animar a cousas grandes.

A *competencia* aos empregos, honras, e distincções publicas pode muito bem conciliar-se com o honrado desinteresse, moderação, e modestia. A nenhum homem he vedado sentir a sua propria dignidade e merecimento, e pretender por meios razoaveis e legitimos aquillo que o pode fazer util á sociedade, e a si mesmo.

A *rivalidade* he incompativel com a benevolencia que devemos aos nossos semelhantes. He huma paixão violenta, que produz a cada passo inimizades, e odios inextinguiveis, e que não poucas vezes tem arruinado nações inteiras. A *rivalidade* participa algum tanto da *inveja*; mas não he vil como ella, antes tem a sua origem no orgulho e altivez natural do coração humano.

Cicero e Hortensio, forão *émulos* na carreira da eloquencia. Os candidatos que se appresentavão na eleição de algumas magistraturas romanas erão

competidores. Cezar e Pompeo forão *rivaes* na pretensão do supremo imperio.

Dous artistas eminentes podem ser *émulos*. Dous sabios que concorrem a algum premio academico são *competidores*. Dous amantes da mesma mulher são *rivaes*.

O *émulo* vai ordinariamente apôz o seu *émulo*. O *competidor* a par do *competidor*. O *rival* contra o seu *rival*.

CXXXIX. *Orgulho — Vaidade — Presumpção — Vangloria.*

O *orgulho* he o sentimento habitual, que resulta em nós da alta idêa que fazemos da extensão, e superioridade do nosso merecimento, e que nos inclina a julgar-nos dignos do respeito, admiração, e louvor dos outros, e talvez a menosprezálos.

A *vaidade* he o sentimento habitual, que nos inclina a fazer alardo e ostentação dos nossos merecimentos, ou reaes, ou imaginarios, e a pretender por elles os applausos dos outros.

A *presumpção* he o sentimento habitual, que nos inspira huma confiança excessiva, e talvez temeraria, nas nossas forças, e nasce de nos attribuirmos talentos, ou qualidades que não temos, ou que só temos em gráo muito inferior ao que pensamos.

A *vangloria* he o sentimento habitual, que

nos inclina a nos estimarmos em muito, e a pretender a estimação dos outros, por nos suppômos com merecimento para isso; mas fazendo consistir esse merecimento em cousas pequenas, futeis, frivolas, e talvez estranhas; em dotes meramente exteriores; em fim em qualidades taes, que não fazem o homem melhor, nem constituem o verdadeiro e solido merecimento.

O *orgulhoso* pensa exaggeradamente do seu merecimento.

O *vaidoso* gaba-se, e jacta-se de ter merecimento.

O *presumpçoso* confia nimiamente em si.

O *vanglorioso* faz consistir o seu merecimento em cousas, que ou lhe não pertencem, ou nada valem.

O *orgulhoso* quer parecer contentar-se com a alta estima, que tem de si mesmo: affecta izenção, e talvez sobranceria a respeito dos outros, mas nem por isso deseja menos, que o estimem e respeitem, nem julga que haja outrem, que melhor o mereça.

O *vaidoso* derrama-se nos louvores proprios: he mais dependente da opinião, e dos applausos dos outros: quer que todos se occupem delle, e do seu merecimento, e não perde occasião de alardear o que tem, ou de affectar o que não tem.

O *presumpçoso* confia tudo de si, porque avalia exaggeradamente as suas forças: de tudo falla, e em tudo dogmatiza com ar magistral: rejeita os

pareceres, os conselhos, os auxilios alheios; e não poucas vezes vê malogradas suas emprezas, porque ellas são em realidade superiores aos seus meios.

O *vanglorioso* he definido pelo seu proprio nome: põe a sua gloria em cousas vãas: applaude-se, por exemplo, da nobreza da sua familia, dos seus avoengos, dos seus protectores, dos seus dinheiros, dos seus amigos: gaba-se de ser festejado, comprimentado, querido, etc.: em fim quer supprir o merecimento real, que lhe falta, pela posse, ás vezes imaginaria, de vantagens, que o não supprem. He o grou da fabula enfeitado com alheios ornamentos.

CXL. *Immune — Izento — Immunidade — Izenção.*

Immune he vocabulo de significação negativa: exprime o que não tem cargo. (Do lat. *immunis*, i. e. *sine muniis*, o contrario de *com-munis*, cargo, que a todos toca.)

Izento he vocabulo de significação positiva: exprime o que he tirado, separado, remido da obrigação, ou cargo commum (Do lat. *eximo*, tirar, livrar, exceptuar de . . . .).

Parece pois que *immune* he propriamente o que de si mesmo, e como por sua propria natureza, ou por alguma qualidade inherente, não he obrigado aos cargos communs, ou não he sujeito a certos

onus, ou goza de certas prerogativas, que o distinguem do commum: e *izento*, o que sendo obrigado a esses cargos, e onus, e pertencendo, por assim o dizer, ao commum; he comtudo exceptuado, separado, distinguido por privilegio e graça.

Esta differença acha-se igualmente nos substantivos *immunidade* e *izenção*.

Immunidade exprime huma qualidade do objecto: esta he a força da sua terminação. *Izenção* exprime huma acção.

Immunidade suppõe huma propriedade particular no objecto, hum destino especial, huma especie de consagração, que como de sua natureza põe esse objecto fóra da regra geral, que abrange a todos os mais.

Izenção suppõe huma acção estranha, que por graça e favor dispensa o objecto da obrigação commum, a que alias era sujeito.

Os templos sáo *immunes*, gozão de *immunidade*, pela sua consagração, e especial destino, como lugares, em que habita, e se adora a Divindade.

Muitos cidadãos sãos *izentos*, tem *izenção* de alguns cargos e obrigações communs, por privilegios, que os principes lhe concederão, em attenção a seus relevantes serviços.

Algumas destas *izenções* tem sido, em differentes tempos, concedidas aos ministros da Reli-

gião, com respeito ao seu caracter, á sua consagração, e á dignidade, que os distingue do commum dos cidadãos. Por este motivo, pode ser, tomárão tambem o nome de *immunidades*.

Por isso mesmo que *immunidade* exprime huma qualidade; a sua significação recahe mais propriamente sobre os objectos, que della gozão, e não requer necessariamente hum complemento. Pelo contrario *izenção* não tem sentido determinado, em quanto se lhe não ajunta esse complemento. Os lugares sagrados gozão de *immunidade*. Os bens ecclesiasticos tem gozado *izenção de alguns tributos*, etc.

CXLI. *Seara — Mésse.*

Seara quer dizer os pães já nascidos nos campos, ou crescidos, mas ainda não maduros: e ás vezes se toma pelos campos semeados, principalmente de grãos frumentaceos (lat. *seges*).

Mésse quer dizer os pães já maduros, e a ponto de se colherem: ou tambem a propria ceifa (lat. *messis*).

As *searas* estão boas, quando os pães nascem bem, ou se vão eriando, e crescendo bem. As *mésses* são abundantes, quando os pães estão bem eriados, e chegados á sua madureza, e só falta ceifalos, e recolhelos.

Seara diz relação mais immediatamente á *sementeira*, e ás suas proximas consequencias: do latim *sero*. *Mésse*, á *colheita*, e ao objecto della: do latim *meto*.

Seara he termo mais usual, tanto no sentido proprio, como no figurado. *Mésse* he menos vulgar, e por assim dizer, mais scientifico, e emprega-se com especialidade no sentido religioso, isto he, quando se falla da *mésse evangelica*, alludindo ao lugar do Evang. de S. Matth. IX. 37. Assim *Lucen. Vid. de Xav.* l. 3. c. 9. « sendo pois . . . . grande a copia da *mésse*, e igual a falta dos obreiros . . . etc. »

CXLII. *Usura — Onzena.*

Usura exprime em geral o avantajado lucro, que se tira do uso de alguma cousa, e mais em partilar o avantajado lucro, que se tira de alguma negociação, e especialmente do dinheiro, que se dá a outrem a ganho.

Onzena exprime *usura* immoderada e illegitima.

Usura não envolve necessariamente a idêa da illegitimidade do lucro. *Onzena* encerra necessariamente essa idêa.

Usura he por consequencia empregado muitas

vezes em bom sentido. *Onzena* sempre significa huma acção criminosa.

CXLIII. *Absolver — Remittir — Perdoar.*

Absolver he litteralmente desligar o accusado dos laços que o prendião.

Remittir he desistir em todo, ou em parte, d'aquillo, que com direito se podia exigir de alguem.

Perdoar he, segundo a força do vocabulo, dar ou doar perfeitamente; dar sem restricção, e sem reserva (Do lat. *per-dono*).

Absolver he acto de hum juiz justo, ou propicio. O seu effeito he restituir o accusado, ou penitente á sua innocencia, e ao gozo dos seus direitos, e da sua liberdade.

Remittir he acto de moderação, pelo qual alguem renuncia ao seu direito, e deixa de exigir em todo, ou em parte, o que se lhe devia.

Perdoar he acto de generosidade, ou de clemencia. O seu effeito he extinguir a especie de separação que ha entre o offensor, e o offendido, ou entre o inferior que quebrantou a lei, e o superior que zéla a sua observancia.

Absolve-se o accusado. *Remitte-se* a divida, a pena, ou parte della. *Perdoa-se* o crime, e a pena.

CXLIV. *Systema — Theoria.*

Systema exprime propriamente a ordem e arranjamento que se dá a hum certo numero de cousas, ou de factos, para fazerem como hum todo: he a unidade, que se introduz na multiplicidade de cousas ou de factos.

Theoria exprime propriamente o conhecimento real ou hypothetico dos principios, pelos quaes se explicão esses factos, as suas causas, razões, e effeitos, e sua reciproca dependencia, e se discorre sobre outros semelhantes.

O arranjamento que o celebre naturalista Sueco deo aos diversos, e infinitamente variados productos da natureza, reduzindo-os a certo numero de classes, ordens, generos, e especies, he hum *systema.*

A explicação, que deo Condillac, de todos os fenomenos do espirito humano, pretendendo achar na sensação a primeira razão, ou principio de todos elles, he huma *theoria.*

Toda a humana sciencia depende essencialmente dos factos: he necessario arranjalos para evitar a confusão: este he o *systema.* He necessario depois explicalos por principios simplices, e luminosos: esta he a *theoria.*

Neste sentido não he facil confundir *systema*

com *theoria*. Mas *systema*, na linguagem scientifica, toma-se tambem muitas vezes por hum arranjamento de principios, com que se pretende explicar huma serie de factos, e então parece synonymo de *theoria*.

Comtudo ao vocabulo *systema*, nesta accepção, tem-se ajuntado huma idêa accessoria, que o distingue da *theoria*, e que em certo modo o faz suspeito na linguagem dos sabios.

Chamão *systema* esse arranjamento e combinação de principios, quando os principios consistem em proposições geraes e abstractas, em hypotheses arbitrarias, ou em factos suppostos, e ainda não verificados pela observação e experiencia. E chamão *theoria* esse arranjamento e combinação de principios, quando os principios são deduzidos de factos reaes, ou antes consistem em certos factos principaes, bem verificados, e escolhidos, em que se assomão (por assim o dizer) todos os outros, e que os ligão entre si, mostrão as suas relações, e os explicão, fazendo talvez conhecer a dependencia, que tem da causa, ou causas, que os produzirão.

Com respeito a esta differença deverão chamar-se *systemas* v. g. o de Espinosa, o de Leibnitz, o de Mallebranche, e tantos outros dos antigos e modernos filosofos, que successivamente se tem ido arruinando, como edificios magnificos elevados sobre bases vacillantes, e mal seguras. E deverão cha-

mar-se *theorias* v. g. as de Newton, a de Condillac, e as de muitos fysicos, e chymicos modernos sobre differentes objectos destas sciencias.

Os *systemas* fundados em principios abstractos, em hypotheses arbitrarias etc., quasi sempre nos conduzem ao erro. As *theorias* fundadas em factos, ainda quando não são boas, sempre nos põem no caminho da verdade, e raras vezes os seus desvios nos levaráõ a consequencias perigosas.

CXLV. *Começo — Principio — Exordio.*

Começo he aquillo que se concebe, ou he primeiro na extensão ou duração de qualquer objecto. Assim o *começo* do anno he o seu primeiro dia, ou mez: o *começo* da vida, os primeiros annos della: o *começo* do edificio, os primeiros fundamentos que se lançáõ para o sustentar, etc.

Principio tem significação mais extensa, e refere-se não só á duração, e extensão, mas tambem á origem e causa intellectual, ou moral de alguma cousa, ou acção. Pelo que não só dizemos *principio* do anno, do caminho, do trabalho etc., entendendo por *principio* o mesmo que *começo*; mas tambem dizemos v. g. *principio* do discurso, i. e. a primeira verdade em que elle se funda, a qual muitas vezes não tem sido o *começo* do mesmo discurso: *principio* de qualquer sciencia ou arte, i. e. as verda-

des fundamentaes dessa sciencia, ou arte, que não são *começos* della, etc.

Exordio significa particularmente aquelle preambulo, ou entrada de qualquer obra, falla, ou discurso, na qual o orador, ou escriptor costuma preparar os seus leitores ou ouvintes para as cousas que ha de dizer-lhes. E poraqui se vê a differença que ha entre *começo*, *principio*, e *exordio*; porquanto não havendo discurso, falla, ou livro que não tenha seu *começo*, e que se não funde em algum *principio*, ha comtudo alguns, que não tem propriamente *exordio*.

CXLVI. *Futil — Frivolo.*

Attendendo ao valor primitivo, que estes vocabulos tem na lingua latina, parece que *futil* he o que facilmente se derrama, se dissipa, se evapóra: e *frivolo* o que facilmente se quebra, e se faz pedaços.

Poronde *futil* significa hum pouco mais que *frivolo*.

Dizemos que he *futil* huma cousa vã, que não tem realidade, que se desvanece como hum sopro, como o vapor fugitivo. E dizemos que he *frivola* huma cousa de pouca monta, de pouco valor, de pouca consistencia, de pouca solidez.

O homem *futil* será aquelle que falla e obra sem razão, e sem reflexão; em fraze vulgar, que

não diz cousa com cousa, que tudo faz no ar, que nem sabe o que diz, nem o que faz: e o homem *frivolo* será o que diz cousas de pouca importancia, que se occupa de objectos de mui pouco valor, etc.

Hum raciocinio *futil* será aquelle que he vazio de sentido, e de razão, que só consta de palavras: e hum raciocinio *frivolo* será aquelle que tem pouca força e solidez, que facilmente se desfaz, que não tem fundamento algum seguro.

Os bens da vida são *frivolos*, tem mui pouca consistencia. As nossas *esperanças* são muitas vezes *futeis*, só existem na nossa fantasia, e dissipão-se como o fumo, etc.

CXLVII. *Achar — Descobrir — Inventar.*

Achar he dar com alguma cousa, topar com ella, ou seja conhecida, ou não, e ou se ande em busca della, ou não.

Descobrir he litteralmente *achar* huma cousa, que estava coberta, ou encoberta, ou escondida, ou que não era conhecida. He tirar o veo, a cobertura a alguma cousa.

Inventar he *achar*, ou *descobrir* novas relações, novos usos, novas combinações, e novas applicações de objectos já conhecidos.

Achar he expressão mais vaga, e mais indeterminada que *descobrir*. Não determina, se o que

achamos era ou não já conhecido; nem se o buscavamos, ou não. *Achamos* v. g. em casa huma pessoa, que hiamos buscar, e *achamos* ahi outra, ou outras, que não buscavamos. *Achamos* huma cousa que estava coberta, ou escondida; e *achamos* outras, com que topamos, e que estavão patentes. *Acha* a justiça o criminoso, que se tinha escondido, e que ella buscava, e acha no mesmo lugar, ou pelo caminho, pessoas ou cousas, que nem se buscavão, nem estavão escondidas, etc.

Descobrir exprime, que o objecto, que se *descobre*, estava coberto, ou escondido, ou não era conhecido; mas deixa ainda indeterminado, se o buscavamos de proposito, ou se o *descobrimos* por acaso. Cabral *descobrio* por acaso a terra de Santa Cruz até então encoberta, e incognita aos Europeos. Bartholomeu Dias *descobrio* o Cabo da boa esperança, que de proposito hia buscar, e que era o objecto da sua viagem, etc.

Inventar refere-se especialmente ao uso, e applicação das cousas já achadas, descobertas, ou conhecidas, e exprime a acção daquelle, que, quasi sempre por meio do proprio trabalho, chega a produzir algum resultado novo, e ainda não existente para nós, na natureza, ou nas artes. O primeiro que observou a virtude do iman, e a sua communicação ao ferro com a mesma direcção respectiva aos polos da terra, foi *descobridor*. O primeiro que fez appli-

cação destes fenomenos já conhecidos á arte de navegar foi *inventor*.

Além das differenças indicadas, se observarmos o uso particular destes tres vocabulos na Historia das sciencias e das artes, parecerá que *achar* se refere mais ordinariamente ás verdades intellectuaes, ou ás relações das idêas; *descobrir*, aos fenomenos, aos factos, aos individuos da natureza; e *inventar* á applicação e uso desses individuos.

Acha o geometra a resolução de hum problema: *descobre* o chymico hum novo individuo, ou huma nova propriedade nos individuos já conhecidos: *inventa* o artista huma nova combinação e applicação das cousas já conhecidas, v. g. huma nova machina, etc.

Tem-se procurado *achar* a quadratura do circulo: a chymica moderna tem feito utilissimos *descobrimentos*: e estes tem occasionado importantes *inventos* nas artes.

Achar, *descobrir*, e *inventar* podem ser, e tem sido algumas vezes effeitos do concurso de circumstancias casuaes: mas o acaso favorece muito mais os que *achão* ou *descobrem*, doque os que *inventão*. *Inventar* demanda as mais das vezes hum genio combinador, e capaz de profunda reflexão. O *inventor* trabalha por combinar e applicar utilmente o que outros antes delle *achárão*, ou *descobrírão*.

CXLVIII. *Sinal — Indicio — Mostra.*

O *sinal* significa, e talvez representa, e exprime o objecto.

O *indicio* indica, aponta, denóta, denuncía o objecto.

A *mostra* faz ver o objecto, aindaque não na sua totalidade; dá a ver huma parte delle.

As palavras são *sinaes* das idéas. As nuvens grossas e carregadas são *indicio* de chuva: as lagrimas são *mostras* de sentimento.

O *sinal* he ou por natureza, ou por instituição ligado com a cousa significada. O *indicio* parece não ter tão necessaria ligação com o objecto indiciado. A *mostra* suppõe presente o proprio objecto, mas não o dá a ver todo, não o faz conhecer na sua totalidade.

Em rigor pois *mostra* diz mais que *sinal*, e *sinal* diz mais que *indicio*; aindaque nem sempre no uso vulgar se observão estas differenças.

Sinal pode referir-se ao passado, ao presente, e ao futuro. *Indicio* parece mais proprio do presente, ou do futuro, e talvez do passado proximo. *Mostra* he rigorosamente expressivo do objecto presente.

CXLIX. *Lizonja — Lizonjaria.*

A differença destes dous vocabulos deve deduzir-se da terminação do segundo.

A terminação em *aria* exprime em muitos vocabulos portuguezes a idêa de multidão de objectos da mesma especie, ou de continuação, e frequencia do mesmo objecto, talvez com variedade, e tal com prolixidade e sobegidão.

Assim, por exemplo, dizemos de escravo, *escravaria* i. e. multidão de escravos: de chapa, *chapāria*: de pedra, *pedraria*: de especie, *especiaria*: de droga, *drogaria*: de calma, *calmaria*, i. e. continuação de calma: de casa, *casaria*: de honra, *honraria*, etc.

Assim tambem damos a mesma terminação aos nomes de ruas, ou lugares, em que habitão muitos officiaes do mesmo officio, ou muitos homens da mesma profissão, v. g. a *mouraria*, *a judiaria*, a *ferraria*, etc.

E assim terminamos finalmente muitos nomes de fabricas, ou officinas, em que se trabalhão de continuo obras pertencentes a huma arte, officio, ou mister, como v. g. *padaria*, *carpintaria*, *correaria*, *cordoaria*, etc.

Lizonja pois exprime a significação simples deste vocabulo: e *lizonjaria* exprime frequencia e

continuação de *lizonjas*, talvez com excesso e prolixidade, que chega a causar aborrecimento.

CL. *Caução — Penhor — Hypotheca — Fiança.*

Dar *caução* he empregar algum meio de assegurar a outrem, que havemos de cumprir os deveres, ou dever que temos para com elle, ou que lhe não havemos de fazer o mal, que elle por ventura recêa de nós.

Dar *penhor* he dar ao crédor a posse de alguma cousa movel, cujo valor iguale, ou exceda o valor da divida, para que elle a guarde até ao nosso pagamento, e por ella venha a indemnizar-se, no caso de não solução.

Dar *hypotheca* he assignar ao crédor huma porção dos nossos bens de raiz, e dar-lhe direito a pagar-se por elles da divida, no caso que nós faltemos á solução.

Dar *fiança* he appresentar huma terceira pessoa que voluntariamente se obrigue por nós á satisfação da divida, ou ao cumprimento do dever, no caso que nós o não cumpramos.

Penhor, *hypotheca*, *fiança* são especies de *caução*, e até em linguagem juridica se chamão *caução* pignoraticia, *caução* hypothecaria, *caução* fideijussoria, assimcomo se chama *caução* juratoria a que consiste no juramento de quem a dá, etc.

CLI. *Postura — Geito — Attitude.*

Postura he o estado do corpo relativamente ao lugar; o acto de estar em lugar. He termo generico, que se diz dos corpos animados, ou inanimados, e exprime simplesmente, e sem qualificação alguma, o effeito da *loco-posição*. Hum corpo v. g. pode estar em *postura* recta, obliqua, firme, vacillante, commoda, incommoda, etc. Hum homem póde estar em pé, deitado, estendido, assentado, etc. Tudo isto são *posturas* diversas, ou diversos modos com que o corpo está em lugar.

Geito parece exprimir mais alguma cousa que *postura*, e significar *postura apta*, conveniente, commoda, *bem lançada*. Deriva-se (segundo o nosso parecer) do latim *jacio*, *jactum*, assimcomo de *objicio* objeito, de *projicio* projeito, etc. que hoje dizemos *objecto*, e *projecto*; e por isso diz tanto como *lançamento* apto, *postura* commoda, *assento* conveniente de qualquer corpo. Os nossos classicos o empregárão muitas vezes com a significação de *attitude*, quando este vocabulo não era ainda adoptado em nossa linguagem.

Attitude he termo das artes do desenho, e significa mais particularmente *postura expressiva*: por onde se applica com toda a propriedade ás figu-

ras animadas, quando se querem exprimir os affectos, paixões, ou estados da alma.

A *attitude* tomada neste sentido he para a *postura* o que o *semblante* he para o *rosto*. O *semblante* he o *rosto com expressão*: a *attitude* he a *postura com expressão*.

CLII. *Estar certo — Estar seguro.*

Estar certo he hum estado do entendimento. *Estar seguro* he hum estado do animo.

Estar certo refere-se ás verdades especulativas: exprime a adhesão do espirito ás verdades reconhecidas como taes: he o resultado da evidencia.

Estar seguro refere-se ás cousas práticas: exprime a confiança que temos no objecto: he o resultado da seguridade.

Estamos certos de hum facto, porque *estamos seguros* do caracter de quem no-lo-referio.

Estamos certos dos principios de qualquer sciencia, e das consequencias que delles se derivão por huma ordem necessaria. *Estamos seguros* de algumas maximas da moral, que nos não guiarão erradamente; da amizade de alguma pessoa, que nos não trahirá; da providencia de Deos, que nos não desamparará, etc. etc.

Tomando os dous vocabulos *certo* e *seguro*

com relação aos proprios objectos, e não ao nosso estado, achamos entre elles a mesma differença.

Huma proposição he *certa*: huma negociação he *segura*. A proposição he conforme á verdade: a negociação não pode ser de prejuizo. A proposição he tal que demanda o assenso do nosso espirito: a negociação he tal que merece a nossa confiança, etc.

CLIII. *Espada — Gladio.*

No sentido proprio *espada* deveria exprimir a arma portugueza deste nome, e as armas semelhantes de qualquer outra nação: e *gladio* deveria exprimir a arma que os romanos designavão pelo vocabulo *gladius*, e cuja fórma nem foi sempre a mesma, nem he exactamente conhecida.

E posto que ordinariamente se não faça esta differença, com tudo alguns casos ha, em que ella he conveniente, e até necessaria.

Assim, por exemplo, se tivessemos de traduzir este lugar de *Vegecio*, *de Re Milit.* L. II. C. XV. *Habent . . . . gladios majores, quos spathas vocant, et alios minores, quos semispathas nominant*, não poderiamos deixar de empregar os dous vocabulos *gladio*, e *espada*, senão usando de hum circumloquio extenso, e escusado.

Da mesma sorte será conveniente usar de *gladio*, quando alludirmos aos usos bellicos dos roma-

nos, e julgarmos necessario exprimir com precisão a idêa que elles significavão por *gladius*, sem nos mettermos a determinar a fórma dessa arma, sobre a qual os antiquarios não tem huma opinião bem assentada. E por este motivo nos parece a proposito o vocabulo *gladio* na traducção dos *Martyres* por *Filinto Elys.* l. 6., aonde diz:

» De traz dos Vexillarios vão Hastatos.
» Com *gladios* na segunda fórma . . . etc.

No sentido figurado usamos de *gladio* para significar o poder supremo, o que os jurisconsultos chamão *jus gladii*. Deste modo o usou *Barros*, *D. Franc. Manoel*, *Vieira*, e outros; e até alguma vez será mais conveniente que *espada*, quando fallarmos do *poder espiritual*, ou porque *gladio* tem hum ar mais scientifico, se assim nos he permittido explicar-nos; ou porque a sua menor vulgaridade desviará em certo modo da imaginação a idêa de sangue, que he de todo alhêa desse poder.

Os francezes usão neste sentido do vocabulo *glaive*, e nunca de *épée*.

CLIV. *Opaco — Sombrio.*

Opaco he o corpo que não deixa passar a luz; que não he transparente.

Sombrio he o lugar onde ha sombra, e talvez o corpo que faz sombra.

Opaco refere-se á contextura interna do corpo, á disposição das suas partes.

Sombrio refere-se ao effeito externo, que produz o corpo *opaco*.

CLV. *Olhar — Ver — Esguardar — Avistar — Enxergar — Lobrigar — Divisar.*

Olhar he lançar os olhos; applicar o orgão da vista.

Ver he o effeito do *olhar*: he apprehender com a vista o objecto, a que se lançárão os olhos: he sentir a impressão, que o objecto fez no orgão da vista.

Esguardar he *olhar* e *ver* attentamente: *ver* examinando, attentando, reflectindo.

Avistar he chegar a *ver*; alcançar com a vista; encontrar com os olhos, ou o objecto que está ao longe, ou o que passa rapidamente, ou o que quasi nos escapava no meio da multidão.

Enxergar he *ver* apenas; *ver* quanto basta para perceber o objecto, sem *divisar* ou distinguir as suas particularidades; entrever.

Lobrigar he *avistar*, ou *enxergar* no meio da escuridade; ou da confusão.

Divizar he *ver* discernindo, e distinguindo.

Olhamos v. g. para o mar com o fim de *vermos* e observarmos o que nelle se passa: *avistamos*

ao horisonte alguns corpos fluctuantes, e d'ahi a pouco *enxergamos* a sua fórma, e o seu velame, e reconhecemos que são navios. Aproximando-se mais, começamos a *divisar* cada huma das suas partes, a figura dos vasos, a fórma e cores das bandeiras, o trajo dos marinheiros, e outras particularidades, que nos dão a conhecer se os navios são mercantes, ou de guerra, a que nação pertencem, etc. e talvez no meio da confusão da chusma *lobrigamos* alguma pessoa que nos he conhecida, etc.

CLVI. *Annuo — Annual.*

Annuo he o que dura hum anno; o que gasta hum anno inteiro; o que se faz por todo hum anno. A terra faz a sua revolução *annua* em roda do sol. Ha plantas que tem huma duração *annua*.

Annual he o que pertence ou diz respeito ao anno; o que se faz cada anno; o que vem ou acontece em cada hum anno. Dizemos solemnidade *annual*, festa *annual*, funcção *annual* a que se faz, ou se repete cada anno: e dizemos foro, legado, pagamento etc. *annual*, o que se satisfaz, ou paga em cada hum anno.

O trabalho *annuo* do lavrador he largamente compensado pela colheita *annual* dos fructos, que a terra lhe produz em abundancia.

Das revoluções *annua*, e diaria da terra em

roda do sol, e em roda do seu proprio eixo resulta a differença das estações *annuaes*, etc.

CLVII. *Ledice — Alegria — Jubilo — Exultação.*

Exprimem todos estes vocabulos hum estado agradavel da alma, que transluz, ou se manifesta no semblante, e no gesto, e resulta da apprehensão, gozo, ou esperança de algum bem verdadeiro ou imaginario. E nisto são synonymos, differençando-se tamsomente pelos seus differentes gráos.

Ledice he esse estado da alma, que transluz no semblante e no gesto, mas de hum modo doce, suave, tranquillo, e sereno. O amor honesto causa *ledice*: a innocencia he *leda*: o pacifico contentamento que nasce da posse de huma fortuna mediocre, mas segura; do equilibrio das paixões; e do livre, mas razoavel gozo das nossas faculdades, nunca pode ser desacompanhado da *ledice*. (He o latim *laetitia*.)

Alegria he o mesmo estado da alma, que se manifesta no exterior, mas de hum modo mais vivo, e mais animado. (He o *alacritas*, ou *laetitia gestiens* dos latinos).

Jubilo he *alegria* muito mais viva, que se mostra por sons e vozes proprias, por gritos, por acclamações.

Exultação finalmente he o ultimo gráo da *ale-*

gria: he a *alegria* que não cabe no coração, que rompe em saltos, em danças, etc. *Exultar* he propriamente *saltar de alegria*.

CLVIII. *Limar — Polir — Brunir.*

No sentido fysico *limar* he tirar com a lima as asperezas e desigualdades de huma superficie.

A obra *limada* conserva e mostra os vestigios da lima, se não he *polida*. *Polir* pois he fazer desapparecer o trabalho da lima; apurar ainda mais a superficie, tirando-lhe essas mui pequenas desigualdades; fazela ainda mais liza, e talvez dar-lhe lustre; fazela luzidia.

Brunir he *polir* de hum certo modo, principalmente os metaes; dando-lhes o ultimo gráo do lustre, e huma côr escura como a do espelho. Parece que desta côr *bruna* nasceo o verbo *brunir*.

No sentido figurado sómente se usão os dous primeiros vocabulos *limar* e *polir*.

O estilo v. g. de hum escritor he *limado*, quando he exacto, correcto, igual: e he *polido*, quando he elegante, luminoso, e talvez brilhante.

Hum homem he *limado* no seu trato, quando não tem grosseria alguma, nem aspereza em suas maneiras: e he *polido*, quando nellas mostra urbanidade, elegancia, e apurado gosto.

CLIX. *Côr — Colorido.*

Côr he em geral a impressão feita no orgão da vista, e d'ahi communicada á alma, pela luz reflectida da superficie dos corpos: he o que faz sensiveis á vista os objectos do universo. A variedade d'aquellas impressões he que constitue a differença das côres.

Colorido não he sensação particular de alguma determinada côr: he, por assim o dizer, huma sensação complexa, que resulta do todo das côres naturaes, ou artificiaes de cada objecto, e da sua combinação, e mistura, relativamente aos differentes aspectos da sua posição.

CLX. *Fartura — Saciedade.*

Fartura exprime propriamente *repleção*; estado da potencia que não admitte mais; que não pode levar mais; aonde não cabe mais. (lat. *saturitas.*)

Saciedade exprime propriamente o estado do homem, ou do animal, que tendo quanto basta disso de que está saciado, não deseja, não appetece mais. (lat. *satietas.*)

O que está *farto* não pode levar mais; está repleto. O que está *saciado* não tem vontade de mais; não tem appetite.

Fartura refere-se directamente á demasia das cousas: *saciedade* refere-se directamente ao estado da alma, e he muitas vezes o effeito da *fartura*.

A *fartura* impossibilita de levar mais, ainda que haja appetite: a *saciedade* tira o appetite, não quer mais.

Fartar a paixão he conceder-lhe tudo quanto ella pode querer, até não poder mais. *Saciar* a paixão he conceder-lhe o que basta para a satisfazer. A paixão *insaciavel*, aindaque *farta* seja, nunca diz: *basta*.

No uso vulgar confundem-se muitas vezes estes dous vocabulos; comtudo *saciedade* parece mais polido, e usa-se mais fallando de objectos moraes: *fartura* parece mais proprio, quando se falla das paixões grosseiras, e dos gostos sensuaes.

CLXI. *Perfeito — Completo.*

Perfeito he o que está inteiramente feito; que tem tudo o que lhe he proprio; a que nada falta.

Completo he o que tem a plena união de tudo o que pode ter; que reune todos os gráos possiveis de perfeição; a que nada se póde ajuntar.

Perfeito vem do latim *per-ficio*, fazer acabadamente, e exprime a idéa do que está de todo feito, acabado, consummado.

Completo vem do latim *compleo*, encher de

todo; e exprime a plenitude inteira, e absoluta; o ajuntamento pleno de tudo o que a cousa pode admittir.

A obra *perfeita* pois he aquella, que reune tudo o que deve ter: e a *completa* he aquella que reune tudo o que pode ter. Na *perfeita* nada falta, nada se pode exigir: na *completa* nada se pode acrescentar, nada ha que desejar.

O objecto *perfeito* dá-nos simplesmente a idêa da perfeição. O objecto *completo* offerece-nos o seu modelo.

Cicero foi hum *perfeito* orador; mas pode ser (diz elle mesmo) nunca jamais se vio hum orador tão *completo* como o que eu finjo na minha idêa, e descrevo neste tractado «*atque ego in summo oratore fingendo talem informabo, qualis fortasse nemo fuit.*» etc.

CLXII. *Arder — Inflammar-se — Incendiar-se — Abrazar-se — Queimar-se.*

Arde o corpo combustivel, quando se lhe péga o fogo.

Inflamma-se, quando levanta chamma.

Incendia-se huma casa, hum edificio, huma cidade, quando o fogo e a chamma toma ala, e se propaga extensamente e com rapidez.

Abraza-se o corpo, quando está todo repassado do fogo, e feito braza.

Queima-se, quando por força do fogo, ou do incendio, se reduz a cinzas.

Huma faisca basta ás vezes para fazer *arder*, e talvez *inflammar* o corpo combustivel, que a toca, e para *incendiar* por este meio qualquer grande edificio. O *incendio abraza* tudo, e por fim até chega a *queimar* as proprias pedras.

Arde, e *inflamma-se* o pavio de huma bugia: *arde*, e talvez *se inflamma* o lenho que se põe no lume: *arde* qualquer corpo combustivel, quando he tomado do fogo, etc.

Incendia-se huma caza, hum edificio, huma cidade inteira. *Incendio* suppõe sempre hum grande fogo, que toma ala, faz progressos rapidos, communica-se, e ganha os corpos vizinhos.

Abraza-se hum corpo qualquer, ou huma massa de corpos, quando se penetrão, e repassão do fogo em toda a sua substancia, sem que appareça a chamma acima da sua superficie, e nisto se distinguem os corpos *abrazados* dos *inflammados*.

Queimão-se finalmente os corpos combustiveis, quando consumido tudo o que alimentava o fogo, restão sómente cinzas, ou residuos incombustiveis.

No sentido figurado e moral dizemos, que hum homem *arde* em ira, em colera, em amor, quando se lhe tem pegado o fogo destas paixões; e

que se *inflamma*, quando esse fogo rompe fóra, e se faz sensivel pelos seus effeitos. Dizemos tambem que o amor divino he como hum *incendio* no coração devoto, quando este nobre sentimento se tem apossado do homem todo, de todas as suas faculdades; quando parece que quer sahir da sua esfera, e communicar-se a tudo o que se lhe approxima. E dizemos finalmente que hum coração está todo *abrazado* em amor, ou em outra paixão, quando em realidade se acha todo penetrado, e repassado da sua violencia, etc.

CLXIII. *Lume — Fogo.*

Lume exprime propriamente o que dá luz e claridade: *fogo* o que causa calor, ou queima.

Como commummente se crê que a luz e o calor nascem do mesmo principio, não admira que no uso vulgar se confundão estes dous vocabulos, e se diga v. g. que o *lume* queima, e que o *fogo* alumia.

Mas no sentido figurado he sempre necessario notar a differença que ha entre elles, para applicarmos hum ou outro, segundo as qualidades que queremos designar nos objectos.

Assim dizemos por exemplo o *lume* da razão, e não o *fogo*, porque a razão he a *luz* que nos guia em nossas acções. Dizemos o *fogo* da mocidade, e não o *lume*, porque a mocidade he a idade das pai-

xões, e as paixões dão *calor* ao homem, e ás vezes o abrazão, e consomem: E dizemos o *lume* ou o *fogo* dos olhos, o *lume* ou o *fogo* da eloquencia, porque os olhos ora scintillão como *lume*, ora mostrão e talvez communicão o *ardor* da paixão; e porque a eloquencia deve ser *luminosa* e *ardente*: *luminosa*, para illustrar o entendimento, e convencer-nos; e *ardente* para inflammar a vontade, e persuadir-nos.

CLXIV. *Chamma — Flamma — Labareda.*

Chamma he a parte mais subtil e luminosa do fogo, que se levanta acima da superficie do corpo que arde.

Flamma tem a mesma significação, mas he mais pictoresco, porque a articulação *fl* exprimindo de algum modo a ondulação da chamma, quasi põe diante dos olhos o seu objecto: he mais poetico.

Labareda exprime grande *chamma*, que sobe muito ao alto, e faz grandes linguas de fogo.

Dizemos a *chamma* da bugia, e as *labaredas* do incendio.

CLXV. *Coragem — Valor — Bravura — Intrepidez — Hardimento — Heroismo.*

Coragem significa a qualidade do homem, que tem coração, que tem animo: he a força e vigor da alma, que em todas as circunstancias da vida nos faz superiores ás fraquezas humanas. He termo mui generico, que se usa em differentes occasiões: v. g. soportar as dores com *coragem*; sofrer as adversidades com *coragem*; ter *coragem* para despender em qualquer negocio; defender a verdade com *coragem*; atacar o inimigo com *coragem*, etc. A *coragem* oppõe-se *pusillanimidade*.

Valor he a qualidade moral do homem, que se expõe aos perigos, quando he necessario; e designa especialmente a *coragem* marcial, o nobre ardor com que combatemos o inimigo na guerra, sem temer os perigos a que isso nos expõe. O seu opposto he *cobardia*.

Bravura he a *coragem* momentanea, impetuosa do soldado, talvez com mistura de furia e colera.

Intrepidez he o *valor* ousado e arrojado: afronta e desafia o perigo presente, fica firme á vista delle, e talvez se sacrifica, se necessario he. A *intrepidez* mal empregada he *temeridade*.

Hardimento he a *coragem*, com que tomamos e sustentamos emprezas grandes, e talvez arriscadas: e não exclue a idêa do interesse, honra, ou gloria, que d'ahi nos pode provir. O navegante v. g. que se expõe a todos os perigos de novos e nunca navegados mares para ampliar a esféra dos humanos conhecimentos, e alcançar reputação e celebridade, mostra *hardimento*.

Heroismo he a qualidade moral do homem, que propondo-se algum objecto grande e util, o prosegue com firmeza e perseverança, só por amor delle mesmo, sem temer as difficuldades, ou os perigos, que a maior parte dos homens temem, e sem ter respeito algum ao seu proprio individuo, ou a quaesquer considerações pessoaes.

Qual será porêm o objecto, que obrigue o homem a tão rara e generosa renuncia? — He algum daquelles, que merecem ser amados por simesmos, independentemente de todas as considerações individuaes. He Deos, ou a religião — o honesto, ou a virtude — a verdade, ou a sciencia — o bello, ou as artes — o bem geral, ou a humanidade — a liberdade e o poder nacional, ou a patria.

O homem que apprehende alguma, ou algumas destas grandes idêas com toda a força da intelligencia, e com todo o calor e vivacidade do sentimento, e faz dellas a idêa dominante, e directora da sua vida, seguindo-a com coragem, com perseveran-

ça, e com firmeza, he hum *heróe*: tal he o typo ideal do verdadeiro *heroismo*.

CLXVI. *Civilizado — Policiado — Polido.*

Hum povo he *civilizado*, quando tem deixado os costumes barbaros; quando se governa por leis. He *policiado*, quando, pela obediencia ás leis, tem adquirido o habito das virtudes sociaes. E he *polido*, quando em suas acções mostra urbanidade, elegancia, e apurado gosto.

No povo *civilizado* reinão as leis. No povo *policiado* reinão os bons costumes. No povo *polido* reina a urbanidade e gosto, que he consequencia do luxo.

As leis estabelecem a *civilização* entre os povos barbaros, formando os bons costumes. Os bons costumes aperfeiçoão as leis, e algumas vezes as supprem, entre os povos *policiados*. A *polidez* exprime no trato e acções a perfeição das virtudes sociaes: e quando he falsa, como muitas vezes acontece, contenta-se de fingir e affectar essas virtudes.

Os Gregos começárão a *civilizar-se* antes de Licurgo e Solon: *policiárão-se* no seculo destes dous celebres legisladores: e *polirão-se* no seculo de Pericles.

CLXVII. *Primeiro — Primitivo — Primévo.*

Primeiro he em geral aquelle ente, que está, ou se considera á frente de huma serie delles; pelo qual começamos a contar huma serie de entes da mesma, ou de differente natureza: he o que precede a todos ou no tempo, ou na ordem, ou no lugar, ou na dignidade, etc. Assim Adam v. g. he o *primeiro* homem, i. e. precede a todos em tempo; está á frente de toda a serie dos homens, etc. Entre as decadas de Barros a que precede a todas na ordem he *primeira*. Entre as casas de huma cidade são *primeiras* em lugar as que encontramos antes de quaesquer outras ao entrar nessa cidade. O *primeiro* em dignidade entre os vassallos d'ElRei he o principe, etc. Deos he causa *primeira* em tempo, em ordem, em dignidade, etc.

Primitivo he o *primeiro* ente de huma serie, considerado com relação aos differentes estados successivos porque passou, ou com relação a outros entes, que delle successivamente se derivárão. A lingua v. g., que fallárão os primeiros homens, é que he *primeira*, porque precedeo a todas, he tambem *primitiva*, se as que hoje se fallão são derivadas della, i. e. se ella, passando por differentes estados, e sofrendo varias alterações, poduzio as linguas de hoje, que nesse caso se devem considerar

como dialectos dessa lingua *primitiva*. A disciplina *primitiva* da Igreja he a que se observava nos primeiros seculos, e que tendo-se transformado de muitos modos segundo o pedião os tempos, e as circunstancias, se reduzio por ultimo áquella que hoje observamos, e que he derivada da *primitiva*, etc.

Primévo diz precisamente o que he da *primeira* idade, ou das primeiras idades. As leis *primévas* da monarquia são as que havia na primeira idade da monarquia: homens *primévos* são os das primeiras idades do mundo, etc.

CLXVIII. *Cheiroso — Odorifero.*

Cheiroso he todo o corpo que lança cheiro; ou o tenha de simesmo, ou se lhe tenha apegado de outros corpos.

Odorifero he o corpo que de simesmo, e de sua natureza lança cheiro, ou o produz; e tambem o lugar, ou terra que produz cheiros, aromas, etc.

Dizemos que huma flor he *cheirosa*, ou *odorifera*: que hum homem adamado vem, ou está todo *cheiroso*, e não *odorifero*: e que a Arabia he *odorifera*, e não *cheirosa*, etc.

CLXIX. *Veste — Vestido — Vestidura — Vestimenta — Trajo.*

Veste parece ser de todos estes vocabulos o mais generico, e porisso dizemos as *vestes* usuaes, as *vestes* sagradas, as *vestes* reaes, etc.

Vestido tem significação menos extensa, e exprime tamsomente as *vestes* usuaes, e ordinarias, com que cobrimos o corpo por neccssidade, ou commodidade. No *trajo* actual dos portuguezes a cazaca, a vestia, o calção, meias, sapatos, etc. pertencem ao *vestido*.

Vestidura parece que exprime as *vestes* ordinariamente sobrepostas ao *vestido*, e pelas quaes distinguimos na ordem civil, ou ecclesiastica, e nas funcções solemnes os empregos, e dignidades das pessoas. Assim o manto ou oppa real, a capa magna, a bécca, etc. são *vestiduras* do rei, do bispo, do magistrado, etc.

Vestimenta exprime especialmente as *vestes* sagradas, que se usão no exercicio publico do culto religioso. A casúla, dalmatica, capa de *asperges*, estola, etc. são *vestimentas*.

Trajo exprime não só o que he essencial do vestir, mas tambem a fórma delle, a maneira de o usar, e certos ornatos que o acompanhão, como fitas, pedraria, collares, toucado, espada, etc. Assim

dizemos *trajo* nacional, *trajo* estrangeiro, *trajo* de ceremonia, de theatro, etc. i. e. tudo o que pertence ao vestir, ao modo de vestir, e ao aceio e ornato do corpo, etc. Parece ser propriamente o *habillement* dos francezes.

CLXX. *Valor — Estimação — Preço.*

O *valor* mede-se pela utilidade da cousa.

Estimação tomado na accepção mais generica, em que se pode considerar como synonymo de *valor*, he propriamente o juizo que fazemos da utilidade da cousa, e por consequencia determina o seu *valor relativo.*

Preço he o *valor* estimado em moeda, ou em cousa equivalente. O *preço* determina o *custo* da cousa.

As virtudes e os talentos tem em todos os tempos e circunstancias hum grande *valor* real, que em certo modo he independente da consideração dos homens: mas os governos, ou os individuos, por ignorancia, ou por corrupção, nem sempre querem reconhecer esse *valor*, e por isso negão muitas vezes ás virtudes e talentos a *estimação* que lhes he devida.

O *preço* não se mede sómente pelo *valor*, ou pela *estimação*, mas tambem pela maior ou menor abundancia ou raridade da cousa, e pela maior ou menor facilidade ou difficuldade de a obter.

Muitas cousas tem grande *valor* real, e não menos *estimação*, as quaes ou não tem *preço* algum, porque não entrão em commercio, nem se podem avaliar por comparação aos objectos delle; ou o tem mui pequeno, porque *custão* pouco a obter.

CLXXI. *Atrás — Apôs — Depois.*

Atrás exprime huma relação de situação, ou ordem, i. e. exprime a posterioridade de lugar de huma pessoa ou cousa a respeito de outra, quer estas estejão em quietação, quer estejão em movimento. Assim dizemos v. g. « ficou *atrás* da porta » « está *atrás* da parede, etc. » significando posterioridade de lugar em estado de quietação: e dizemos « desejava hir *atrás* delle » acodem huns *atrás* dos outros » significando a mesma relação em estado de movimento.

Apôs exprime tambem a relação de posterioridade de lugar; mas suppõe sempre as pessoas, ou cousas em estado de movimento. Assim dizemos v. g. « anda *apôs* a fortuna » leva todos *apôs* si » querem hir *apôs* elle » etc. e não podemos dizer com propriedade « ficou *apôs* a porta » edificou a casa *apôs* a igreja » está *apôs* o bosque, etc.

Depois exprime a posterioridade de tempo: v. g. « fallou-me *depois* de jantar » veio *depois* do

tempo ajustado » vai *depois* de amanhã » etc. nas quaes frases não podemos substituir com propriedade as palavras *atrás*, ou *apôs*.

Comtudo como entre as idêas de tempo, e de lugar ha alguns pontos de contacto, e podemos considerar o tempo como huma successão de instantes que vem huns *apôs* os outros; e o lugar ou lugares como huma successão de espaços, que se seguem huns *depois* dos outros; não admira que algumas vezes se usem estes vocabulos promiscuamente, e que até o mais polido dos nossos classicos diga v. g. « hum breve publicado *apôs* os primeiros » *apôs* estas palavras fez muitas vezes sobre si o sinal da cruz » exemplo dos que hão de vir *trás* nós » etc. etc. aonde *apôs*, e *atrás* se devem entender com a significação de *depois*, etc.

CLXXII. *Na verdade — Na realidade.*

Tomando-se estas duas expressões em todo o seu rigor, *na verdade* refere-se ao que nós pensamos do objecto, segundo idêas claras e exactas: *na realidade* refere-se ao que o objecto he em simes... segundo a sua natureza.

Na verdade refere-se ao mundo intellectual: *na realidade* ao mundo real.

Na verdade quer dizer, segundo as relações claramente percebidas entre as nossas idêas: *na rea-*

lidade quer dizer, segundo as relações reaes que os objectos tem entre si.

Na verdade a virtude he o unico meio que o homem tem para alcançar a felicidade propria da sua natureza. *Na realidade* o homem virtuoso, se bem examinarmos o seu coração, he sempre feliz.

Na primeira destas frases exprimimos a relação claramente percebida entre a noção de virtude, e a noção de meio apto para alcançarmos a felicidade. Este he o mundo intellectual. A frase tem verdade *formal*, segundo a linguagem metafysica.

Na segunda queremos exprimir a relação real que ha entre o homem virtuoso, e o estado de felicidade. Este he o mundo real. A frase tem verdade *objectiva*, se com effeito he boa a applicação, que fazemos das nossas idêas á realidade dos objectos.

Como porêm o filosofo nada possa conhecer da realidade das cousas, senão por meio das suas idêas; nada da realidade absoluta, mas só da realidade relativa; nada em fim doque as cousas são em si mesmas, mas só doque são com respeito a nós, e aos nossos conhecimentos; d'aqui vem, que se usão promiscuamente as duas expressões *na verdade*, e *na realidade*, attribuindo nós sempre aos objectos as propriedades, ou relações, que vemos claramente envolvidas nas idêas, que delles fazemos.

CLXXIII. *Fulgurante — Fulminante.*

Fulgurante vem do lat. *fulgur*, o relampago. E *fulminante* vem do lat. *fulmen*, o raio.

He pois *fulgurante* o que a vezes lança brilho, clarão, esplendor, fulgôr, como o relampago; e he *fulminante* o que lança coriscos, raios, golpes, mortes.

A espada he *fulgurante* quando brilha, e lança fulgôr; he *fulminante* quando dá golpes, e espalha a morte.

Fulgurante pode dizer-se em bom sentido de tudo o que lança brilho e esplendor "os vestidos bordados *fulgurando*" diz *João Franc. Barret. Eneid. 9. 6.*, e não diria bem *fulminando*.

Fulminante sempre se diz em mau sentido: v. g. *fulminando* anathemas, *fulminando* castigos, *fulminando* mortes, e não se diria bem nestes casos *fulgurando*.

CLXXIV. *Pobreza — Indigencia — Penuria — Inopia.*

Pobreza exprime estreiteza de posses e haveres: he o estado do homem, ou familia, que apenas tem o necessario para viver.

Indigencia diz mais que pobreza: he o estado

do que não tem o necessario para viver; que tem falta das cousas necessarias á vida.

Penuria he extrema *pobreza*, grande *indigencia*: estado da pessoa, ou familia, a quem a cada passo estão faltando as cousas mais indispensaveis á vida; que padece fomes, etc.

Inopia refere-se especialmente á falta, ou total carencia do soccorro, ajuda, ou auxilio, que se deseja, ou de que se necessita. (do lat. *in-ops.*)

CLXXV. *Som — Tom.*

Som exprime tudo o que he objecto do sentido do ouvido; e significa genericamente a sensação da impressão que faz no ouvido o ar, ou outro corpo elastico como o ar, movido de hum certo modo.

Tom exprime mais particularmente o *som apreciavel*; o *som*, que tem hum valor; a sua maior ou menor elevação *calculavel*.

Toma-se o *tom* dos instrumentos musicos, mede-se, calcula-se, divide-se etc.; mas não se pode fazer outro tanto ao *som* do tiro de huma peça de artilharia, de hum corpo que cahe, do martello que bate, do madeiro que estálla, etc.

Em linguagem musica chama-se *tom* o intervallo, que separa hum *som* apreciavel de outro na escala diatonica, e por isso se diz que a oitava de *ut* a *ut* consta de cinco *tons*, e dous *semitons*, etc.

CLXXVI. *Hir — Andar — Caminhar — Marchar.*

Hir significa simplesmente passar de hum lugar para outro, de qualquer modo que se faça a passagem.

Andar he mudar progressivamente de situação. *Anda* tudo o que tem hum certo curso e progressiva successão.

Caminhar he fazer caminho: he *hir*, ou *andar*, vencendo huma certa porção de espaço ou distancia, que nos vai progressivamente approximando do lugar ou termo, para onde *caminhamos*.

Marchar parece que he propriamente *andar*, ou *caminhar* compassadamente, vencendo em iguaes tempos iguaes porções de espaço.

Hir diz necessaria e expressa relação a hum determinado ponto, a que a pessoa ou cousa se dirige: v. g. *hir* á igreja, ao paço, a casa do amigo, ao theatro etc.; e figuradamente *hir* a saude para melhor, *hir* o negocio para peor, etc.

Andar parece que não envolve a mesma relação, ao menos expressamente. *Anda* v. g. quem passêa dentro de casa, e não *vai*, nem *caminha*: *anda* o tempo, os astros, o relogio, e não *vão*: *anda* a roda, e não *vai*, nem *caminha*.

Comtudo como *andar* suppõe hum movimento progressivo; se neste marcamos certos pontos, e

consideramos a distancia, que ha entre elles, como hum caminho que se deve correr, para o corpo chegar ao termo assignalado; então dizemos com propriedade v. g. que o sol *vai*, ou *caminha* do nascente para o poente; que o relogio *vai*, ou *caminha* das duas para as tres horas; que o tempo *vai*, ou *caminha* para o verão, para o inverno, etc. etc.

CLXXVII. *Nunca — Jámais.*

Nunca he o latim *nunquam*, em nenhum tempo. *Jámais* he o latim *unquam*, em tempo algum, vez alguma.

Nunca leva comsigo mesmo a negação; faz a proposição negativa. Este homem *nunca* me tratou mal; *nunca* me desgostou; *nunca* me lizongeou, etc.

Jámais pede regularmente a negação expressa, para fazer a proposição negativa. *Não* farei *jámais* o que me pedís: *jámais não* mudarei de resolução: *não* vos ouvirei *jámais*, etc.

Nunca usa-se mais ordinariamente nas proposições que exprimem hum juizo positivo: *nunca* tal crime commetti; *nunca* isso me passou pelo sentido, etc.

Jámais tem particularmente lugar nas proposições, que exprimem interrogação, duvida, incerteza, etc. Que homem de juizo se agastou *jámais*

sem causa? não sei que *jámais* me offendesse: duvido que tal promessa *jámais* se realize, etc.

Algumas vezes ajuntão-se ambos os vocabulos na mesma frase para dar mais energia á expressão, e dizemos v. g. *nunca jámais* vos deixarei, i. e. *em nenhum tempo, vez alguma* vos deixarei, etc.

Outras vezes usão-se, hum em lugar do outro, como se fossem identicas as suas significações. Assim dizemos v. g.: prometto de *jámais* vos deixar, tomando *jámais* por *nunca*; e dizemos tambem: he o melhor homem que *nunca* vi, tomando *nunca* por *jámais*, etc.

CLXXVIII. *Acordar — Despertar.*

Acordar he vir a si; recobrar o uso dos sentidos: exprime propriamente a cessação espontanea do sono, ou de qualquer outra alienação.

Despertar he tirar a alguem desse estado de sono, ou alienação: exprime o effeito de huma causa estranha, que nos interrompe o sono, que nos excita, e nos faz tornar ao nosso acordo.

Acordar he hum verbo neutro: *acordamos*, quando estamos satisfeitos de sono, quando temos dormido bastante.

Despertar he hum verbo activo: os cuidados nos *despertão*; hum grande estrondo desacostumado *desperta* até os que tem o sono pezado, etc.

No sentido figurado observa-se a mesma differença. O homem *acorda* do profundo sono dos vicios, quando torna em si, reflecte no seu estado, e resolve mudar de vida: e he *despertado* desse sono, quando v. g. a morte repentina de huma pessoa muiquerida, ou outro semelhante acontecimento o commove fortemente, e o faz tornar em si, e tomar a resolução de mudar de vida. A simples vista de hum objecto perigoso basta ás vezes para *despertar* huma paixão. O merecimento distincto *desperta* quasi sempre a inveja das almas baixas, etc.

Sem embargo desta differença de significação, que parece fundada na etymologia do vocabulo *acordar*, e até no uso mais autorisado; he certo, que algumas vezes dizemos tambem *acordar* em sentido activo; mas nesses mesmos casos parece dever fazer-se differença entre *acordar* e *despertar*, entendendo-se que quem nos *acorda* emprega huma acção ordinaria, tirando-nos do sono a horas costumadas, quando estamos satisfeitos de dormir etc.; e que quem nos *desperta* emprega huma acção mais forte e mais energica, tirando-nos de hum sono profundo, ou a horas desacostumadas, ou quando estamos mais aferrados, etc.

CLXXIX. *Ajuntar — Unir — Colligir.*

Ajuntar he simplesmente pôr huma, ou mais cousas ao pé de outra, ou de outras.

Unir he ajuntar duas ou mais cousas de modo que fação como huma só: he ligar duas ou mais cousas com vinculo moral ou fysico, para ficarem constituindo huma só cousa.

Colligir he ajuntar com escolha.

Ajuntão-se muitas mercadorias no lugar da feira; muitos trastes em huma casa; *ajuntão-se* esmolas; *ajunta-se* dinheiro, e nada disto se *une*.

Ajuntão-se homens de differentes condições, estados, e opiniões em hum lugar publico; e *unem-se*, quando o seu ajuntamento he feito com o mesmo espirito, e para hum fim commum. Os fieis *unem-se* no templo em espirito de piedade.

Une-se a alma ao corpo; huma familia a outra por cazamentos; os amigos para huma empreza, etc.

Colligem-se livros, medalhas, productos naturaes, maquinas, raridades, etc.

CLXXX. *Bórda — Margem — Ribeira — Praia — Cósta.*

Bórda he em geral a extremidade de huma superficie; e no sentido, em que aqui o tomamos, he a ex-

tremidade da superficie da terra, que toca o rio, ou o mar. (lat. *ora.*)

Margem he o tracto de terra plana, e de alguma largura, que corre ao longo do rio, ou mar, coberta de relva, e hervagens, e que por isso tem frescura e amenidade.

Ribeira he a *margem* mais ou menos declive e derribada, i. e. que vem descendo de cima para baixo até o rio, ou mar. (lat. *ripa.*)

Praia he o tracto de terra ao longo do rio ou mar, que as agoas cobrem e banhão nas suas enchentes. (lat. *littus.*)

Cósta he o tracto de terra ao longo do mar, elevado acima das agoas, sobranceiro a ellas, e que lhes serve de barreira.

A *borda* não tem, ou quasi que não tem largura: he simplesmente a extremidade da *margem*, *ribeira*, *praia*, ou *cósta*: diz-se igualmente do mar, e do rio.

Margem, e *ribeira* tem mais ou menos largura; suppõem o terreno verdejante, e aprasivel, e por isso se dizem mais ordinariamente dos rios, que do mar.

Praia, e *cósta* são mais proprios fallando do mar; mas *praia* suppõe planicie, sobre que as agoas se espraião, e he ordinariamente arenosa; e *cósta* suppõe maior largura de terra, talvez de penedia, que oppõe ás agoas huma forte barreira, e lhes impede o invadirem a terra, etc.

CLXXXI. *Severidade — Rigor.*

Severidade, e *sevéro* são os vocabulos latinos *severitas*, e *severus*, compostas, ao que parece, da particula *se*, e de *veritas*, e *verus*, exprimindo hum quasi *apartamento*, ou *desvio da verdade*, que he á força da particula *se*, tal como se observa em outros vocabulos de composição analoga, v. g. em *se-paração* e *se-parado*, *se-ducção* e *se-duzido*, *se-guridade* e *se-guro* &c.

Se esta etymologia nos não engana, o vocabulo *severidade* refere-se mais propriamente ao nosso modo de pensar, ao nosso juizo, e opinião, e talvez ás nossas expressões; quando parece, que por hum certo excesso nos apartamos algum tanto da exacção, e precisão da verdade. O vocabulo *rigor* refere-se mais em especial ás demonstrações, e procedimentos de facto.

Julgamos e reprehendemos com *severidade*; castigamos e punimos com *rigor*. A lei he *sevéra*; a execução *rigorosa*.

A *severidade* condemna facilmente, e não desculpa; o *rigor* executa a pena á risca, sem adoçar a sua aspereza, nem perdoar cousa alguma della.

Dizemos a cada passo *semblante sevéro*, *fronte sevéra*, e Vieira diz tambem *sevéra magesta-*

de, i. e. que mostra a *severidade* do animo; e não dizemos com igual propriedade *semblante rigoroso*, *fronte rigorosa*, nem *rigorosa magestade*. Pelo contrario dizemos o *rigor* do tempo, da estação &c. e não a *severidade*: dizemos que alguem esteve exposto ao *rigor* do sol, e não á *severidade* &c.

A' *severidade* pode oppor-se humas vezes a *equidade*, e outras vezes a *indulgencia*, esta nobre e generosa qualidade, em que consiste (segundo o nosso parecer) hum dos principaes caracteres da verdadeira grandeza moral. Ao *rigor* oppõe-se a *brandura*, e nos Principes a *clemencia*.

A *equidade* julga conforme os principios da recta e sã razão, devidamente applicados ao facto, e a todas as suas circunstancias: a *indulgencia* condescende ás imperfeições e fraquezas do homem, e desculpa os seus erros, e as suas faltas: a *brandura* e *clemencia* adóção, ou perdoão a pena.

CLXXXII. *Transpiração* — *Suor*.

Transpiração he propriamente a acção de transpirar; mas toma-se tambem pelo humor, ou humores, que se *transpirão*, isto he, que se exhalão pelos poros da pelle em toda a superficie do corpo humano; e neste sentido he que pode ter-se como synonymo de *suor*: distingue-se porém delle, por-

que a *transpiração* he insensivel, ou antes invisivel, e o *suor* he a *transpiração* mais forte e mais abundante, que nasce do calor, ou do exercicio, e que sahe em gôtas visiveis pelos poros da pelle.

CLXXXIII. *Povo — Plebe — Vulgo.*

Povo diz-se mui propriamente dos habitantes de huma cidade, provincia, ou reino, em geral, e sem relação alguma a distincção de clases, v. g. o *póvo* portuguez tem-se feito celebre na Historia — o *povo* portuguez foi sempre mui affeiçoado aos seus Monarcas — todo o *povo* do reino sentio a sua perda — sahio todo o *povo* da cidade a recebelo &c. &c.

Emprega-se porêm frequentemente para significar a terceira classe dos cidadãos, por distincção das outras duas da nobreza, e clero: assim dizemos v. g. *a nobreza, clero, e povo — a camara, nobreza, e povo* — &c. e em nenhuma destas frases podemos usar do vocabulo *plebe.*

Poronde se vê que *plebe* significa precisamente o *povo* miudo, a gentalha, o mais baixo do *povo*; aindaque deste mesmo vocabulo derivamos o adjectivo *plebêo*, exprimindo (segundo a significação latina) homem da classe do *povo*, não nobre.

Vulgo he propriamente *o commum do povo*,

e refere-se não tanto a classe alguma de cidadãos distincta das outras classes, quanto ás pessoas (de qualquer classe que sejão) que, ou por sua ignorancia, ou por seus baixos sentimentos e acções pertencem ao *commum da gente*, ao que he *mais ordinario*, ao *maior numero*. E por isso se usa muitas vezes com a significação de *plebe*; porquanto o homem ignorante, e de baixos sentimentos, o homem, que em pensamentos e acções mostra hum caracter ignobil, pode sem injuria collocar-se entre a *plebe*, qualquer que seja alias a sua qualidade, e condição na jerarquia civil.

Pela mesma razão qualificamos de *vulgar* tudo o que he ordinario, que succede muitas vezes, que he facil de achar-se; tudo o que não he raro, nem nobre, nem de subida sorte, nem excellente no seu genero &c.

Assim pertence á *vulgaridade* das maneiras no trato social tudo o que he rude, e grosseiro; tudo o que he contrario á polidez, urbanidade, e cortezania. Pertence á *vulgaridade* litteraria tudo o que contêm idêas triviaes, communs, muitas vezes repetidas; tudo o que não tem novidade, ou na materia, ou no arranjo, ou na locução. Pertence á *vulgaridade* do estilo tudo o que he de gosto pouco apurado; tudo o que suppõe pouca elegancia nas imagens, e pouca delicadeza nas expressões, &c. &c.

CLXXXIV. *Enfeites — Affeites.*

Enfeites são quaesquer ornatos, adornos, ou atavios, com que se aformoseão os objectos, para os fazer mais agradaveis, ou mais bellos.

Affeites são ornatos, ou atavios sobrepostos, *affectados*, contra o natural, que em lugar de aformosearem, desfeião o objecto, e talvez o fazem ridiculo.

Este segundo vocabulo, que o capricho do uso tem antiquado, merece ser restituido á sua posse. Elle tem manifesta relação com o verbo *affectar*, pronunciado, ao modo antigo, *affeitar*, e encerra huma significação accessoria, que o distingue de *enfeitar*, e que exprime o que de outra maneira se não poderia dizer sem circumloquio.

Dizemos com propriedade que a natureza atavia de lindos *enfeites* as suas mais delicadas obras; e não podemos substituir nesta frase o vocabulo *affeites*.

Arraez, 10. 38. « mal haja Aralio rey de Assyria, que inventou braçaletes, e ioyas de perlas, e pedraria, cabellos entransados, verdugadas, e roupas roçagantes, agoas pera o rostro, e outros *enfeites*, e *affeites*, com que se pintão, e autorizam as mulheres vãs. »

E no mesmo dialogo, c. 50. « trabalhem as

„ mulheres ser taes, quaes Deos quiz que ellas fos-
„ sem, não corrompendo os seus rostros, nem *affei-*
„ *tando* suas gargantas &c. „

Fr. Agost. de Sous. na censura da 1. P. da Chron. de S. Doming., fallando da linguagem do illustre autor, a gaba de *natural*, *corrente*, *e cortezã*, *com termos proprios*, *significativos*, *e efficazes*, e longe *de* affeites *e artificios viciosos*.

CLXXXV. *Delgado — Fino.*

Delgado refere-se sempre a huma dimensão fysica do objecto: *fino* refere-se com mais propriedade á sua perfeição, e excellencia.

Chamamos *delgado* o que não he grosso, ou tem pouca grossura: chamamos *fino* o que no seu genero he de superior qualidade, bem obrado, de lavor exquisito &c.

He *delgada* huma arvore, huma taboa, huma corda &c., isto he, tem pouca grossura.

He *fino* o ouro, a prata, a porcelana, a renda &c., quer dizer, he de superior qualidade, he obrada com perfeição, he de primoroso trabalho, &c.

Quando usamos indifferentemente de qualquer dos dous vocabulos, dizendo v. g. *linha fina*, ou *linha delgada*, *pano de linho fino*, ou *delgado*, he porque nestes e em outros semelhantes objectos

a *delgadeza* da materia he a primeira condição da superior qualidade da obra, e anda de ordinario acompanhada da perfeição, e excellencia do artefacto.

CLXXXVI. *Prudencia — Discrição — Circumspecção.*

Prudencia he a primeira das virtudes, que chamamos cardeaes, e consiste na applicação da experiencia, da recta razão, e do bom juizo á direcção, e governo de todas as acções, negocios, projectos, ou emprezas da nossa vida, tanto publica, como particular; tanto moral, como civil, ou politica.

A *discrição* e *circumspecção* são partes da *prudencia.*

A *discrição* escolhe com justo discernimento e ás vezes com huma especie de tino, e sagacidade natural, os meios mais proprios, mais convenientes, mais faceis, e mais adequados para alcançar o fim proposto.

A *circumspecção* examina e considera todas as circumstancias, attende ás pessoas, mede os tempos, e os lugares, pondera o que convêm, o que he decente, o que he opportuno, afim de regular, e proporcionar o emprego dos meios escolhidos, e chegar ao fim proposto pelo caminho mais plano, mais breve, e mais commodo.

CLXXXVII. *Voz — Brado — Grito — Clamor.*

Voz he o som proferido pela bôca do homem, ou do animal, e tambem se attribue metaforicamente aos seres personificados, como quando dizemos a *voz* da natureza, a *voz* da razão, a *voz* da justiça &c., e aos instrumentos musicos, cujos sons apreciaveis, ou cantaveis, tem analogia com a *voz* humana.

Brado he a *voz* alta, esforçada, ás vezes dilatada, que se faz ouvir, e talvez resôa ao longe. *Bradão* os naufragantes a Deos misericordia; *brada* o mar de longe, batendo nas praias; *bradão* ao ceo as maldades dos homens &c.

Grito parece vocabulo imitativo, que exprime primaria e propriamente *vozes* agudas, e não articuladas, do homem, e talvez de alguns animaes.

Clamor (do latim *clamare*, em portuguez *chamar*) he propriamente *chamamento* em alta *voz*, donde vem *re-clamo*, o da ave chamando por outra; *ac-clamação*, o acto solemne de denunciar ao publico, nomeando, alguem para alguma dignidade &c.

As procissões religiosas, ainda hoje frequentadas em muitas partes do reino, nas quaes o clero e povo vão de huma a outra paroquia, de huma a outra capella, ou templo, invocando os sanctos,

e dirigindo preces ao ceo em *altas vozes*, chamão-se *clamores*.

CLXXXVIII. *Diario — Diurno.*

Diario he o que se faz em hum dia, ou pertence ao dia. *Diurno* he o que se faz de dia.

Diario refere-se ao periodo inteiro das vinte e quatro horas, de que se compõe o dia natural: *diurno* refere-se áquella parte do dia, durante a qual o sol illumina o nosso horisonte.

Quem diz movimento *diario* do sol, exprime o giro inteiro, que o sol apparentemente faz em roda da terra, desde que parte do oriente atéque torna a apparecer no mesmo ponto.

Quem diz movimento *diurno* do sol, exprime tamsómente a porção desse giro, que o sol faz desde que parte do oriente atéque chega ao occidente.

O giro *diario* do sol consta de dous periodos, ou antes de duas porções de periodo, *diurna*, e *nocturna*, com as quaes este astro perfaz a sua carreira.

Se hum homem trabalhasse de dia e de noute na sua arte, ou officio, poderia vencer hum jormal *diurno*, e outro nocturno, e a somma destes dous jornaes seria o seu ganho *diario*.

CLXXXIX. *Inteiro — Inflexivel — Inexoravel.*

Inteiro he o homem, que cumpre perfeitamente os seus deveres: que se não desvia jámais dos dictames da recta razão, das maximas da intacta probidade, e dos decretos da lei.

Inflexivel he o que se não deixa dobrar; que não desce de suas opiniões e resoluções, nem muda o caminho, que huma vez tem tomado.

Inexoravel he o que não cede, nem se deixa dobrar a rogos, a supplicas, a lagrimas &c.

O caracter do homem *inteiro* tem a sua origem e fundamento no recto amor do bem, da ordem, e da virtude, e na constante determinação de cumprir com as leis do dever.

O caracter do homem *inflexivel* suppõe tenacidade no juizo, e hum certo gráo de pertinacia, ou talvez de obstinação na vontade; donde resulta aquella rigidez do animo, que oppõe huma longa resistencia á força das razões, e persuasões alhêas, ou absolutamente se não deixa dobrar a ella.

O caracter do homem *inexoravel* tem origem na dureza do coração, e o suppõe pouco accessivel aos sentimentos communs da humanidade, e ás doces commoções da compaixão.

O caracter do homem *inteiro* he sempre bom, e digno de estimação, e louvor: a *inteireza* he hu-

ma qualidade essencial no homem publico e particular.

Os outros dous caracteres, como tenhão huma origem mais ou menos viciosa, sómente podem produzir bom effeito por accidente, isto he, quando por ventura as resoluções, que o homem tem tomado, são justas, bem fundadas, e taes, que o dever lhe não permitte afastar-se dellas: mas neste caso a *inflexibilidade*, e a *inexorabilidade* deveráõ mais propriamente tomar a denominação de *firmeza*, assimcomo tomão em realidade o caracter desta excellente virtude.

E só neste sentido he que podemos louvar de *inflexivel*, ou de *inexoravel* o magistrado, o juiz, o homem publico, que não se dobrando a persuasões, a rogos, a supplicas, ou a lagrimas, segue com inalteravel firmeza o caminho, que a lei lhe prescreve, sacrificando talvez ao imperioso dever os proprios affectos, de que se sente commovido.

CXC. *Publico — Commum.*

Publico he o que pertence ao todo de huma nação, povo, ou cidade, considerada como pessoa moral, debaixo da autoridade de hum governo.

Commum he aquillo, de que participão todos e cada hum dos individuos de huma nação, povo, cidade, familia, ou associação.

He autoridade *publica* a dos magistrados; são rendas *publicas* as do estado; e nenhuma destas cousas he *commum*, ainda que ambas sejão estabelecidas para bem *commum* dos povos.

São interesses *communs* aquelles, de que participão todos os membros de huma sociedade, corporação, ou familia particular, e não são *publicos*: he bolsa *commum*, e não *publica*, a de duas ou mais pessoas que jogão, que commercêão, que viajão de parçaria: são sentimentos *communs* os que tem todos os individuos de certa classe, ou corporação, e podem não ser *publicos* &c.

Muitas vezes succede concorrerem no mesmo objecto ambas estas qualidades, e então usamos quasi indifferentemente de qualquer dos vocabulos.

Assim v. g. os interesses de huma nação podem chamar-se *publicos*, e *communs*: *publicos*, porque pertencem ao todo dessa nação; e *communs*, porque delles participão todos e cada hum dos individuos, que a compõe. As terras baldias chamão-se logradouros *publicos*, e tambem pastos *communs*, porque a sua propriedade reside no todo da communidade, e porque cada hum dos individuos, que a compõe, participa do seu uso.

As leis devem ser feitas com vista no bem *publico*, e no bem *commum*; porque he necessario que concorrão para a felicidade geral da so-

ciedade, a qual resulta do maior ou menor gráo de felicidade de cada hum dos individuos.

A *publico* oppõe-se propriamente *privado*: a *commum* oppõe-se *particular*.

CXCI. *Indole* — *Genio* — *Natural*.

Indole parece referir-se com mais propriedade ás qualidades naturaes da alma, ás inclinações congenitas, á tendencia moral do homem: *genio* ás disposições do temperamento: *natural* a humas e outras, e a tudo o que nos he dado pela natureza, e constitue o caracter individual de cada hum.

Tem boa *indole* o homem que he naturalmente inclinado á verdade, ao bem, á virtude. Tem bom *genio* o homem, que goza de hum temperamento harmonico, e cujos affectos e paixões não traspassão os limites da devida moderação, e temperança. Tem bom *natural* o homem, que em todas as cousas, e em todas as circunstancias se mostra razoavel, justo, moderado, pacifico, tolerante &c.

Pode o homem ter boa *indole*, isto he, huma tendencia natural para o bem e para a virtude, e ser ao mesmo tempo de *genio* forte, irritavel, ardente &c. Os que são taes, cahem muitas vezes, pelo seu *genio*, em faltas, que a boa *indole* trabalha por corrigir e evitar. Hum bom *natural* he

o melhor dom, que o homem pode receber do Criador, em ordem á sua felicidade.

CXCII. *Juramento — Jura.*

Fazemos, ou dámos hum *juramento*, quando invocamos a Deos, ou as cousas santas, para confirmação da verdade das nossas palavras, ou dos nossos testemunhos, ou da sinceridade e firmeza das nossas promessas.

Fazemos huma *jura*, ou fazemos *juras*, quando empregamos certas frases, ou formulas do estilo baixo, de que a gente da plebe se serve para o mesmo fim.

O *juramento* suppõe reflexão, he hum acto sério, e religioso, e ás vezes judicial, publico, solemne.

A *jura* emprega-se as mais das vezes por habito, e sem reflexão, nem verdadeira intenção de *jurar*, e pertence aos modos usuaes de fallar da gente baixa, e mal educada.

CXCIII. *Amor de si — Amor proprio — Egoismo.*

O *amor de si* he huma propensão natural, que inclina o homem a buscar o prazer, e a fugir a dor; a buscar tudo aquillo, que lhe causa impressões agra-

daveis, e a fugir tudo aquillo, que lhe causa impressões desagradaveis e penosas.

Esta propensão tende á conservação fysica do individuo, e por isso não só acompanha o homem em todo e qualquer tempo e situação da vida; mas he commum a elle e aos outros animaes. Pode chamar-se o *instincto conservador* da natureza animada. Se o homem podesse viver só, e fóra da sociedade, nem por isso deixaria de sentir esta propensão, e de dirigir-se pelos seus impulsos.

Amor proprio he o mesmo *amor de si*, desenvolvido no estado de sociedade: he consequentemente hum sentimento mais complicado, e muito mais vasto na sua comprehensão, que alêm da conservação e melhoramento da existencia fysica, abrange tambem a conservação e melhoramento da existencia social do homem, e tende por isso mesmos a evitar a indifferença, a desconsideração, o menoscabo, e o desprezo dos outros homens, e a ganhar a sua boa opinião, a sua approvação, a sua estima, e o seu louvor.

Este sentimento, que sendo bem regulado, e coarctado dentro de justos limites, he o nobre principio de excellentes virtudes, e a ellas constantemente nos convida; pode ser susceptivel de excesso na sua intensão, e de erro e desvio nos meios do seu desenvolvimento; e então passa elle mesmo a ser vicioso, e pode tambem ser origem de outros vicios.

Considerando o *amor proprio* de baixo destes dous aspectos, he facil entender, e conciliar as doutrinas, que o defendem, ou combatem; podendo dizer-se com verdade, que o homem sem *amor proprio* he, em certo modo, pouco apto para o bem, e para o mal, na ordem social, e civil; e que na boa direcção deste necessario e primitivo sentimento consiste em grande parte o segredo de huma boa educação, que haja de dominar, e regular o futuro destino do homem na trabalhoza e incerta carreira da vida.

Finalmente, quando este sentimento tem chegado a hum gráo tão extraordinariamente excessivo e vicioso, que o homem se ama a simesmo, não só com injusta preferencia, mas até com total, ou quasi total exclusão dos outros homens, pretendendo loucamente fazer-se como unico centro de todos os bens, e de todas as commodidades da vida, e recusando-se áquella reciprocidade de officios, que mantêm as preciosas relações e vinculos sociaes; toma então o nome de *egoismo*, nome de invenção moderna, mas bem proprio, por certo, para exprimir hum vicio tão abominavel, como antisocial, que parece ser o dominante da nossa idade, e haver quasi apagado entre os homens os felices esforços do amor da gloria, do generoso patriotismo, do honrado desinteresse, da virtuosa independencia, e de todos os outros sentimentos nobres e sublimes, que em seculos mais felices caracterizárão tantos

varões distinctos, e elevárão algumas nações a hum alto gráo de esplendor, e prosperidade.

CXCIV. *Predizer — Profetizar — Vaticinar — Prognosticar — Presagiar — Agourar — Adivinhar.*

Predizer significa litteralmente *dizer antes*; dizer cousas, que hão de acontecer, antes que aconteção; annunciar cousas futuras. Este vocabulo, por tanto, tem huma significação mui generica, e não determina nem o modo porque essas cousas são conhecidas a quem as *prediz*, nem o gráo de certeza, que pode ter a *predicção*. Faz *predicções* o profeta, o astronomo, o politico, o astrologo, o adivinhador &c. He hum genero, que comprehende varias especies, designadas pelos outros vocabulos synonymos.

Profetizar he vocabulo da linguagem theologica, e significa *predizer* cousas futuras por inspiração divina. *Profecia* he o termo proprio, com que se denominão as *predicções*, que a cada passo se lêem nos livros sagrados do antigo, e novo Testamento, feitas por homens divinamente inspirados. Os que affectavão, ou fingião este raro privilegio, ou se dizião inspirados por falsas divindades, chamavão-se *falsos profetas*, e as suas *predicções* falsas *profecias*.

Vaticinar exprime propriamente *profetizar*

cantando, e *vaticinio* diz o mesmo que *canto profetico*. He a *predicção* do *profeta*, ou do *vate*, enunciada na linguagem da sublime poezia, como se encontra em muitos admiravcis, e bellissimos lugares de Isaias, de Jeremias, de Ezechiel &c. E d'aqui vem dar-se tambem este nome ás elevadas concepções dos poetas, quando arrebatados de ardente enthusiasmo, e quasi inspirados, parece que lêem no futuro, e *predizem* os destinos prosperos ou adversos de hum heróc, de hum povo, ou de huma nação intcira.

Prognosticar diz em rigor litteral o mesmo que *conhecer antecipadamente*, assimcomo *prognostico* significa conhecimento antecipado. Este vocabulo pois exprime propriamente a *predicção* de cousas futuras, conhecidas antecipadamente pelo discurso certo, ou conjectural, ou reputado dessa natureza. O astronomo *prognostica* o eclipse, antevisto nas razões certas e evidentes do calculo. O politico, o homem de estado *prognostica* o resultado de huma negociação, o exito de huma guerra, as revoluções dos imperios &c. fundado nas analogias e probabilidades, que lhe offerece a historia das cousas, e dos homens, e a observação, e combinação das circumstancias. O medico *prognostica* a crise e termo da doença pelas conjecturas que faz sobre a sua causa, complexo de symptomas, compleição e estado do doente &c. O astrologo *pro-*

gnostica successos futuros, cuidando, postoque vãmente, conhecelos pela posição, aspecto, conjuncções, ou influencias dos astros &c; e nenhum delles *profetiza*, nem *vaticina*, nem *presagia*.

Presagiar he *presentir*; sentir antes; *predizer* alguma causa futura, não por inspiração divina, como na *profecia*, e *vaticinio*; nem pelo conhecimento natural das cousas, como no *prognostico*; mas sim por hum certo *presentimento*, por huma especie de *tino* enterior (se assim podemos explicarnos) ou de *instincto*, ou de *sagacidade* natural, de que se não sabe dar a razão. Neste sentido dizemos muitas vezes, e com propriedade, que o coração he *preságo*; que o coração nos *presagia* alguma prosperidade, ou adversidade; que a melancholia (por exemplo) de que nos sentimos possuidos, he triste *presagio* de algum successo infausto, da morte de algum amigo ausente, da perda de hum bem mui querido &c.

Agourar era entre os antigos povos *predizer* qualquer futuro acontecimento pela observação do canto, do vôo, do pasto, e do numero das aves. Hoje que este genero de superstição parece totalmente extincto entre os povos da Europa, ainda todavia notamos com a denominação de *agouros* certos accidentes insignificantes, totalmente casuaes, mas desagradaveis, que importunamente nos acontecem, ou se offerecem á nossa vista, e dos quaes

agouramos algum mau successo em nossos negocios, ou pretenções: e do mesmo modo, ainda que sem animo supersticioso, dizemos algumas vezes, que tal ou tal acontecimento he de bom, ou de mau *agouro*, isto he, que parece sinal de bom ou mau successo na cousa incerta, que desejamos, ou esperamos, ou pretendemos.

Adivinhação exprimia propriamente, entre os antigos povos pagãos, não só a *predicção* de cousas futuras, mas tambem a revelação de cousas occultas, ou inaccessiveis aos nossos meios ordinarios e naturaes de conhecer, e isto por huma especie de inspiração, que se julgava sobrenatural, e quasi divina, donde veio o nome, que lhe derão os latinos, *divinatio*, e o nosso *a-divinhação*: e incluia muitas especies de *predicções* do futuro, e de conhecimento de cousas occultas, segundo esse conhecimento e *predicções* erão tiradas ou dos sonhos, ou do canto e vôo das aves, ou das apparencias dos astros, ou de quaesquer outros fenomenos, e sinaes; ainda que muitas dessas especies tinhão sua particular denominação.

Hoje quasi que sómente usamos dos vocabulos *adivinhar*, e *adivinhação*, quando fallamos do artificio fraudulento, com que alguns impostores, ou mulheres de baixa sorte costumão embair o vulgo crédulo, persuadindo-lhe que *adivinhão* cousas occultas, ou futuras, e empregando (para mais fa-

cilmente lhe desatinarem o juizo) práticas supersticiosas, insignificantes, ineptas, e ás vezes ridiculas, de que a gente ignorante se deixa illudir. Estas artes de *adivinhar* tomão as differentes denominações de chiromancia, hydromancia, pyromancia, necromancia, &c. segundo os differentes objectos, de que os impostores se servem para fazer mais apparatosa, e ao mesmo tempo mais crivel ao vulgo a sua fraude.

CXCV. *Interno — Interior — Intimo.*

Estes tres vocabulos exprimem respectivamente o que os grammaticos vulgares chamão significação positiva, comparativa, e superlativa; e guardão entre si a differença e gradação correspondente. *Interno* significa o que he de dentro: *interior* o que he mais de dentro: *intimo* o que he muito mais de dentro.

D'aqui vem, que fallando v. g. do homem, applicamos ordinariamente o vocabulo *interno* ás cousas, que estão dentro delle, mas pertencem ao corpo, e dizemos doença *interna*, remedio *interno*, calor *interno* &c: applicamos o vocabulo *interior* ás cousas do espirito, e dizemos alegria *interior*, tristeza *interior*, mágoa *interior*, amargura *interior* &c: applicamós finalmente o vocabulo *intimo* ás cousas, que queremos encarecer como sa-

hidas do fundo do coração, do mais recondito da alma, e dizemos pena *intima*, amizade *intima*, paixão *intima* &c.

A mesma differença e gradação se observa, quando fallamos de outros objectos, se a natureza delles o permitte. Assim v. g. chamamos *internos* os arranjos de huma casa de portas a dentro: *interiores* os quartos ou aposentos, que estão mais afastados das entradas e sahidas, e das extremidades da casa para o centro: e *intimos* os retretes, as camaras mais retrahidas, os lugares mais reservados, e mais secretos da casa &c. &c.

CXCVI. *Guiar — Dirigir — Conduzir — Levar.*

Guiar he simplesmente mostrar o caminho, indo adiante. *Dirigir* he encaminhar, instruindo, regendo, governando. *Conduzir* he *guiar*, regulando a marcha como chefe. *Levar* he fazer ir, ajudando, sustentando, dando forças, mettendo animo, talvez obrigando.

Guiamos o viajante na estrada, o estudante nos estudos, o amigo no negocio, na empreza, quando lhes indicamos o caminho, o methodo, os meios, que devem seguir.

Dirigimos o filho, o discipulo, o alumno, o subdito, dando instrucções, prescrevendo regras, dictando maximas, corrigindo erros &c.

Conduzimos o regimento, o exercito, a caravana, o rebanho, indo á frente, acompanhando e regulando a marcha. *Conduzimos* o amigo, o cliente, regulando os passos do negocio, e acompanhando-o na execução.

Levamos hum minino, huma pessoa debil, hum enfermo, dando-lhe a mão, talvez tomando-o nos braços, ajudando, animando, emprestando-lhe forças. *Levamos* o criminoso á prizão, obrigando-o a ir. *Levamos* os soldados á guerra, inspirando-lhes coragem, brio, enthusiasmo.

A natureza, a razão, a lei *guião* o homem, porque lhe mostrão o caminho, que deve seguir: *dirigem-no*, porque lhe dão instrucções, prescrevem regras, e maximas, e o regem e governão: *conduzem-no*, porque o acompanhão sempre, regulando seus passos: *levão-no* finalmente, porque o auxilião, o animão, lhe dão esforço, o sustentão, e talvez o obrigão.

O mesmo se pode dizer, em sentido contrario, das paixões, quando o homem as toma por *guia*, entregando-lhes o mando, *dirigindo-se* pelos seus dictames e conselhos, e consentindo que ellas o *conduzão* por errados caminhos, até o *levarem* por fim á sua total ruina.

CXCVII. *Bens livres — Bens allodiaes.*

Livres são os bens, que não estão ligados, nem vinculados. *Allodiaes* são os bens, que não pagão prestação, ou serviço algum real ou pessoal a hum senhorio.

Livre he tudo aquillo, que não está prezo, nem ligado, nem vinculado. Este vocabulo pois, applicado a *bens*, designa aquelles, que não estão legalmente vinculados a outros bens, nem ligados a huma determinada familia, ou successão de pessoas, ou a algum estabelecimento permanente: aquelles, que se podem separar de quaesquer outros; que se podem livremente vender, que podem girar no commercio &c, e de que seu dono pode dispôr, largando-os de si, sem embaraço algum legal.

Allodial he termo derivado da Jurisprudencia, e usos feudaes, e designa os bens, que não pagão onus, direito, ou prestação alguma a hum senhorio, nem tem obrigação de qualquer homenagem ou serviço real, ou pessoal. (vej. o *Glossar.* de *Du-Cange*, nas palavr. *Allodiales*, *Allodialia*, *Alodium* &c.)

Assim os bens de morgado, ou capella, e os bens de mão-morta não são *livres*, e podem ser *allodiaes*: os bens enfiteuticos não são *allodiaes*, e, rigorosamente fallando, podem ser *livres*.

As nossas leis, e jurisconsultos parece reconhecerem a differença destes dous vocabulos, quando os unem na mesma frase, dizendo v. g. que taes, bens são *livres* e *allodiaes*, isto he, que nem são *vinculados*, nem sujeitos a foro, ou serviço; expressão, que coincide com a outra, tambem frequente, *bens livres e dizimos a Deos*, com a só differença, que *allodial* exprime directamente a izenção de foro, serviço &c., e *dizimo a Deos* exprime a mesma idêa indirectamente, indicando que a propriedade sómente paga o dizimo ecclesiastico, e he izenta de qualquer outra prestação, foro ou serviço.

CXCVIII. *Apartar — Separar — Afastar — Arredar.*

Apartar he desfazer o ajuntamento; pôr á parte o que estava junto.

Separar he desfazer a união, a ligação, talvez a mistura.

Afastar he desfazer a proximidade; pôr ao largo; pôr distante.

Arredar he tirar de diante da vista, abrindo caminho, pondo para os lados, ou para traz.

Aparta-se huma pessoa, ou huma cousa de outra, junto da qual, ou ao pé da qual estava: *aparta-se* o amigo do amigo, o homem da mu-

lher, o animal são do animal doente para se não contagiar &c.

Separa-se hum membro do corpo humano, hum ramo da arvore, a liga do metal, a alma do corpo. Tambem dizemos que se *separa* o amigo do seu amigo, o homem da mulher &c. quando queremos indicar a união, que entre elles havia, e encarecer por este modo o *apartamento*.

Assim diremos com propriedade, que se *aparta* o amigo do amigo, o homem da mulher &c., quando estavão juntos em algum lugar, e foi cada hum para sua parte: e diremos que se *separão*, quando vão para lugares distantes, ou vão por muito tempo, ou talvez para sempre, isto he, quando se desfaz ou quasi se desfaz a união, que entre elles havia. A morte *separa* os amigos, os espozos, os parentes &c., e não dizemos que os *aparta*.

Afasta-se o homem do precipicio, do lugar perigoso, da má companhia; *afasta-se* do crime, e da occasião delle; *afasta-se* da lei e do dever; *afasta-se* do contracto, do ajuste &c. Hum lugar está *afastado* de outro lugar, huma cidade de outra cidade: a costa da ilha vai-se *afastando* da terra firme &c. &c.

Arreda-se quem está diante, para deixar ver; *arreda-se* o povo, abrindo caminho, e talvez pondo-se em ala, para passar o homem de respeito, o magistrado, o principe &c.

CXCIX. *Nutrir — Alimentar — Sustentar.*

Nutrir quer dizer: entreter immediatamente a substancia dos corpos vivos. O pão, e os outros alimentos *nutrem* o homem, ou o animal, convertendo-se na sua substancia: a mãi *nutre* o seu filhinho com o proprio sangue: os succos da terra *nutrem* a planta &c.

Alimentar quer dizer; provêr alguem, ou alguma cousa dos *alimentos*, que servem, e são proprios para a sua *nutrição*. O pai de familias *alimenta* a mulher, e os filhos: o estado *alimenta* os cidadãos: a agricultura e o commercio *alimentão* os povos, e as nações: a terra *alimenta* todos os animaes, que se *nutrem* dos seus fructos.

Sustentar quer dizer: provêr dos *alimentos* precisamente indispensaveis á vida; acudir ás necessidades urgentes e rigorosas: he vocabulo, que diz relação a hum estado de debilidade, fraqueza, e necessidade, que demanda auxilio, e soccorro. A esmola *sustenta* algumas vezes os ociosos: quem percebe os fructos do trabalho dos pobres deve *sustentalos*: o mesquinho jornal diario, que se paga ao artifice, ao trabalhador, apenas basta para *sustentalo* a elle, e á sua triste familia &c.

CC. *Livraria — Bibliotheca.*

Usa-se frequentemente destes dous vocabulos, como se fossem de identica significação; mas ha entre elles huma differença, que não será inutil observar.

Livraria quer dizer precisamente multidão de livros: he esta a energia da sua terminação, como já notamos no art. CXLIX.

Bibliotheca quer dizer precisamente caixa, armario, caza, em que se depositão livros, e se conservão, ordinariamente em certo arranjo.

D'aqui vem que o guarda da caza dos livros, encarregado do seu arranjo, do seu aceio &c., se chama *bibliothecario*, e não *livreiro*, dando-se este ultimo nome ao que tem multidão de livros para vender ao publico &c.

Se hum viajante, por exemplo, levasse em suas viagens huma caixa com alguns livros para lhes servirem ao estudo, ou ao entretenimento, poderiamos dizer que levava comsigo huma *bibliotheca*, mas não huma *livraria* &c.

CCI. *Publicar — Promulgar — Divulgar.*

Publicar he fazer saber ao publico, fazer constar a todo hum povo, cidade, ou nação. *Publica-se*

huma noticia, huma lei, hum segredo: *publicão-se* jogos, festas, ferias &c.

Promulgar he *publicar* com autoridade, e dizse especialmente da *publicação* das leis e decretos do legislador, que dizem respeito ao todo da nação, e que só podem começar a obrigar, depois que são conhecidos pela *promulgação*. Os apostolos prégando o Evangelho, *promulgárão* a lei do novo Testamento, a lei christã, i. e. fizerão-na conhecida a todo o universo, para ser por todos obedecida &c.

Divulgar he fazer saber alguma couza, ou noticia, espalhando-a pelo vulgo. *Divulgão-se* quaesquer factos, ou noticias; mas especialmente as mentirosas, que quasi sempre achão melhor acolhimento no vulgo. O calumniador astuto, que intenta derribar o credito do homem virtuoso, começa quasi sempre por *divulgar* contra elle suspeitas, que pouco a pouco tomão corpo, e por ultimo tornão pelo menos duvidosa a sua reputação.

CCII. *Prémio — Galardão.*

Ambos estes vocabulos exprimem em geral a idéa de huma recompensa, que se dá a qualquer pessoa por seus serviços, ou merecimentos, reaes, ou supostos.

Mas *prémio* parece mais proprio, para expri-

mir essa recompensa, quando ella he determinada por lei, ou por algum genero de ajuste, e convenção, quasi como paga, ou preço do serviço; como cousa rigorosamente devida. E em consequencia desta restricta significação, parece tambem, que o *prémio* suppõe sempre alguma obrigação de o distribuir na pessoa, que o distribue.

Galardão exprime huma idêa, em certo modo, mais nobre, e não suppõe sempre aquella obrigação. Todos indistinctamente podem concorrer para *galardoar* o homem de merecimento relevante, ou que tem feito importantes serviços: a approvação, a estima, o louvor, o reconhecimento, que se tributa ao cidadão virtuoso, e util, he o melhor *galardão*, que elle pode esperar, e receber por suas virtudes.

O homem, que dedica todos os momentos da vida ao serviço da patria, não póde receber della hum *prémio* equivalente ao seu generoso sacrificio. O unico *galardão* digno da sua virtude, o unico a que elle deve aspirar, o unico de que a vil inveja não póde jámais privalo, consiste na propria convicção que tem, e na intima satisfação que goza, de haver cumprido o mais nobre de seus deveres, e de ter merecido a estima da posteridade.

CCIII. *Peccado — Delicto — Crime — Falta — Culpa.*

Peccado he toda e qualquer infracção da lei de Deos. As infracções das leis humanas tambem são *peccados*; mas quando lhes damos este nome, he porque as consideramos como contrarias á lei de Deos, escripta, ou gravada nos nossos corações, a qual nos manda respeitar e obedecer as autoridades publicas, e ser exactos observadores de suas leis, e mandados: de maneira que a lei de Deos, influindo immediatamente na consciencia do homem, robóra as leis humanas, e augmenta a sua força de obrigar, sendo este o mais poderoso auxilio, que a religião dá á sociedade civil.

Delicto he qualquer acção ou ommissão externa, imputavel, contra as leis humanas. Quando o *delicto* demanda a vindicta publica, e he como tal designado nas leis *criminaes*, e por ellas punido, toma o nome de *crime*.

Falta he qualquer acção, ou ommissão leve, contra as regras do dever, nascida mais da humana fraqueza, que da malicia e depravação do coração.

Culpa he propriamente a relação moral, que resulta do peccado, delicto, crime, ou falta, e pela qual o homem contrahe a qualidade de *culpado*, e fica sujeito a huma pena, ou castigo.

CCIV. *Bastante — Sufficiente.*

He *bastante* o que bem chega; o que enche a medida do necessario, talvez com largueza: he *sufficiente* o que quasi enche essa medida; aquillo com que se pode passar; com que nos devemos contentar.

Ter *bastante* com que passar he ter o necessario, talvez com algum sobejo: ter *sufficiente* com que passar he remediar-se bem, poder passar mediocremente; ter quanto se requer para não padecer necessidades, &c.

CCV. *Iroso — Iracundo — Irado.*

A terminação em *oso*, nos adjectivos, exprime muitas vezes a propriedade, a força, a tendencia, a propensão natural: assim chamamos *rixoso*, *estudioso*, *amoroso* &c. o homem que he dado a rixas, que he inclinado aos estudos, que tem propensão para os sentimentos de amor &c. (vej. o art. CXIV.)

A terminação em *undo* exprime abundancia, profusão, excesso, talvez frequencia, profundeza &c: assim dizemos *venerabundo*, o que faz demonstrações de profundo respeito; *furibundo* o que mostra excesso de furor; *rubicundo* o que mos-

tra grande vermelhidão, vermelhidão ardente &c.

A terminação em *ado*, nos participios perfeitos dos verbos, exprime o *estado actual passivo* do sujeito; a existencia do attributo no sujeito no tempo, ou época, de que se falla &c. assim em *amado*, *enfeitado*, *estimado* &c.

Iroso pois he propriamente o homem inclinado á ira; que tem, de sua condição, e como por natureza, facilidade de deixar-se possuir desta paixão; que he propenso a irar-se, &c.

Iracundo he o homem excessivamente *iroso*; que abunda (por assim dizer) nesta paixão; que he violentamente dominado della; cujas iras são frequentes, talvez arrebatadas, impetuosas &c.

Irado he o homem, que actualmente está tomado da ira.

Iroso, e *iracundo* designão a paixão, o habito da ira: *irado* designa o estado actual do sujeito: por onde, pode hum homem estar *irado*, sem ser *iroso*, nem *iracundo*; e pode ter esta paixão, estando actualmente de animo quieto, e tranquillo.

CCVI. *Fraco — Debil.*

Fraqueza quer dizer *falta de forças*: *debilidade* quer dizer *decadencia de forças*.

Fraco he o que não tem forças, ou tem poucas; o que não tem bastante consistencia; o que

facilmente quebra, ou se rende &c. (*do lat. frang-o, frag-ilis, frac-tus* &c.)

Debil he o que tem decahido de forças; o que as tem gastadas, ou diminuidas; o que tem perdido o vigor &c. (do lat. *de*, que exprime a perda de huma qualidade, ou a sua diminuição, e decadencia, como em *de-crescer*, *de-dignar-se*, *de-generar*, *de-molir* &c.; e da terminação *abilis*, que exprime aptidão, capacidade, faculdade &c. Vej. os art. CXV. e CXXXV.)

Os orgãos delicados de hum menino fazem que elle seja *fraco*: os orgãos gastados de hum velho fazem que elle seja *debil*.

Chamamos *fraco*, e não *debil* o homem que não tem valentia, nem valor; e tambem o que não tem animo forte e varonil para sopportar os males da vida; nem firmeza de caracter para resistir á força estranha, de que o querem impressionar &c.

Quem he de constituição *fraca* deve evitar o exercicio immoderado, que até *debilita* o homem forte e robusto &c.

CCVII. *Furto — Roubo — Rapina — Latrocinio.*

Furto he o acto de tomar o alheio, com animo de o reter e possuir contra a vontade de seu dono.

Roubo he o *furto* feito com violencia e for-

ça: o *furto* do ladrão publico. *Leão*, Orig. fol. 39 diz: *a acção do ladrão publico chamão* roubo; *a do ladrão secreto*, furto.

Rapina he o *roubo* do salteador, *gente* (diz Barros) *que vive de* saltos e rapina: donde vem chamarem-se aves de *rapina* as que cahem de improviso, e como de salto, sobre outras aves, ou animaes, de cujas carnes se alimentão.

Latrocinio he *roubo*, ou *rapina* com morte do roubado.

Ha inda outras especies de *furto*, cujos nomes particulares se não podem confundir com os que aqui vão definidos. Taes são o *peculato*, *furto* de dinheiros publicos feito por quem tem a administração, e manejo delles: o *stellionato*, *furto* fraudulento, *furto* do bulrão, e illiçador &c: o *plagio*, *furto* pelo qual alguem appropria a si o que se acha nas obras litterarias de outrem: o *rapto*, *roubo* de mulher; *roubo* de pessoas &c.

CCVIII. *Dotes — Prendas.*

Dotes parece ser vocabulo proprio para significar certas qualidades, que se estimão e prezão na sociedade, e de que o homem he *dotado* pela natureza.

Prendas parece que se refere mais particularmente a certas outras qualidades estimaveis, que o

homem adquire pelo seu estudo, industria, trabalho, ou applicação.

A formosura, a boa voz, a discrição, o bom juizo, o agrado natural, a affabilidade, &c. são *dotes*.

As artes de escrever, desenhar, pintar, dançar, esgrimir, tocar instrumentos, &c. são *prendas*.

Dotes diz relação ao latim *do*, ou *dono* (dar, doar): *prendas*, ao latim *prendo*, ou *prehendo* (tomar, haver a si &c.)

CCIX. *Criar — Produzir — Gerar.*

No sentido fysico não he difficil conhecer a differença que ha entre estes vocabulos.

Criar he propriamente tirar alguma cousa do nada; dar-lhe todo o ser. *Produzir* he trazer fóra; fazer apparecer o que d'antes não existia, ou se não via, tirando-o de outra cousa já existente. *Gerar* he *produzir* por geração; produzir hum ser semelhante ao gérador.

Deos *criou* o mundo, e pode *criar* muitos outros. A terra *produz* plantas. O animal *géra* outros animaes da mesma especie.

Analogamente se podem empregar, e distinguir estes vocabulos no sentido figurado.

Cria-se o que d'antes não existia de modo

algum, ou parecia não existir, por se não conhecerem os seus elementos e principios. Hum sabio *cria* qualquer sciencia, ou ramo de conhecimentos, de que d'antes se não havia tratado. Lock parece ter sido nos tempos modernos o primeiro *criador* da Ideologia.

Produz-se aquillo, de que já existião os elementos, mas ainda não combinados de maneira que apparecesse essa cousa nova, que se *produz*. Todos os escritores *produzem* obras de differente merecimento, quando combinão a seu modo os elementos das sciencias, e tratão algum ramo dellas por hum methodo seu proprio. Os *productos* das artes não são mais que combinações differentes dos materiaes, que cada huma dellas emprega &c.

Gera-se, quando se *produz* huma cousa semelhante ao principio *gérador*. Hum erro *géra* outros erros: os vicios *gerão* outros vicios: o orgulho, por ex., *gera* a altivez, a arrogancia &c. a vaidade gera a affectação &c. &c.

CCX. *Honra — Decóro — Dignidade.*

Tem *honra* o homem, que constantemente, e por hum sentimento habitual, procura alcançar a estima, boa opinião, e louvor dos outros homens, e trabalha pelo merecer, não só cumprindo exactamente todos os seus deveres, mas tambem aspiran-

do ao primor da virtude pela prática das acções, que procedem de hum animo nobre e generoso.

Tem *decóro* o homem, que nas acções indifferentes procura constantemente conformar-se com as opiniões, gostos, sentimentos, e práticas da sociedade, guardando em tudo o que convêm, e he decente, e não afrontando os usos geralmente estabelecidos e praticados pelas pessoas discretas, e sizudas.

Tem *dignidade* o homem, que constantemente trabalha por conformar as suas acções com as justas idêas da nobreza e elevação do ser racional, e com a gravidade e importancia de seus publicos empregos, ou da sua graduação na ordem social.

O sentimento da *honra* nasce de hum bem entendido amor de nós mesmos, e nos leva directamente á virtude, e ás acções generosas, como unico meio de alcançarmos a estima, boa opinião, e louvor dos outros homens.

O sentimento do *decóro* nasce do respeito que temos á sociedade, e leva-nos á cuidadosa observancia de tudo o que he decente, de tudo o que convêm, e de tudo o que he agradavel aos nossos concidadãos, nas cousas que não são reguladas pelas leis.

O sentimento da *dignidade* nasce da justa idêa, que fazemos da nobreza do nosso ser, e da graduação do lugar, ou dos empregos, que occupamos na ordem social; e nos afasta de toda e qual-

quer acção, que desdiga da primeira, ou possa deslustrar a segunda.

CCXI. *Cortezia — Cortezania.*

Ter *cortezia* he praticar as demonstrações externas de respeito, comedimento, e bom modo, para com os superiores, iguaes, e inferiores, guardando nesta materia o que prescreve o uso das pessoas bem educadas.

Ter *cortezania* he praticar as civilidades da côrte, o requinte da *cortezia*, segundo os usos, estilos, e maneiras mais apuradas dos que frequentão a côrte.

O primeiro he proprio do homem *cortez*: o segundo he proprio do *cortezão*.

CCXII. *Formoso — Gentil — Galante.*

Formoso he tudo aquillo, cujas fórmas são regulares, e ordenadas com justa proporção. Diz-se dos homens, dos animaes, e das cousas inanimadas, v. g. *formoso* homem, *formoso* cavallo, *formoso* edificio, cidade *formosa* &c.

Gentil quer dizer *formoso* senhorilmente, *formoso* nobremente, isto he, cujas fórmas, alêm de regulares, e bem proporcionadas, são graciosas, delicadas, elegantes, primorosas &c. Diz-se com

mais propriedade, fallando do homem, ou das suas cousas, e acções, v. g. rosto *gentil*, figura *gentil*, costumes *gentis* &c., e d'aqui vem *gentileza* em armas, i. e. nobre feito de armas; fazer *gentilezas*, i. e. fazer acções proprias de hum coração nobre &c.

Galante refere-se ao gosto, concerto, graça e ornato dos trajos, do aceio &c. Cousa *galante*, quer dizer, bem ornada, ataviada com gosto, engraçada; donde vem *galante*, i. e. namorado, que pretende agradar ás damas com aceios exquisitos, talvez com ditos engraçados &c.

CCXIII. *Gêlo — Geada — Saraiva — Neve.*

Cada hum destes vocabulos exprime huma das differentes fórmas, em que se observa o fenomeno da agoa *congelada*, i. e. privada do calorico, que entretinha a mobilidade das suas particulas.

Quando huma porção de agoa se reduz a estado solido, e fórma huma como massa vitrificada, chama-se *gêlo*.

Quando a agoa cahe da atmosféra em orvalho, i. e. em miudissimas gôtas, e estas se congelão sobre a terra por causa do esfriamento da mesma terra, chama-se *geada*.

Quando a agoa se congela na atmosféra em gotas mais grossas, e graúdas, e calie nesta fór-

ma sobre a terra, como chuva, chama-se *saraiva*.

Finalmente quando a agoa se congela na atmosféra, e cahe sobre a terra em floccos, separados huns dos outros, e de huma alvura, que deslumbra os olhos, chama-se *neve*.

CCXIV. *Legitimo — Legal.*

Legitimo he tudo aquillo que confórma com a ordem da natureza, com a razão, e com as leis. He termo mui generico, e tem lugar na linguagem da filosofia, da moral, da jurisprudencia &c. Em fysica he *legitimo* ouro, *legitima* prata, *legitimo* diamante o que tem a propria natureza destas substancias, o que não he contrafeito, nem adulterado. Em logica he *legitimo* o raciocinio, quando os principios são verdadeiros, e a consequencia *legitimamente* deduzida, i. e. segundo as regras. Em moral são *legitimas* as acções que conformão com a razão, e equidade, e a justiça universal: he *legitimo* o uso que fazemos das nossas faculdades, quando esse uso he conforme aos intuitos da natureza, e regulado pela razão. Em jurisprudencia são *legitimas* todas as acções, ou ommissões, que as leis ordenão &c.

Legal he vocabulo de significação muito mais restricta; tem mais particular uso na linguagem da jurisprudencia positiva, e parece referir-se a tudo

o que se faz, ou obra segundo o que está determinado nas leis humanas, i. e. guardando as solemnidades, formalidades, ou condições, que ellas prescrevem.

Hum titulo he *legal*, quando está authenticado na forma que a lei ordena: hum testamento he *legal*, quando foi feito com as solemnidades da lei: huma prova he *legal*, quando nella se achão verificadas todas as condições, que a lei requer &c. &c.

O que se faz, ou obra segundo o que está determinado nas leis humanas, i. e. guardando as solemnidades, formalidades, ou condições, que ellas prescrevem.

Hum titulo he legal, quando está authenticado na forma que a lei ordena: hum testamento he legal, quando foi feito com as solemnidades da lei: huma prova he legal, quando nella se acham verificadas todas as condições, que a lei requer &c. &c.

INDICE

DOS ARTIGOS.

ABrogar. Derogar. Antiquar. Art. CIV.
Absolver. Remittir. Perdoar. CXLIII.
Abundante. Abundoso. CXIV.
Acabar (activ.) *Cessar. Descontinuar.* CIX.
Acabar (neutr.) *Fenecer. Perecer. Morrer. Finar-se. Falecer.* LII.
Acção. Acto. CIII.
Achar. Descobrir. Inventar. CXLVII.
Acordar. Despertar. CLXXVIII.
Adjectivo. Epitheto. CXXIX.
Affectos. Paixões. XXX.
Affirmar. Assegurar. Confirmar. LXI.
Afortunado. Ditoso. Feliz. LXXX.
Aguardar. Esperar. XXI.
Ajuntar. Unir. Colligir. CLXXIX.
Altura. Alteza. XLIX.
Alvedrio. Liberdade. CXIII.
Amarellecer. Empallidecer. LVII.
Amor de si. Amor proprio. Egoismo. CXCIII.
Annuo. Annual. CLVI.
Antecipado. Prematuro. LXII.

Apartar. Separar. Afastar. Arredar. CXCVIII.
Apressado. Apressurado. LIX.
Arder. Inflammar-se. Incendiar-se. Abrazar-se. Queimar-se. CLXII.
Atéqui. Atégora. XXXV.
Atrás. Apôs. Depois. CLXXI.
Attracção. Gravidade. Gravitação. Affinidade. XCIII.
Aventurar. Arriscar. CXII.
Bastante. Sufficiente. CCIV.
Beiços. Labios. CXXV.
Benevolencia. Bemquerença. LXX.
Benevolencia. Beneficencia. LXIX.
Bens livres. Bens allodiaes. CXCVII.
Borda. Margem. Ribeira. Praia. Cósta. CLXXX.
Branco. Alvo. Candido. X.
Breve. Curto. CXXI.
Cara. Rosto. Semblante. Face. Vulto. XXII.
Castidade. Pudicicia. Continencia. Virgindade. Pureza. XXXVII.
Caução. Penhor. Hypotheca. Fiança. CL.
Chamma. Flamma. Labareda. CLXIV.
Cheiroso. Odorifero. CLXVIII.
Chorar. Prantear. Lamentar-se. Carpir-se. XXIX.
Civilizado. Policiado. Polido. CLXVI.

Clarão. Claridade. Esplendor. LXXXI.
Clareza. Perspicuidade. LXXXIII.
Claridade. Clareza. LXXXII.
Começo. Principio. Exordio. CXLV.
Complacencia. Deferencia. Condescendencia. LVI.
Concorde. Conforme. CI.
Conjuração. Conspiração. LXXXV.
Contiguo. Proximo. Visinho. Confine. LXXIX.
Continuação. Continuidade. XLIII.
Continuado. Continuo. XLIV.
Convém. Importa. Reléva. Cumpre. XXXIV.
Convicção. Persuasão. II.
Côr. Colorido. CLIX.
Coragem. Valor. Bravura. Intrepidez. Hardimento. Heroismo. CLXV.
Cortezia. Cortezania. CCXI.
Costumar. Soer. Estar affeito. CV.
Crescer. Augmentar-se. CX.
Criar. Produzir. Gerar. CCIX.
Delgado. Fino. CLXXXV.
Deshonesto. Obsceno. CVI.
Desnaturado. Desnaturalizado. LXXVII.
Desnecessario. Inutil. Escusado. Superfluo. C.
Desterrar. Exterminar. Degradar. LXXIV.
Diario. Diurno. CLXXXVIII.
Diccionario. Vocabulario. Glossario. LXV.

Distincção. Differença. Diversidade. XXXVIII.
Documento. Monumento. VII.
Dotes. Prendas. CCVIII.
E'mulo. Competidor. Rival. CXXXVIII.
Enfeites. Affeites. CLXXXIV.
Enganar. Embair. Seduzir. Illudir. CXIX.
Enunciar. Exprimir. CXXXIII.
Erro. Illusão. Allucinação. CXXIV.
Espada. Gladio. CLIII.
Esposo. Marido. XIV.
Estar certo. Estar seguro. CLII.
Extraordinario. Singular. XL.
Fartura. Saciedade. CLX.
Fastos. Annaes. Chronica. XXV.
Fecundo. Fertil. CXXVIII.
Figura. Fórma. CXX.
Firmeza. Constancia. XXIII.
Folga. Folguedo. XCI.
Formoso. Gentil. Galante. CCXII.
Fraco. Debil. CCVI.
Frota. Armada. XLVIII.
Fulgurante. Fulminante. CLXXIII.
Futil. Frivolo. CXLVI.
Furto. Roubo. Rapina. Latrocinio. CCVII.
Gabar. Louvar. LXXXIX.
Gelo. Geada. Saraiva. Neve. CCXIII.
Geral. Universal. LXVIII.
Gosto. Sabor. LIV.

Gravidade. Pezo. XCIV.
Guiar. Dirigir. Conduzir. Levar. CXCVI.
Hir. Andar. Caminhar. Marchar. CLXXVI.
Historia Universal. Historia Geral. XXVI.
Homem. Varão. I.
Honra. Decôro. Dignidade. CCX.
Immune. Isento. Immunidade. Isenção. CXL.
Incerteza. Indecisão. Irresolução. Perplexidade. LXXIII.
Inclinação. Propensão. XXVIII.
Incognito. Desconhecido. CXV.
Indole. Genio. Natural. CXCI.
Infante. Minino. Criança. CXVIII.
Infidelidade. Perfidia. Deslealdade. Traição. Aleivosia. L.
Impugnar. Propugnar. CXXXVII.
Imprevisto. Inesperado. Inopinado. LXXI.
Inteiro. Inflexivel. Inexoravel. CLXXXIX.
Interno. Interior. Intimo. CXCV.
Inveja. Ciume. XVII.
Iroso. Iracundo. Irado. CCV.
Juramento. Jura. CXCV.
Justificação. Apologia. CXXIII.
Juventude. Mocidade. CII.
Largura. Largueza. LXVI.
Ledice. Alegria. Jubilo. Exultação. CLVII.
Legitimo. Legal. CCXIV.
Liberalidade. Generosidade. XXXI.

Limar. Polir. Brunir. CLVIII.
Linguagem. Lingua. Idioma. Dialecto. CXXXIV.
Lisongear. Adular. XCVIII.
Lisonja. Lisonjaria. CXLIX.
Livraria. Bibliotheca. CC.
Lume. Fogo. CLXIII.
Mau grado. A pezar. A despeito. Não obstante. Sem embargo. CXXVII.
Moça. Donzella. Rapariga. XCIX.
Momento. Instante. LXIV.
Morte. Passamento. Transito. Fallecimento. XLI.
Movel. Movediço. LXXXIV.
Muito. Sobejamente. LI.
Mulher. Dona. Dama. Matrona. XIII.
Mundo. Universo. XCVII.
Mutuo. Reciproco. XXVII.
Na verdade. Na realidade. CLXXII.
Negligente. Priguiçoso. Indolente. Inerte. LXXV.
Novo. Recente. LXXXVI.
Nunca. Jámais. CLXXVII.
Nutrir. Alimentar. Sustentar. CXCIX.
Obrigação. Dever. XCV.
Observancia. Observação. XXXIII.
Occasião. Opportunidade. Conjuncção. Azo. XV.

O homem. Os homens. CXXVI.
Olfato. Cheiro. LXXXVIII.
Olhar. Ver. Esguardar. Avistar. Euxergar. Lobrigar. Divisar. CLV.
Onda. Vaga. XCII.
Opaco. Sombrio. CLIV.
O por vir. O futuro. LX.
Oppugnar. Expugnar. CXXXVI.
Ordir. Tramar. Tecer. Maquinar. CVII.
Orgulho. Vaidade. Presumpção. Vangloria. CXXXIX.
Outro. Outrem. VI.
Ouvir. Escutar. CXXXI.
Palavra. Vocabulo. Termo. Expressão. VIII.
Para. A fim. LXVII.
Paralogismo. Sofisma. XX.
Paternal. Paterno. XXXVI.
Peccado. Delicto. Crime. Falta. Culpa. CCIII.
Pedir desculpa. Pedir perdão. XXXII.
Pedir. Orar. Exorar. Rogar. Supplicar. Implorar. Obsecrar. Demandar. Requerer. Exibir. CXVI.
Perfeito. Completo. CLXI.
Pobreza. Indigencia. Penuria. Inopia. CLXXIV.
Postulado. Axioma. CXXX.
Postura. Geito. Attitude. CLI.
Povo. Plebe. Vulgo. CLXXXIII.
Precisão. Abstracção. IX.

Preciso. Succinto. Conciso. LXXXVII.
Predizer. Profetizar. Vaticinar. Prognosticar. Presagiar. Agourar. Adivinhar. CXCIV.
Preferir. Escolher. LVIII.
Premio. Galardão. CCII.
Prenhe. Gravida. Pejada. LXXVI.
Primeiro. Primitivo. Primévo. CLXVII.
Preoccupação. Prevenção. XLVI.
Prudencia. Discrição. Circunspecção. CLXXXVI.
Publicar. Promulgar. Divulgar. CCI.
Publico. Commum. CXC.
Quietação. Repouzo. Descanço. Tranquilidade. Socego. Paz. Serenidade. V.
Realizar. Verificar. XCVI.
Reconhecimento. Gratidão. CVIII.
Rei. Monarca. Principe. Potentado. Imperador. XVI.
Respeito. Deferencia. Reverencia. Veneração. Acatamento. XC.
Riqueza. Opulencia. XLVII.
Ronda. Patrulha. XIX.
Scepticismo. Pyrrhonismo. XII.
Seara. Mésse. CXLI.
Sécco. Arido. XLII.
Segurança. Seguridade. XVIII.
Semelhança. Analogia. CXXII.
Severidade. Rigor. CIXXXI.

Sempre. Continuamente. LXXII.
Sinal. Indicio. Mostra. CXLVIII.
Sociavel. Social. CXXXV.
Sofrer. Soportar. Aturar. Tolerar. XLV.
Som. Tom. CLXXV.
Superioridade. Auctoridade. Poder. Soberania. Dominio. CXVII.
Supposição. Hypothese. XXIV.
Symbolo. Emblema. Divisa. Empreza. Tenção. LIII.
Systema. Theoria. CXLIV.
Tomar. Receber. Aceitar. CXI.
Templo. Igreja. Basilica. LXIII.
Transpiração. Suor. CLXXXII.
Ultimo. Derradeiro. XXXIX.
Usura. Onzena. CXLII.
Valor. Estimação. Preço. CLXX.
Variação. Variedade. XI.
Velho. Ancião. IV.
Velho. Antigo. III.
Velho. Envelhecido. Envelhentado. CXXXII.
Verão. Estio. LV.
Veste. Vestido. Vestidura. Vestimenta. Trajo. CLXIX.
Victoria. Triunfo. LXXVIII.
Voz. Brado. Grito. Clamor. CLXXXVII.

INDICE

DOS VOCABULOS.

Abrazar-se CLXII.
Abrogar CIV.
Absolver CXLIII.
Abstracção IX.
Abundante CXIV.
Abundoso CXIV.
Acabar (act.) CIX.
Acabar (neutr.) LII.
Acatamento XC.
Acção CIII.
Aceitar CXI.
Achar CXLVII.
Acordar CLXXVIII.
Acto CIII.
A despeito CXXVII.
Adjectivo CXXIX.
Adivinhar CXCIV.
Adular XCVIII.
Afastar CXCVIII.
Affectos XXX.
Affeites CLXXXIV.
Affinidade XCIII.
Affirmar LXI.
A fim LXVII.
Afortunado LXXX.
Aguardar XXI.
Agourar CXCIV.
Ajuntar CLXXIX.
Aleivosia L.
Alegria CLVII.
Alimentar CXCIX.
Allucinação. CXXIV.
Alteza XLIX.
Altura XLIX.
Alvedrio. CXIII.
Alvo X.
Amante CXIV.
Amarellecer LVII.

Amor proprio CXCIII.
Amor de si CXCIII.
Amoroso CXIV.
Analogia CXXII.
Ancião IV.
Andar CLXXVI.
Annaes XXV.
Annual CLVI.
Annuo CLVI.
Antecipado LXII.
Antigo III.
Antiquar CIV.
Apartar CXCVIII.
A pezar CXXVII.
Apologia CXXIII.
Após CLXXI.
Apressado LIX.
Apressurado LIX.
Arredar CXCVIII.
Arder CLXII.
A'rido XLII.
Armada XLVIII.
Arriscar CXII.
Assegurar LXI.
Até agora XXXV.
Até aqui XXXV.
Atrás CLXXI.
Attitude CLI.
Attracção XCIII.
Aturar XLV.
Auctoridade. CXVII.
Augmentar-se CX.
Aventurar CXII.
Avistar CLV.
Axioma CXXX.
Azo XV.
Basilica LXIII.
Bastante CCIV.
Beiços CXXV.
Bens allodiaes CXCVII.
Bens livres CXCVII.
Bemquerença LXX.
Beneficencia LXIX.
Benevolencia LXIX, LXX.
Bibliotheca CC.
Bórda CLXXX.
Brado CLXXXVII.
Branco X.
Bravura CLXV.
Breve CXXI.
Brunir CLVIII.
Caminhar CLXXVI.
Candido X.
Cara XXII.
Carpir-se XXIX.

Castidade XXXVII.
Caução CL.
Cessar CIX.
Chamma CLXIV.
Cheiro LXXXVIII.
Cheiroso CLXVIII.
Chorar XXIX.
Chronica XXV.
Circumspecção CLXXXVI.
Ciume XVII.
Civilisado CLXVI.
Clamor CLXXXVII.
Clarão LXXXI.
Clareza LXXXII, LXXXIII.
Claridade LXXXI, LXXXII.
Colligir CLXXIX.
Colorido CLIX.
Começo CXLV.
Commum CXC.
Competidor CXXXVIII.
Complacencia LVI.
Completo CLXI.
Conciso LXXXVII.
Concorde CI.
Condescendencia LVI.
Conduzir CXCVI.
Confine LXXIX.
Confirmar LXI.
Conforme CI.
Conjuncção XV.
Conjuração LXXXV.
Conspiração LXXXV.
Contiguo LXXIX.
Continencia XXXVII.
Continuação XLIII.
Continuado XLIV.
Continuamente LXXII.
Continuidade XLIII.
Continuo XLIV.
Convém XXXIV.
Convicção II.
Côr CLIX.
Coragem CLXV.
Cortezania CCXI.
Cortezia CCXI.
Cósta CLXXX.
Costumar CV.
Crescer CX.
Criança CXVIII.
Criar CCIX.
Crime CCIII.
Culpa CCIII.
Cumpre XXXIV.

Curto CXXI.
Dama XIII.
Debil CCVI.
Decóro CCX.
Deferencia LVI, XC.
Degradar LXXIV.
Delgado CLXXXV.
Delicto CCIII.
Demandar CXVI.
Depois CLXXI.
Derogar CIV.
Derradeiro XXXIX.
Desanimado CXV.
Descanço V.
Descobrir CXLVII.
Desconhecido CXV.
Descontinuar CIX.
Desculpado CXV.
Deshabitado CXV.
Deshonesto CVI.
Deslealdade L.
Desnaturado LXXVII.
Desnaturalizado LXXVII.
Despertar CLXXVIII.
Desterrar LXXIV.
Dever XCV.
Dialecto CXXXIV.
Diario CLXXXVIII.
Diccionario LXV.
Differença XXXVIII.
Dignidade CCX.
Dirigir CXCVI.
Discrição CLXXXVI.
Disforme CXV.
Distincção XXXVIII.
Ditoso LXXX.
Diversidade XXXVIII.
Divisa LIII.
Divisar CLV.
Divulgar CCI.
Diurno CLXXXVIII.
Documento VII.
Dominio CXVII.
Dona XIII.
Donzella XCIX.
Dotes CCVIII.
Egoismo CXCIII.
Embair CXIX.
Emblema LIII.
Empallidecer LVII.
Empreza LIII.
E'mulo CXXXVIII.
Enfeites CLXXXIV.
Enganar CXIX.
Enunciar CXXXIII.

Envelhecido CXXXII.
Envelhentado CXXXII.
Enxergar CLV.
Epitheto CXXIX.
Erro CXXIV.
Escolher LVIII.
Escusado C.
Escutar CXXXI.
Esguardar CLV.
Espada CLIII.
Esperar XXI.
Esplendor LXXXI.
Esposo XIV.
Estar affeito CV.
Estar certo CLII.
Estar seguro CLII.
Estimação CLXX.
Estío LV.
Estudante CXIV.
Estudioso CXIV.
Exigir CXVI.
Exorar CXVI.
Exordio CXLV.
Expressão VIII.
Exprimir CXXXIII.
Expugnar CXXXVI.
Exterminar LXXIV.
Extraordinario XL.
Exultação CLVII.
Face XXII.
Falecer LII.
Falecimento. XLI.
Falta CCIII.
Fartura CLX.
Fastos XXV.
Fecundo CXXVIII.
Feliz LXXX.
Fenecer LII.
Fertil CXXVIII.
Fiança CL.
Figura CXX.
Finar-se LII.
Fino CLXXXV.
Firmeza XXIII.
Flamma CLXIV.
Fogo CLXIII.
Folga XCI.
Folguedo XCI.
Fórma CXX.
Formoso CCXII.
Franco CCVI.
Frivolo CXLVI.
Frota XLVIII.
Fulgurante CLXXIII.
Fulminante CLXXIII.
Furto CCVII.

Futil CXLVI.
Futuro LX.
Gabar LXXXIX.
Galante CCXII.
Galardão CCII.
Geada CCXIII.
Geito CLI.
Gelo CCXIII.
Generosidade XXXI.
Genio CXCI.
Gentil CCXII.
Geral LXVIII.
Gerar CCIX.
Gladio CLIII.
Glossario LXV.
Gosto LIV.
Gratidão CVIII.
Grávida LXXVI.
Gravidade XCIII, XCIV.
Gravitação XCIII.
Grito CLXXXVII.
Guiar CXCVI.
Hardimento CLXV.
Heroismo CLXV.
Hir CLXXVI.
Historia geral XXVI.
Historia universal XXVI.
Homem I.
Honra CCX.
Hypotheca CL.
Hypothese XXIV.
Idioma CXXXIV.
Igreja LXIII.
Illudir CXIX.
Illusão CXXIV.
Immune CXL.
Immunidade CXL.
Imperador XVI.
Implorar CXVI.
Importa XXXIV.
Imprevisto LXXI.
Impugnar CXXXVII.
Inanimado CXV.
Incendiar-se CLXII.
Incerteza LXXIII.
Inclinação XXVIII.
Incognito CXV.
Inculpado CXV.
Indecisão LXXIII.
Indemnidade CIII.
Indemnisação CIII.
Indicio CXLVIII.
Indigencia CLXXIV.
Indole CXCI.

Indolente LXXV.
Inerte LXXV.
Inesperado LXXI.
Inexoravel CLXXXIX.
Infante CXVIII.
Infidelidade L.
Inflammar-se CLXII.
Inflexivel CLXXXIX.
Informe CXV.
Inhabitado CXV.
Inopia CLXXIV.
Inopinado LXXI.
Instante LXIV.
Inteiro CLXXXIX.
Interior CLXXXV.
Interno CLXXXV.
Intimo CLXXXV.
Intrepidez CLXV.
Inutil C.
Inveja XVII.
Inventar CXLVII.
Iracundo CCV.
Irado CCV.
Iroso CCV.
Irresolução LXXIII.
Izenção CXL.
Izento CXL.
Jámais CLXXVII.
Jubilo CLVII.
Jura CXCII.
Juramento CXCII.
Justificação CXXIII.
Juventude CII
Labareda CLXIV
Labios CXXV.
Lamentar-se XXIX.
Largueza LXVI.
Largura LXVI.
Latrocinio CCVII.
Ledice CLVII.
Legal CCXIV.
Legitimo CCXIV.
Levar CLXXXVI.
Liberalidade XXXI.
Liberdade CXIII.
Limar CLVIII.
Lingua CXXXIV.
Linguagem CXXXIV.
Lisongear XCVIII.
Lisonja CXLIX.
Lisonjaria CXLIX.
Livraria CC.
Lobrigar CLV.
Louvar LXXXIX.
Lume CLXIII.
Maquinar CVII.

Marchar CLXXVI.
Margem CLXXX.
Marido XIV.
Matrona XIII.
Mau-grado CXXVII.
Messe CXLI.
Minino CXVIII.
Moça XCIX.
Moção CIII.
Mocidade CII.
Momento LXIV.
Monarca XVI.
Monumento VII.
Morrer LII.
Morte XLI.
Mostra CXLVIII.
Movediço LXXXIV.
Movel LXXXIV.
Movimento CIII.
Muito LI.
Mulher XIII.
Mundo XCVII.
Mutuo XXVII.
Não obstante CXXVII.
Na realidade CLXXII.
Natural CXCI.
Na verdade CLXXII.
Negligente LXXV.
Negociante CXIV.
Negocioso CXIV.
Nenhum VI.
Neve CCXIII.
Ninguem VI.
Novo LXXXVI.
Nunca CLXXVII.
Nutrir CXCIX.
Oblação CVIII.
Obrigação XCV.
Obsceno CVI.
Obsecrar CXVI.
Observação XXXIII.
Observancia XXXIII.
Occasião XV.
Odorifero CLXVIII.
Offerenda CIII.
O futuro LX.
O homem CXXVI.
Os homens CXXVI.
Olfato LXXXVIII.
Olhar CLV.
Onda XCII.
Onzena CXLII.
Opaco CLIV.
Oportunidade XV.
O por vir LX.
Oppugnar CXXXVI.

Opulencia XLVII.
Orar CXVI.
Ordir CVII.
Orgulho CXXXIX.
Outrem VI.
Outro VI.
Ouvir CXXXI.
Paixões XXX.
Palavra VIII.
Para LXVII.
Paralogismo XX.
Passamento XLI.
Paternal XXXVI.
Paterno XXXVI.
Patrulha XIX.
Paz V.
Peccado CCIII.
Pedir CXVI.
Pedir desculpa XXXII.
Pedir perdão XXXII.
Pejada LXXVI.
Penhor CL.
Penuria CLXXIV.
Perdoar CXLIII.
Perecer LII.
Perfeito CLXI.
Perfidia L.
Perplexidade LXXIII.
Perspicuidade LXXXIII.
Persuasão II.
Pezo XCIV.
Plebe CLXXXIII.
Pobreza CLXXIV.
Poder CXVII.
Policiado CLXVI.
Polido CLXVI.
Polir CLXVI.
Por vir (O) LX.
Postulado CXXX.
Postura CLI.
Potentado XVI.
Povo CLXXXIII.
Praia CLXXX.
Prantear XXIX.
Precisão IX.
Preciso LXXXVII.
Preço CLXX.
Predizer CXCIV.
Preferir LVIII.
Prematuro LXII.
Premio CCII.
Prendas CCVIII.
Prenhe LXXVI.
Preoccupação XLVI.
Presagiar CXCIV.

Presumpção CXXXIX.
Prevenção XLVI.
Priguiçoso LXXV.
Primeiro CLXVII.
Primévo CLXVII.
Primitivo CLXVII.
Principe XVI.
Principio CXLV.
Produzir CCIX.
Profetizar CXCIV.
Prognosticar CXCIV.
Promulgar CCI.
Propensão XXVIII.
Propugnar CXXXVII.
Proximo LXXIX.
Prudencia CLXXXIV.
Publicar CCI.
Publico CXC.
Pudicicia XXXVII.
Pureza XXXVII.
Pyrrhonismo XII.
Queimar-se CLXII.
Quietação V.
Radiante CXIV.
Radioso CXIV.
Rapariga XCIX.
Rapina CCVII.
Realidade (Na) CLXXII.
Realizar XCVI.
Receber CXI.
Recente LXXXVI.
Reciproco XXVII.
Reconhecimento CVIII.
Reforma CIII.
Reformação CIII.
Rei XVI.
Releva XXXIV.
Remittir CXLIII.
Repouso V.
Requerer CXVI.
Respeito XC.
Reverencia XC.
Ribeira CLXXX.
Rigor CLXXXI.
Riqueza XLVII.
Rival CXXXVIII.
Rogar CXVI.
Ronda XIX.
Rosto XXII.
Roubo CCVII.
Sabor LIV.
Saciedade CLX.
Saraiva CCXIII.
Scepticismo XII.
Seara CXLI.

Sécco	XLII.	*Supplicar*	CXVI.
Seduzir	CXIX.	*Supposição*	XXIV.
Segurança	XVIII.	*Sustentar*	CXCIX.
Seguridade	XVIII.	*Symbolo*	LIII.
Semblante	XXII.	*Systema*	CXLIV.
Semelhança	CXXII.	*Tecer*	CVII.
Sem embargo	CXXVII.	*Templo*	LXIII.
Sempre	LXXII.	*Tenção*	LIII.
Separar	CXCVIII.	*Termo*	VIII.
Serenidade	V.	*Theoria*	CXLIV.
Severidade	CLXXXI.	*Tolerar*	XLV.
Sinal	CXLVIII.	*Tom*	CLXXV.
Singular	XL.	*Tomar*	CXI.
Soberania	CXVII.	*Traição*	L.
Socego	V.	*Tramar*	CVII.
Social	CXXXV.	*Tranquillidade*	V.
Sociavel	CXXXV.	*Transito*	XLI.
Soêr	CV.	*Transpiração*	CLXXXII.
Sofisma	XX.	*Triunfo*	LXXVIII.
Sofrer	XLV.	*Ultimo*	XXXIX.
Som	CLXXV.	*Unir*	CLXXIX.
Sombrio	CLIV.	*Universal*	LXVIII.
Soportar	XLV.	*Universo*	XCVII.
Succinto	LXXXVII.	*Usura*	CXLII.
Sufficiente	CCIV.	*Vaga*	XCII.
Suor	CLXXXII.	*Vaidade*	CXXXIX.
Snperfluo	C.	*Valor*	CLXV.
Snperioridade	CXVII.		

Valor CLXX.
Vangloria CXXXIX.
Varão I.
Variação XI.
Variedade XI.
Vaticinar CXCIV.
Velho III.
Velho IV.
Velho CXXXII.
Veneração XC.
Ver CLV.
Verão LV.
Verdade (*Na*) CLXXII.
Verificar XCVI.
Veste CLXIX.
Vestido CLXIX.
Vestidura CLXIX.
Vestimenta CLXIX.
Victoria LXXVIII.
Virgindade XXXVII.
Vinho LXXIX.
Vocabulario LXV.
Vocabulo VIII.
Voz CLXXXV.
Vulgo CLXXXIII.
Vulto XXII.

CATALOGO

Das Obras impressas, e mandadas publicar pela Academia Real das Sciencias de Lisboa; com os preços, por que cada uma dellas se vende brochada.

I. BREVES Instrucções aos Correspondentes da Academia, sobre as remessas dos productos naturaes, para formar um Museu Nacional, *folheto* em 8.° 120

II. Memorias sobre o modo de aperfeiçoar a Manufactura do Azeite em Portugal, remettidas á Academia por João Antonio Dalla Bella, Socio da mesma, 1 vol. em 4.° . . . 480

III. Memorias sobre a Cultura das Oliveiras em Portugal, pelo mesmo. *Segunda Edição accrescentada pelo Socio da Academia* Sebastião Francisco de Mendo Trigozo, 1 vol. em 4.° 480

IV. Memorias de Agricultura premiadas pela Academia, 2 vol. em 8.° 960

V. Paschalis Josephi Mellii Freirii Historiae Juris Civilis Lusitani Liber singularis, 1 vol. em 4.° 640

VI. Ejusdem Institutiones Juris Civilis et Criminalis Lusitani, 5 vol. em 4.° 2400

VII. Osmia, Tragedia coroada pela Academia, *folheto* em 4.° 240

VIII. Vida do Infante D. Duarte, por André de Rezende, *folheto* em 4.° 160

IX. Vestigios da Lingoa Arabica em Portugal, ou Lexicon Etymologico das palavras, e nomes Portuguezes, que tem origem Arabica, composto por ordem da Academia, por Fr. João de Sousa, 1 vol. em 4.° 480

X. Dominici Vandelli Viridarium Grysley Lusitanicum Linnaeanis nominibus illustratum, 1 vol. em 8.° 200

XI. Ephemerides Nauticas, ou Diario Astronomico para os annos de 1789 até 1798 inclusivamente, calculado para o Meridiano de Lisboa, e publicado por ordem da Academia: para cada anno 1 vol. em 4.° 360

O mesmo para o anno de 1824 360

XII. Memorias Economicas da Academia Real das Sciencias de Lisboa, para o adiantamento da Agricultura, das Artes, e da Industria em Portugal, e suas Conquistas, 5 vol. em 4.° 4000

XIII. Collecção de Livros ineditos de Historia Portugueza, desde o Reinado do Senhor Rei D. Diniz, até o do Senhor Rei D. João II, 4 vol. em *folio* 7200

XIV. Avisos interessantes sobre as mortes apparentes, mandados recopilar por ordem da Academia, *folheto* em 8.º . . gr.

XV. Tratado de Educação Fysica para uso da Nação Portugueza, publicado por ordem da Academia Real das Sciencias, por Francisco de Mello Franco, 1 vol. em 4.º . . 360

XVI. Documentos Arabicos da Historia Portugueza, copiados dos Originaes da Torre do Tombo com permissão de S. Magestade, e vertidos em Portuguez, de ordem da Academia, por Fr. João de Sousa, 1 vol. em 4.º 480

XVII. Observações sobre as principaes causas da decadencia dos Portuguezes na Asia, escriptas por Diogo de Couto em fórma de Dialogo, com o titulo de *Soldado Pratico*, publicadas por ordem da Academia Real das Sciencias, por Antonio Caetano do Amaral, Socio Effectivo da mesma, 1 tom. em 8.º 480

XVIII. Flora Cochinchinensis, sistens Plantas in Regno Cochinchinae nascentes. Quibus accedunt aliae observatae in Sinensi Imperio, Africa Orientali, Indiaeque locis variis; labore ac studio Joannis de Loureiro, Regiae Scientiarum Academiae Ulyssiponensis Socii: Jussu Academiae in lucem edita, 2 vol. em 4.º *maior*. 2400

XIX. Synopsis Chronologica de Subsidios, ainda os mais raros, para a Historia, e Estudo critico da Legislação Portugueza; mandada publicar pela Academia Real das Sciencias, e ordenada por José Anastasio de Figueiredo, Correspondente do Numero da mesma Academia, 2 vol. em 4.º 1800

XX. Tratado de Educação Fysica para uso da Nação Portugueza, publicado por ordem da Academia Real das Sciencias, por Francisco José de Almeida, 1 vol. em 4.º . . 360

XXI. Obras Poeticas de Pedro de Andrade Caminha, publicadas de ordem da Academia, 1 vol. em 8.º 600

XXII. Advertencias sobre os abusos, e legitimo uso das Agoas mineraes das Caldas da Rainha, publicadas de ordem da Academia Real das Sciencias, por Francisco Tavares, Socio Livre da mesma Academia, *folheto* em 4.º 120

XXIII. Memorias de Litteratura Portugueza, 8 vol. em 4.º . 6400

XXIV. Fontes Proximas do Codigo Filippino, por Joaquim José Ferreira Gordo, 1 vol. em 4.º 400

XXV. Diccionario da Lingoa Portugueza, 1 vol. em *folio maior*. 4800

XXVI. Compendio da Theorica dos Limites, ou Introducção

ao Methodo das Fluxões, por Francisco de Borja Garção Stockler, Socio da Academia, em 8.º 240

XXVII. Ensaio Economico sobre o Commercio de Portugal, e suas Colonias, offerecido ao Serenissimo Principe da Beira o Senhor D. Pedro, e publicado de ordem da Academia Real das Sciencias, pelo seu Socio D. José Joaquim da Cunha de Azeredo Coutinho. *Segunda Edição corrigida, e accrescentada pelo mesmo Auctor*, 1 vol. em 4.º 480

XXVIII. Tratado de Agrimensura, por Estevão Cabral, Socio da Academia, em 8.º 240

XXIX. Analyse Chymica da Agoa das Caldas, por Guilherme Withering, em Portuguez e Inglez, *folheto* em 4.º . 240

XXX. Principios de Tactica Naval, por Manoel do Espirito Santo Limpo, Correspondente do Numero da Academia, 1. vol. em 8.º 480

XXXI. Memorias da Academia Real das Sciencias, 8 vol. em *folio* 16000

XXXII. Memorias para a Historia da Capitania de S. Vicente, 1 vol. em 4.º 480

XXXIII. Observações Historicas e Criticas para servirem de Memorias ao systema da Diplomatica Portugueza, por João Pedro Ribeiro, Socio da Academia, Part. 1. em 4.º . . 480

XXXIV. J. H. Lambert Supplementa Tabularum Logarithmicarum, et Trigonometricarum, 1. vol. em 4.º . . . 960

XXXV. Obras Poeticas de Francisco Dias Gomes, 1 vol. em 4.º 800

XXXVI. Compilação de Reflexões de Sanches, Pringle &c. sobre as Causas e Prevenções das Doenças dos Exercitos, por Alexandre Antonio das Neves: para distribuir-se ao Exercito Portuguez, *folheto* em 12.º . . . . . gr.

XXXVII. Advertencias dos meios para preservar da Peste. *Segunda edição accrescentada com o* Opusculo de Thomaz Alvares sobre a Peste de 1569, *folheto* em 12.º . . . 120

XXXVIII. Hippolyto, Tragedia de Euripides, vertida do Grego em Portuguez, pelo Director de uma das Classes da Academia; *com o texto*, 1 vol. em 4.º 480

XXXIX. Taboas Logarithmicas, calculadas até á setima casa decimal, publicadas de ordem da Real Academia das Sciencias por J. M. D. P., 1 vol. em 8.º 480

XL. Indice Chronologico Remissivo da Legislação Portugueza posterior á publicação do Codigo Filippino, por João Pedro Ribeiro, 6 vol. em 4.º 4750

XLI. Obras de Francisco de Borja Garção Stockler, Secretario da Academia Real das Sciencias, 1.º vol. em 8.º . . 800

XLII. Collecção dos principaes Auctores da Historia Portugueza, publicada com notas pelo Director da Classe de Litteratura da Academia Real das Sciencias, 8 Tom. em 8.° . 4800

XLIII. Dissertações Chronologicas, e Criticas, por João Pedro Ribeiro, 3 vol. em 4.° 2400

O Tomo IV. Parte I. 400

XLIV. Collecção de Noticias para a Historia e Geografia das Nações Ultramarinas, Tom. I.° Numeros 1.°, 2.°, 3.°, e 4.° 600

O Tomo II. 800

XLV. Hippolyto, Tragedia de Seneca; e Phedra, Tragedia de Racine: traduzidas em verso, pelo Socio da Academia Sebastião Francisco de Mendo Trigozo, *com os textos*, em 4.° 600

XLVI. Opusculos sobre a Vaccina: Numeros I. até XIII. em 4.° 300

XLVII. Elementos de Hygiene, por Francisco de Mello Franco, Socio da Academia. *Terceira edição corrigida, e augmentada pelo mesmo Auctor*, 1 vol. em 4.° 960

XLVIII. Memoria sobre a necessidade e utilidades do Plantio de novos bosques em Portugal, por José Bonifacio de Andrada e Silva, Secretario da Academia Real das Sciencias, 1 vol. em 4.° 400

XLIX. Taboadas Perpetuas Astronomicas para uso da Navegação Portugueza, 1 vol. em 4.° 600

L. Elementos de Geometria, por Francisco Villela Barbosa, Socio da Academia Real das Sciencias. *Segunda edição*, 1 vol. em 8.° 960

LI. Memoria para servir de Indice dos Foraes das Terras do Reino de Portugal, e seus dominios, por Francisco Nunes Franklin, 1 vol. em 4.° 480

LII. Tratado de Policia Medica, no qual se comprehendem todas as materias, que podem servir para organizar um Regimento de Policia de Saude para o interior do Reino de Portugal, por José Pinheiro de Freitas Soares, em 4.° 800

LIII. Tratado de Hygiene Militar e Naval, pelo Socio Joaquim Xavier da Silva, 1 vol. em 4.° 400

LIV. Principios de Musica, ou Exposição Methodica das doutrinas da sua composição e execução, pelo Socio Rodrigo Ferreira da Costa, 2 vol. em 4.° 2400

LV. Tratado de Trigonometria Rectilinea e Spherica, por Mattheus Valente do Couto, 1 vol. em 4.° 300

LVI. Ensaio Dermosographico, ou Succinta e Systematica Descripção das Doenças Cutaneas, &c., por Bernardino Antonio Gomes, 1 vol. em 4.° 1200

LVII. Memorias para a Historia da Medicina Lusitana, por José Maria Soares, 1 vol. em 4.º 300

LVIII. Ensaio sobre alguns Synonymos da Lingua Portugueza, por D. Fr. Francisco de S. Luiz. *Segunda edição*, 1 vol. em 4.º 720

LIX. Grammatica Philosophica da Lingua Portugueza, ou principios da Grammatica geral applicados á nossa Linguagem, por Jeronymo Soares Barboza, 1 vol. em 4.º . . 960

Estão no prelo as seguintes:

Documentos para a Historia da Legislação Portugueza, pelos Socios da Academia, João Pedro Ribeiro, Joaquim de Santo Agostinho de Brito Galvão, e outros.

Collecção dos principaes Historiadores Portuguezes.

Collecção de Noticias para Historia e Geografia das Nações Ultramarinas.

Taboas Trigonometricas, por J. M D. P.

Obras de Francisco de Borja Garção Stockler, Tom. 2.

Obras escolhidas do Padre Vieira.

Indice Chronologico Remissivo da Legislação Portugueza posterior á publicação do Codigo Filippino, por João Pedro Ribeiro, Parte VI.

Collecção de Livros ineditos de Historia Portugueza, 5.º vol. em *folio*.

Memorias da Academia, Tom. IX. Part. I.

Vendem-se em Lisboa *nas lojas dos* Mercadores de Livros na rua das Portas de Santa Catharina; *e em* Coimbra, *e no* Porto *tambem pelos mesmos preços.*

FACULDADE DE FILOSOFIA, CIÊNCIAS E LETRAS DE ASSIS
BIBLIOTECA CENTRAL
REGISTRO DE EMPRÉSTIMO DE LIVRO
CTA — 45-8
Tombo 5.539
Autor S. Luiz, Francisco de
Titulo Ensaio sobre alguns synonymos da Lingua Portuguesa
Classificação

TOMBO: 5.539
FACULDADE DE FILOSOFIA, CIÊNCIAS E LETRAS DE ASSIS
BIBLIOTECA CENTRAL
Se êste livro não fôr devolvido dentro do prazo, o leitor perderá o direito a novos empréstimos.
O prazo poderá ser prorrogado se não houver pedido para êste livro.
MOD. 88-63 - B - 15.000